



TON MARTINS

espiritualidade consiliente

UMA OPÇÃO EXISTENCIAL



A ESPIRITUALIDADE DA CAPA

“Imagine uma teia de aranha multidimensional na alvorada, coberta com gotas de orvalho. Cada gota de orvalho contém o reflexo de todas as outras gotas de orvalho. E, em cada gota refletida, os reflexos de todas as outras, assim por diante até o infinito. Esse é o conceito budista do universo em uma imagem.”

A frase acima é do filósofo britânico-americano Alan Watts que, segundo a Wikipédia, interpretou e difundiu a filosofia oriental para um público ocidental. A imagem descreve a metáfora da rede de Indra, uma teia da divindade védica Indra que se estende infinitamente em todas as direções e que tem, em cada vértice, uma jóia multifacetada que reflete (e está refletida em) todas as outras.

A ideia desse conceito budista é que tudo está profundamente conectado. Tudo reflete e é refletido. Cada jóia tem poder e também responsabilidade. Conceito perfeito de espiritualidade extensa e profunda.

Amantes da estética que somos, eu e Ton buscamos exemplificar na capa desta *reflexiva* e transformadora obra exatamente esse conceito de interconexão do universo. Jóias ligadas em uma teia visível aos olhos do corpo e uma teia visível aos olhos da alma, aquela que fica do outro lado do véu. Boa leitura!

Lucia Fontes

TON MARTINS

espiritualidade consiliente

UMA OPÇÃO EXISTENCIAL







Wellington Martins Junior

Espiritualidade Consiliente

Uma opção existencial

Jundiaí - SP
2022

Copyright © 2022 Wellington Martins Junior

Projeto gráfico e diagramação: Lucia Fontes

Capa: Lucia Fontes

Revisão: Wanderley Carvalho e Paloma Ferraz

Imagem de capa/contracapa/capítulos: vladystock | depositphotos.com

Imagem da orelha da capa: vencav | depositphotos.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

M386 Martins, Ton.

Espiritualidade consiliente : uma opção existencial
[recurso eletrônico] / Ton Martins. – 1. ed. – Jundiá :

W. Martins Junior, 2022.

Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5854-821-8

1. Filosofia e ciência. 2. Cosmovisão. 3. Ordem
(Filosofia). 4. Consciência. 5. Espiritualidade e ciência.
6. Conscienciologia. I. Título.

CDD22: 121

Todos os direitos reservados.

Proibida a cópia, reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte, mediante qualquer forma ou meio, sem a autorização expressa do autor.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	
Os duetos estão chegando! _____	13
INTRODUÇÃO	
A saga do título _____	19
LIVRO I – ESPIRITUALIDADE CONSILIENTE	
• Capítulo 1 O que é? _____	27
• Capítulo 2 Método _____	35
• Capítulo 3 Princípios _____	43
LIVRO II – AS FALSAS DICOTOMIAS	
• Capítulo 4 Conhecimento <i>versus</i> amor _____	53
• Capítulo 5 Liberdade e solidariedade _____	55
• Capítulo 6 Bem e mal _____	65
• Capítulo 7 A solução _____	69
LIVRO III – OS NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA	
• Capítulo 8 Profundidade _____	79
• Capítulo 9 Quocientes de performance _____	87
LIVRO IV – A INTEGRAÇÃO POLÍTICA	
• Capítulo 10 O caminho da paz _____	95
LIVRO V – A INTEGRAÇÃO PSICOLÓGICA	
• Capítulo 11 As forças da psicologia _____	107
LIVRO VI – A INTEGRAÇÃO CARITATIVA	
• Capítulo 12 Entre o peixe, a pesca e o lago _____	115
LIVRO VII – AS POLÊMICAS	
• Capítulo 13 Principais polêmicas da atualidade _____	121
LIVRO VIII – PRÁTICAS	
• Capítulo 14 Modalidades _____	131
LIVRO IX – DEUS	
• Capítulo 15 Fazendo as pazes com Deus _____	139
• Capítulo 16 Por que cheguei a tal conclusão? _____	145
POSFÁCIO _____	159
BIBLIOGRAFIA _____	161
VIDEOGRAFIA _____	163
SÍTIOS ELETRÔNICOS _____	164
ÍNDICE DETALHADO _____	167



PREFÁCIO

os duetos estão chegando

Quando os originais deste livro me chegaram às mãos, fui transportado em pensamento para meados dos anos 1990, quando estávamos às portas da virada de século e milênio. Ato contínuo, lembrei-me das numerosas iniciativas levadas a cabo à época com o intuito de pensar e discutir os rumos da civilização planetária nos mais diversos âmbitos.

Uma dessas iniciativas foi um seminário sobre educação intitulado “Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais”, que acabou dando origem a uma publicação multiautoral homônima. Em um dos capítulos dessa obra, o autor, Boaventura de Sousa Santos, então docente da Faculdade de Economia e do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, declarava estarmos vivendo um período paradoxal: “Nunca foi tão grande a discrepância entre a possibilidade técnica de uma sociedade melhor, mais justa e mais solidária e a sua impossibilidade política”.

Entre os aspectos abordados no referido texto, o Prof. Boaventura destaca a trivialização pela qual passam os grandes problemas humanos, notadamente os conflitos bélicos e a fome. Para ele, o conhecimento científico e tecnológico galgou patamares cada vez maiores de especialização e técnica no século XX, mas, lamentavelmente, acabou contribuindo para que o espanto e a indignação diante do sofrimento alheio quedassem desvalorizados. Tamanho conhecimento, completa o renomado professor, não nos trouxe sabedoria, mas produziu ignorância e, de quebra, fez com que a solidariedade fosse associada a ela. Como via de superação, propõe um modelo edificante de conhecimento científico pautado, entre outros, pelo comprometimento existencial, ético e social, com predominância do *know-how* ético sobre o *know-how* técnico. Propõe ainda o rompimento com dicotomias *do tipo* monoculturalismo x multiculturalismo, promessas x desempenho, sujeito x objeto e natureza x sociedade/cultura, via um paradigma que ele provisoriamente denominou “conhecimento prudente para uma vida decente”.

Cerca de duas décadas e meia depois, os paradoxos continuam os mesmos em sua tipologia, porém amplificados – e portanto agravados – tanto por conta do progresso científico-tecnológico, de um lado, quanto pela miséria, ignorância, conflitos e falta de solidariedade que conseguimos produzir, de outro. Mais ainda, se recuarmos dois mil anos na história

humana, nos depararemos com as mesmas questões básicas, apenas em intensidade e complexidade menores. De lá para cá, a dinâmica sofisticou-se, mas, essencialmente, não nos diferenciamos dos nossos ancestrais. Por outro lado, deixamos para trás elementos fundamentais para a tal “vida decente”: contemplação, espontaneidade, solidariedade e espiritualidade estão entre eles.

Influenciados por dicotomias anacrônicas, ainda bastante valorizadas, tais como corpo x mente, matéria x espírito, razão x emoção e nós x eles, deixamo-nos seduzir por um materialismo artificializante que nos leva ao hedonismo, ao individualismo e ao culto do corpo, do desempenho e do sucesso econômico e social imediato; enfim, uma ode ao ego. Nesse verdadeiro cataclisma existencial, as velhas questões humanas ligadas ao lidar consigo, com o outro e com os sucessos e vicissitudes da vida tornaram-se tão mais difíceis quanto mais relevantes. O ‘outro’, se não fizer parte da mesma ‘tribo’, não merece minha atenção e cuidado e, dependendo do caso, figura como oponente ou inimigo a ser, na melhor das hipóteses, ignorado e, na pior delas, derrotado.

Ton Martins, autor desta inusitada obra e parceiro de longa data em salutares e empolgantes ‘cafés filosóficos’, nos traz aqui uma contribuição ímpar para o enfrentamento dessas e outras questões existenciais de grande relevância e atualidade. Alicerçado em sólido conhecimento teórico e vivencial a respeito das principais esferas da existência humana – a social, a produtiva e a simbólica –, Ton nos propõe assumirmo-nos como seres espirituais, dando o primeiro grande passo no sentido de ampliar ou transcender uma condição humana meramente material.

Assimilada essa condição, surge, por meio do vigoroso, consistente e assertivo discurso do autor, o desafio maior que nos é colocado: exercermos essa espiritualidade sem disputas por território e focados no que realmente importa. A vida neste planeta é multicultural; a realidade mostra-se multifacetada e não se dá a conhecer fácil e diretamente. Portanto, nenhum de nós pode reclamar para si o título de ‘detentor da verdade’. Cada ser humano é singular, único e a ele abrem-se caminhos existenciais com esses mesmos atributos. Os caminhos são vários, mas convergem para um mesmo ponto. Então, por que não aplicar esse raciocínio também à espiritualidade?

Ton Martins vale-se desse princípio e lança um sábio e carinhoso abraço epistemológico sobre as principais vertentes da espiritualidade, valorizando-as naquilo que possuem de mais edificante. Tal conduta justifica o emprego do termo ‘consiliente’ para qualificar a categoria de espiritualidade que emerge de sua proposta integradora, por meio da qual ser-nos-á possível galgar os degraus fundamentais rumo à emancipação, nos âmbitos individual e coletivo. Os degraus alcançados nada mais são do que a superação do egoísmo e das dicotomias anteriormente citadas. São, ao mesmo tempo, conquistas e instrumentos para novas conquistas.

Uma vez entendida a proposta, resta-nos a reflexão profunda para, em seguida, optarmos ou não pela sua adoção. Nesse exercício, Ton nos propõe empregarmos duetos que nos são velhos conhecidos: corpo & mente, matéria & espírito e razão & emoção; e o faremos tanto *nós* quanto *eles*, cada qual orientado pelas próprias convicções, porém todos com um propósito comum e pautados pelo respeito mútuo. Eis uma autêntica postura espiritualista consiliente! Não obstante, a decisão será, sem dúvida, absolutamente individual.

Esta não é uma obra de ficção, portanto qualquer semelhança com pessoas e fatos não deve ser interpretada como mera coincidência. Adicionalmente, sinto-me no dever de advertir o leitor ou a leitora de que, após concluir a leitura deste belo, sensível e alvissareiro texto, ele ou ela não será mais a mesma pessoa. Com algum empenho, a humanidade felizmente também terá mudado. Para melhor, é claro.

Ficam meus votos de uma agradável, reflexiva e transformadora leitura.

Wanderley Carvalho



INTRODUÇÃO

a saga do título

Muitos de nós necessitam de rótulos para estruturar uma sensação de pertencimento. Nesse contexto, o que seria Espiritualidade Consiliente? Uma busca por plenitude? Apenas mais um rótulo? Estaríamos diante de uma filosofia de vida, uma crença religiosa ou uma extensão da ciência para patamares espiritualistas? Poderíamos englobar nesse conceito a Filosofia Integral wilberiana ou alguma filosofia existencialista? Como rotular o “não-rotulável”?

Pois bem, embora quase tudo possa ser observado como mera rotulagem, empregaremos o substantivo “Espiritualidade” em sua máxima extensão e profundidade. O adjetivo “consiliente”, por sua vez, utilizaremos tanto para qualificar uma espiritualidade portadora de miríades de caminhos e opções disponíveis, quanto para indicar a adoção de uma nova possibilidade epistemológica, ou seja, uma inovadora forma de buscar o conhecimento.

Dessa forma, ser-nos-á possível utilizar o fio condutor da coerência e da racionalidade na costura de aspectos luminosos de várias escolas de sabedoria, distanciando-nos de um “-ismo” específico. Diante dessa amplitude conceitual e peculiaridade metodológica, transcenderemos a qualquer agente limitador ou reducionista, sejam as visões separatistas, os coletivismos classistas, as ideologias etnocêntricas ou os rótulos ou sistemas beligerantes quaisquer.

Vivemos numa sociedade que superestima as rotulagens profissional, social, política, intelectual, étnica etc. De todas essas qualificações ou adjetivações, a menos reducionista seria observarmos-nos como espíritos em graus evolutivos diversos. Particularmente, prefiro ver-me como um peregrino da espiritualidade em suas mais diversas jornadas, da política às ciências jurídicas, da filosofia à psicologia, dos reducionismos ideológicos à cosmovisão.

Um consiliente *não espiritualista*, nos moldes estabelecidos pelo proponente do termo, William Whewell (1794-1866) – que também cunhou a palavra “cientista” – não se limita a um único estudo, pois busca a unidade do conhecimento pela observação das “coincidências” de induções extraídas de raciocínios distintos.

Até aqui, tudo parece bem com Whewell, bem como com Edward Osborne Wilson (1929-2021), autor da obra *A unidade do conhecimento: consiliência*. Todavia, notei que o foco desses notáveis autores estava circunscrito às ciências naturais. Enfim, senti falta de integrações espiritualistas na concepção original do termo “consiliência”, além de posicionar-me para além de um certo reducionismo rousseauiano de Wilson ao considerar avanços civilizacionais e tecnológicos como “dispositivos protéticos para manter vivos a biosfera e nós mesmos”.¹ Em síntese, a presente obra estende a metodologia consiliente das ciências naturais para as ciências humanas e espiritualistas, em seu sentido mais amplo.

Embora o raciocínio de Wilson detenha inegável coerência, os avanços civilizacionais não devem ser vistos apenas como “prótese” enfraquecedora da vida, mas também em seus aspectos luminosos. Afinal, sem tais avanços não teríamos condições de alimentar e abrigar os bilhões de seres humanos atuais em nosso planeta. Ouso dizer que a simples supressão da tecnologia a que chamamos “energia elétrica” causaria um morticínio maior que as lamentáveis guerras fratricidas.

Em suma, aplicaremos o adjetivo “consiliente” em sua essência mais ampla e integrativa, tanto no campo existencial como no território epistemológico. Em palavras simples e com certa jocosidade do autor brasileiro Orlando Pavani Júnior,² um pesquisador consiliente deveria praticar duas técnicas, a saber:

- Conheça alguma coisa sobre quase tudo.
- Aprenda quase tudo sobre alguma coisa.

Uma espiritualidade consiliente, além de acolher os avanços civilizacionais como edificantes etapas de nosso processo evolutivo, apresenta-se nas antípodas dos reducionismos limitantes, mas também os acolhe para libertá-los de suas próprias reduções, separatismos, exclusivismos e extrema carência de uma perspectiva, de fato, integrativa e, acima de tudo, *explicitamente* espiritualista. Em suma: o problema não está na velocidade

1 WILSON, Edward O. *Consiliência: a unidade do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p. 287.

2 PAVANI JÚNIOR, Orlando. *30 leis do olho de tigre*. 2.ed. São Paulo: Literare Books Internacional, 2020, p. 280.

do avanço civilizacional nos campos intelectual e tecnológico, bem como nos diversos ramos do conhecimento, mas na lerdade do avanço moral.

Importante esclarecer que até mesmo uma pesquisa reducionista pode ser útil, desde que seja uma porta de entrada da ciência para estudo ou apreciação de sistemas mais complexos. Não é por outro motivo que Wilson apontou que “a complexidade é o que interessa ao cientista no final, não a simplicidade. O reducionismo é a forma de compreendê-la”.³

O problema, portanto, está no reducionismo enquanto prisão ou como um encarcerador de ideias transcendentais, condição que o torna um agente limitador ou bloqueador de visões mais ousadas. Ao contrário de usar o reducionismo, o cartesianismo e todas as suas especialidades como via de acesso para a compreensão de patamares superiores, a humanidade permitiu seduzir-se pelo efeito limitante dessas abordagens, aceitando a consequente exclusão de possibilidades que serviriam como trampolim para saltos mais altos. Assim, ao longo desta obra, usaremos o termo “reducionismo” em sua acepção restrigente.

A sociedade moderna, talvez entorpecida pela ilusão materialista, deixou de considerar as pepitas descobertas pela ciência como uma empolgante indicação de que o filão principal está próximo. O materialismo transformou a ínfima pepita no próprio tesouro e contentou-se com as migalhas no lugar do banquete. Eis o reducionismo sombrio.

Isso posto, cabe-me esclarecer a proposta do termo “espiritualidade” como substantivo e “consiliente” como adjetivo. Nossa proposta parte da “espiritualidade” como base paradigmática e a busca pelos valores espiritualistas através de múltiplas possibilidades que o conceito de “consiliência” proporciona. Assim, partiremos de nossas respectivas espiritualidades pelas mais diversas vias sem contrapô-las. Enfim, buscamos o conhecimento consiliente como ferramenta facilitadora do estudo sistematizado de nós mesmos e do universo que nos circunda, sob a égide de uma existência espiritual.

3 WILSON, Edward O. Consiliência: a unidade do conhecimento. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p. 51.

Em outras palavras, o substantivo escolhido leva-nos para nossas relações com o universo e suas dimensões, abarcando todos os temas, polêmicos ou não, inclusive as abordagens sobre Deus, espírito, alma, energia e matéria. Por seu turno, o adjetivo “consiliente”, agregado ao termo “espiritualidade”, amplia sua acepção originária como agregador de conhecimento e coloca-o, definitivamente, em integração de tudo e todos sob a égide espiritualista, no sentido mais amplo e transcendente do termo.

Uma espiritualidade consiliente, ou seja, verdadeiramente *sem fronteiras*, somente adquirirá legitimidade e autoridade moral na hipótese de, corajosamente, enfrentar todos os reducionismos limitadores, incluindo os que se julgam “cosmovisionários”, mas que não passam de fragmentos de uma verdade maior. Transcenderemos o nefasto reducionismo materialista, em quaisquer de suas facetas, entre elas as trágicas tiranias políticas, os despotismos centralizadores e o infame materialismo histórico supostamente científico. Tais reducionismos materialistas não passam de engodos, utopias, ilusões ou, na melhor das hipóteses, meias-verdades.

Após a publicação de quatro obras sobre temas aparentemente desconexos, percebi a transversalidade das mais diversas áreas do conhecimento. O interesse por uma espiritualidade consiliente emergiu após décadas reflexivas sobre algumas perspectivas que se apresentam como cosmovisões transcendentais ou panaceias salvacionistas, mas escorregam em grotescos reducionismos e materialismo. Muitos se imaginam “holísticos”, mas são espiritualmente “atomísticos”.

O método espiritualista consiliente, semelhantemente à Filosofia Integral, abraça amorosamente e integra a contribuição de várias vertentes científicas, filosóficas e religiosas, sistematizando-as sob um único eixo. Todavia, a nossa proposta apresenta um método de interações endógenas e exógenas (intra e extramuros, internas e externas), além de uma explícita praticidade assistencial: os bons e efetivos resultados humanitários.

Portanto, o método espiritualista consiliente acolhe os ingênuos e os ignorantes, mas procura a lucidez; abraça os materialmente miseráveis, mas prefere a autossuficiência; perdoa a imoralidade, mas pratica a justi-

ça reparatória; respeita a autonomia científica, filosófica e religiosa, mas fomenta as respectivas integrações éticas; enfim, tolera a infantilidade sofista, mas estimula a busca socrática da verdade.

Sintetizamos esse introito através da importante distinção entre a Espiritualidade Consiliente e o mero Ecletismo. Este último, analogamente, seria um campo de estudos diversos desprovido de método específico, numa espécie de “vale-tudo” intelectual com uma “salada-mista” nas mãos. Não é essa a nossa proposta.

A Espiritualidade Consiliente derruba os muros separatistas, mas utiliza a fina peneira do bom-senso, da coerência, da racionalidade, de seu método peculiar e flagrante integração e enfrentamento de todos os temas espirituais. Justamente por suas peculiaridades metodológicas e explícito acolhimento espiritualista, nossa proposta diferencia-se do método integral wilberiano (integração de perspectivas) ou da Espiral Evolutiva (integração dos níveis de consciência), propostos pelos respeitabilíssimos pensadores Ken Wilber (1949-) e Clare W. Graves (1914-1986), respectivamente.

Numa conceituação negativa, podemos dizer que a Espiritualidade Consiliente, ora proposta, *não* se confunde, nem de longe, com o homem-econômico de Marx, o homem-cívico das democracias agnósticas, o homem-sexual de Freud, o homem-ateu do comunismo e seu materialismo histórico, o existencialismo-atéista de Sartre e, menos ainda, com o super-homem de Nietzsche, mas sim com o homem-espiritual ou, se preferirem, o ser-espiritual que momentaneamente habita um corpo material.

Também caminhamos pelas antípodas dos falsos integralismos políticos que, na verdade, mais excluem do que incluem, ao mesmo tempo que mantemos distanciamento estrutural de quaisquer tipos de segregacionismos ou reducionismos limitadores. Por fim, também não nos encaixaremos no termo “transcendentalismo” ou “homem-transcendental” da vertente kantiana. O pseudo-holismo também será objeto de nossa avaliação. Infelizmente, tais termos foram usados numa concepção distante da amplitude espiritualista que mereciam.

No campo das similaridades, podemos citar ligações com a Filosofia Integral wilberiana, com a citada Espiral Evolutiva e com o fantástico tripé espiritista exposto no trinômio *ciência-filosofia-religião*. Também verificamos alguma sintonia com a cientificidade da visão conscienciológica, com a seriedade da notável perspectiva racionalista cristã, com os postulados espiritualistas *lato sensu*, entre outras conexões importantes. Todavia, nossa ampliação da metodologia consiliente para o campo espiritual não representa ou fala em nome de uma vertente específica, nem se confunde com alguma escola teológica.

Esclarecemos, com a devida ênfase, que a Espiritualidade ora proposta deseja honrar o real significado dos adjetivos “transcendental”, “holístico” e “cosmovisionário”, palavras fantásticas cuja utilização, diante da tibiez do enfrentamento dos temas espiritualistas, lamentavelmente diminuiu-lhes o alcance conceitual. Nossa proposta estrutura-se numa base de amor, respeito e ação assistencial em favor de todos, independentemente de partidarismos, reducionismos, segregacionismos, vertentes filosóficas ou quaisquer muros de separatividade.

Por derradeiro, o pesquisador espiritualista consiliente, a exemplo dos honrosos investigadores das demais vertentes transcendentais, supera o materialismo, seja ele supostamente científico, filosófico ou político, e jamais flertará com coletivismos fundamentalistas, materialismos históricos, ideologias reducionistas ou ingênuas utopias. Acima de tudo, o espiritualista consiliente refletirá sobre tudo, expresso sinteticamente pelo trinômio *Deus-espírito-matéria*, baseado em robusto constructo racional.



LIVRO I

espiritualidade
consiliente

O QUE É?

capítulo 1

CIÊNCIA

Estaríamos diante de um novo paradigma cosmovisionário? O Holismo, a Conscienciologia ou a teoria de sistemas seriam esses novos paradigmas? A resposta depende de outra pergunta: o que está incluso nesses paradigmas? Haveria lugar para Deus, espírito, matéria, política e polêmicas diversas nesses honrosos postulados? O Holismo e a teoria de sistemas focaram nas inter-relações ecológicas; a Conscienciologia tornou-se por demais refratária ao debate sobre a existência (ou não) de Deus.

A Espiritualidade Consiliente abre-se para o diálogo com doutrinas cristãs, budistas, hinduístas, estudos científico-espiritualistas ou parapsicológicos, dentre outros, a fim de enfrentar todas as questões transcendentais ao materialismo. Todavia e paradoxalmente, não descartaremos as eventuais contribuições de cientistas e filósofos materialistas, mas insistiremos em incluir os temas espiritualistas no debate acadêmico e em universos polarizados, como o ideológico e o político, ambos desesperadamente carentes de um paradigma racionalmente transcendente.

Eis o primeiro norte inclusivo: não se joga o bebê (essência) com a água do banho (reducionismos). O principal ponto de contato da espiritualidade consiliente com as vertentes espiritualistas está na transcendência ao materialismo. Aliás, utilizar-me-ei da expressão empregada pelo filósofo norte-americano Ken Wilber – “*transcendência e inclusão*” – para expressar a ligação entre Espiritualidade e Ciência.

No tocante aos paradigmas científicos ou vertentes espiritualistas que integram algum método científico em sua estrutura e, concomitantemente,

superaram o reducionismo materialista, consigno expressamente importantíssimas influências em ordem alfabética:

- Espiritismo Cristão⁴
- Espiral Evolutiva⁵
- Filosofia Integral⁶
- Projeciologia⁷
- Psicologias Transpessoal e Integral⁸
- Racionalismo Cristão⁹
- *Rerum Novarum*, Encíclica Papal¹⁰
- Teoria sistêmica ou “holística”¹¹

Faltam-me palavras e adjetivos para expressar minha gratidão a cada uma dessas fantásticas escolas de sabedoria. A abençoada doutrina espírita brindou-me com a importância da caridade no caminho do altruísmo e da reforma íntima, além de extensa, profunda e admirável literatura; a Espiral Evolutiva mapeou a sequência evolutiva em níveis de consciência, integrando-os em empolgante estrutura; a Filosofia Integral presenteou-me com nada menos que uma robusta cartografia integral; a Projeciologia facilitou-me os estudos sinonímicos espiritualistas; as Psicologias Transpessoal e Integral viabilizaram-me solidez argumentativa validadora da transcendência; o Racionalismo Cristão lembrou-me da disciplina e da austeridade para qualificação dos trabalhos espiritualistas; a Encíclica Papal *Rerum Novarum* trouxe-me reflexões políticas fundamentais e, finalmente, a teoria sistêmica deu-me a comovente noção de que não evoluímos *no* planeta, mas sim *com* o planeta.

Assim, a presente proposta possui sua faceta científica através de um estudo amplo, mas esse suposto ecletismo cessa ao estabelecermos uma epistemologia ou metodologia própria, devidamente preocupada com a coerência e a consiliência integrativa dos temas. Entendemos que o verdadeiro cientista estará sempre disposto a ampliar suas possibilidades

4 KARDEC, Allan. O livro dos médiuns. Paraná: IED Editora, 2019.

5 BECK, Don Eduard; COWAN, C. Crhistopher. Spiral dynamics. Nova Jersey: BlackWell, 2007.

6 WILBER, Ken. Obras completas.

7 VIEIRA, Waldo. Projeciologia. São Paulo: Folio, 2008.

8 WILBER, Ken. Psicologia integral. São Paulo: Kairos, 1993.

9 SILVA, Glaci Ribeiro da. Racionalismo cristão e ciência experimental. São Paulo: Ibis, 2004.

10 Papa Leão XIII. Rerum Novarum: sobre a condição dos operários. São Paulo: Ed. Sapiência, 2020.

11 CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 2012.

metodológicas e, assim como fez o codificador da doutrina espírita, não refutaremos uma hipótese sem antes verificá-la na sua mais completa profundidade. Nesse diapasão, ecoamos as seculares inquietações filosóficas e religiosas: O que somos? De onde viemos? Para onde vamos? O que é Deus nisso tudo? Seria Ele algo a ser delegado para futuras reflexões ou um pressuposto essencial ao aprofundamento de qualquer debate?

FILOSOFIA

Iniciamos a estrutura filosófica da Espiritualidade através de quatro escolas de pensamento que integram a Filosofia em seus postulados transcendentais, a seguir listadas em ordem alfabética:

- Espiritismo cristão.
- Filosofia integral wilberiana.
- Filósofos clássicos.
- Racionalismo cristão.

O Espiritismo Cristão possui uma tríplice estruturação que porta edificante estímulo para todos os pensadores e interessados em temas transcendentais: ciência, religião e filosofia. No campo científico, destaca-se a observação metodológica dos fenômenos espiritualistas, cujo inegável pioneirismo é creditado ao codificador espírita Allan Kardec (1804-1869). Quanto ao aspecto filosófico, ressaltamos as consequências morais emergentes de seus postulados. Outro merecido destaque no campo filosófico contemporâneo destinamos ao estadunidense Ken Wilber e sua Filosofia Integral.

Em outras palavras, a metodologia científica não é inimiga da filosofia ou das religiões. Justamente o contrário, matéria, razão e transcendência complementam-se harmonicamente, bastando à humanidade desenvolver amplitude consciencial para tal despertar. Os fenômenos observáveis e reveladores das relações entre encarnados e desencarnados, as religiões baseadas numa fé-raciocinada e a própria filosofia profunda caminham para a aceitação do trinômio Deus-espírito-matéria. Finalmente, cabe-nos o questionamento racional sobre as consequências morais que decorrem de tais relações.

A Filosofia Integral wilberiana delega-nos um interessante modelo concomitantemente inclusivo e classificatório. Os quatro quadrantes

wilberianos, cuja síntese apresentaremos nos capítulos seguintes, maapeiam tudo e todos num poderoso abraço integral digno do nosso respeito intelectual.

Ao lado de nosso aplauso aos robustos mapas integrais wilberianos, que delimitam e integram todos os assuntos, julgo relevante reiterar a advertência de que mapas são úteis e importantes, porém o deambular pela trilha evolutiva não depende de mapas e sim da efetiva caminhada, enfim, de nossa determinação em sermos hoje um pouco melhores do que fomos ontem.

A vertente racionalista cristã também absorve aspectos científicos e, igualmente, pode ser interpretada como filosofia de vida a caminho de uma existência retilínea, digna e proveitosa, tanto no plano material como no espiritual. Revela-nos leis naturais, imutáveis e transcendentas, além de pontuar o universo como Força e Matéria, ou seja, muito além do reducionismo materialista.

Dos filósofos clássicos, poderíamos destacar desde a trinca de ouro da Antiguidade, Sócrates-Platão-Aristóteles, passando pelos notáveis pensadores medievais católicos Agostinho de Hipona (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274), até inúmeros pensadores atuais, entre eles um dos mais brilhantes filósofos brasileiros de sua época, Farias Brito (1862-1917),¹² que transcendeu e criticou corajosamente o positivismo materialista e seus reducionismos políticos e morais.

Uma espiritualidade consiliente acolhe, entusiasticamente, as contribuições reflexivas das filosofias e dos filósofos citados, não somente com profunda gratidão, mas também com máximo respeito. Entretanto, procuramos estabelecer nossa própria estrutura de pensamento, integrando as preciosidades filosóficas citadas, mas destacando a obrigação ética de assumirmos o protagonismo de nossas respectivas existências e harmonizá-las com as leis naturais, atemporais e não-locais que regem esse infinito universo multidimensional.

12 MARTINS, Ton. Tributo a Farias Brito. Disponível em: <https://tonmartins.com.br/tributo-a-farias-brito/>

RELIGIÃO

Na jurisdição religiosa, influenciado pela mesologia ocidental, reconheço nas vertentes cristãs verdadeiros portentos conectivos entre filosofia e religião. Entretanto, também honraremos as preciosas contribuições do Oriente, que apontam para o equilíbrio das forças fundamentais do universo, concomitantemente antagônicas e complementares. Tal equilíbrio, simbolizado pelos famigerados “*yin-yang*”, masculino-feminino, quente-frio etc., exhibe interessante paralelismo filosófico com seus primos ocidentais expressos na bela gravura de William Blake (1757-1827), onde Beemote e Leviatã são representados dentro de um círculo e recebem o toque transcendente e não-dual do dedo de Deus (Figura 1).

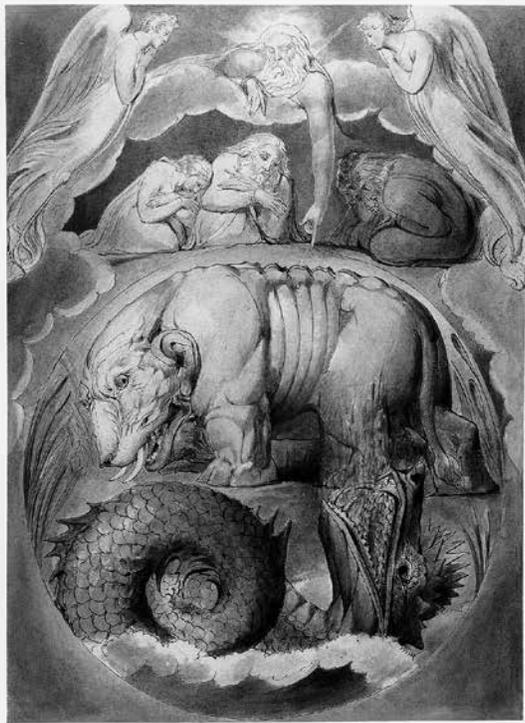


Figura 1 – Beemote e Leviatã em gravura de William Blake.

Sistemas reducionistas interpretarão tradições ocidentais e orientais de espiritualidade como competidoras ou opositoras. A espiritualidade consiliente acolherá tais sistemas em harmonização sistêmica de estilo wilberiano. Assim, todos os sistemas espiritualistas ocidentais e cristãos

poderão abraçar as demais vertentes orientais como nossas irmãs, credoras de nosso carinho e respeito, sejam elas budistas, iogues, meditativas, vedânticas etc.

Muito além de nossas tolas disputas egocêntricas, estão os valores civilizatórios e pacifistas em torno do amor ao próximo. Infelizmente, a história da humanidade nos impõe tristes lembranças, pois praticamos guerras fratricidas usando tanto a ciência (mau uso tecnológico), como as distorções religiosas (más interpretações) ou filosóficas (reducionismos sombrios).

Lamentavelmente, enquanto humanidade, desconectamo-nos do desejado pacifismo e de nossa essência espiritual. São chegados os tempos reconectivos, o que nos leva ao reconhecimento de que os valores humanitários merecem não somente integração teórica, como também adoção prática entre cientistas, filósofos e religiosos.

PERSPECTIVA

A espiritualidade consiliente valida não somente as interações endógenas (internas) a cada ramo do conhecimento, mas também suas conexões exógenas (externas), ambas em harmonia com o paradigma espiritualista. Estamos no limiar de uma nova era e de uma perspectiva conectiva “*intra*” e “*extramuros*”, para assumirmos possibilidades vinculadas através e além dos binômios “dentro-fora”, “*endo-exo*”, “*intra-extra*”, “espírito-matéria”, ou ainda algo mais impactante: “Criador-criatura”.

Nesse momento de abordagem e perspectiva sem fronteiras, destacaremos a frase de Thomas Jefferson (1743-1826) a fim de iluminar a eloquência com que desejamos enfatizar essa cosmovisão inclusiva, na busca de nos adequarmos aos novos tempos de transição planetária:

“É tolice uma sociedade apegar-se a velhas ideias em novos tempos, como é tolice um homem tentar vestir suas roupas de criança”.

E para aqueles que imaginaram alguma violência revolucionária como veículo para um novo modelo ético, afirmamos que a espiritualidade consiliente seguirá em caminho oposto. Repudiamos abertamente os reducionismos e as ideologias materialistas que nos levaram à flagrante

degradação moral hodierna (ano base: 2022), pois nossa senda sempre será trilhada sob a égide do pacifismo. Vejamos dois textos nesse sentido:

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”.¹³

“Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgue. Há movimento, mas esse não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano”.¹⁴ (grifo do autor)

Restam claríssimos o pacifismo, o humanismo e o universalismo intrínsecos a uma espiritualidade sem fronteiras, seja pelo viés ocidental ou oriental. Por fim, no momento em que a espiritualidade consiliente parecia ter-me revelado sua principal faceta, estimulando sua perspectiva pacifista e conciliadora dos ramos científicos, filosóficos e religiosos, um novo desafio surgiu-me vigorosamente: qual seria sua vocação epistemológica?

EPISTEMOLOGIA

Epistemologia, em palavras simples, seria o estudo da aquisição do conhecimento. Em suma, a natureza, as etapas e limites dos diversos ramos do saber. Os estudos epistemológicos destacam as trajetórias do conhecimento, seus paradigmas estruturais e conexões transversais através de aspectos subjetivos (individuais), intersubjetivos (culturais), objetivos (comportamentais) e interobjetivos (sociais).

A espiritualidade consiliente, em apertada síntese, abarca e estende as estruturas epistemológicas científica (comprovação), filosófica (razão) e religiosa (revelação) sob a égide de um critério próprio, ao mesmo tempo abrangente e peculiar.

O método espiritualista consiliente, portanto, inclui as metodologias adjetivadas de científicas¹⁵ e suas inúmeras vertentes, o notável método kardequiano¹⁶ qualificador das revelações espirituais, os poderosos filtros da

13 Bíblia (Matheus 5:5).

14 I Ching. Trecho escolhido como introdução da obra O Ponto de Mutação, de Fritjof Capra.

15 Método científico = Instrução (procedimento) + Apreensão (percepção) + Confirmação (comparação).

16 1. Empirismo racional. 2. Controle universal das comunicações. 3. Duplo caráter revelatório (fonte espiritual e execução humana).

lógica aristotélica, a demanda vivencial conscienciológica¹⁷ e a adaptação wilberiana da visão de São Boaventura e seus três olhos do saber¹⁸ (olho da carne,¹⁹ da mente²⁰ e do espírito²¹). Enfim, todas essas importantes contribuições que podem agregar-se ao arsenal de possibilidades epistemológicas abarcadas pela espiritualidade consiliente.

Uma última questão: já que o método espiritualista consiliente inclui uma infinidade de procedimentos comprobatórios, questionadores e reveladores pretéritos, quais seriam suas particularidades metodológicas?

17 MACHADO, Daniel. O que é o Princípio da Descrença e como aplicá-lo? Disponível em: <https://campus-ceaec.org/o-que-e-o-principio-da-descrenca/>

18 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 75-89.

19 *Sensibilia* ou sensorial: prioridade da ciência materialista.

20 *Intelligibilia* ou inteligência mental: prioridade filosófica.

21 *Transcendelia* ou transcendente: prioridade religiosa.

ATEMPORALIDADE E NÃO-LOCALIDADE

As principais características materialistas são a transitoriedade e a contextualização. Porém, a verdade soa-nos imutável e naturalmente integrada em nossa consciência. Por exemplo, houve um tempo em que a escravidão foi justificada por leis mundanas, mas jamais essa teratologia passou ou passará pelo crivo de uma moral transcendente à qual todos temos acesso ao consultarmos nossa consciência profunda. O método espiritualista consiliente e sem fronteiras, portanto, exigirá reflexões epistemológicas ou metodológicas para além do eixo tempo-espaço.

Diante da premissa exposta, um dado tido como verdadeiro, se limitado a determinados aspectos temporais ou locais, deve ser observado com cautela, pois representará uma mera suposição interpretativa da verdade, reduzida a tais limitações. Entretanto, diante da existência de verdades atemporais, como interpretar o “relativismo moral” ou o chamado “multiculturalismo”?

O multiculturalismo funda-se numa falsa premissa: a igualdade moral entre todas as culturas. Tal movimento encontra-se acorrentado aos paradigmas temporais e locais, encarcerados a determinado momento histórico ou cultural. Nesses dolorosos reducionismos, residem hediondas racionalizações para os mais sanguinolentos morticínios. Alguns desses trágicos reducionismos escondem-se em frases consideradas politicamente corretas como “tudo é relativo” ou, como dissemos, na falsa equivalência moral entre todas as culturas.

Muitos fatos desmentem as falácias do absolutismo da teoria do relativismo moral, pois existem práticas culturais que denotam primitivismo ou

imaturidade espiritual, outras seguem em sentido oposto. Até mesmo a frase “tudo é relativo” não consegue suportar o efeito bumerangue sobre si mesma, pois se tudo fosse realmente relativo, a própria “relatividade” estaria sujeita ao relativismo. Em suma, restam moralmente deslegitimadas algumas práticas culturais,²² outras não.²³ Outras facetas culturais portam uma ética atemporal e não-local transcendente²⁴ e alguns outros grupos representam apenas a ingenuidade ou a irreflexão de seus praticantes.²⁵

Dos reducionismos aos pensamentos acolhedores, inclusivos ou consilientes, como queiram, recomendamos o maravilhoso trecho de uma irradiação contida na obra *Prática do Racionalismo Cristão*: “as leis que regem o universo são naturais [não-locais] e imutáveis [atemporais] e a elas tudo está sujeito [novamente a não-localidade]”.

Em síntese, a busca pela verdade parece-nos exigir a transcendência da cronologia e da limitação espacial. Enfim, o primeiro critério metodológico espiritualista consiliente está na verificação da atemporalidade e não-localidade do dado analisado, eis que a perenidade deve nortear a busca pela verdade, mormente como profilaxia de fronteiras limitadoras como os modismos de determinada época ou território.

Eis o primeiro e estreito filtro metodológico para identificarmos se estamos diante de mera tendência interpretativa que não passa de bobagem fugaz ou diante de uma verdade perene. A partir dessa peneira metodológica, resta-nos a questão sobre inocentes panaceias salvacionistas: utopia ou distopia?

DISTOPIA EXEMPLARISTA

Adotamos explicitamente a distopia exemplarista como metodologia. O critério distópico é um dos maiores, senão o maior, desafios da modernidade (ano base: 2022). Vivemos na era dos ressentimentos,²⁶ das fragi-

22 Escravidão, infanticídios (triste prática cultural de algumas tribos), infibulações, touradas, “farra do boi”, rinhas de galo etc.

23 Comprar presentinhos natalinos para as crianças.

24 Bíblia (Mateus, 22:39): Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

25 Mutilações estéticas, como o alongamento de pescoços, lábios, orelhas etc.

26 PONDÉ, Luiz Felipe. A era do ressentimento. São Paulo: Leya, 2014.

lidades morais da conhecida “geração *mi-mi-mi*”,²⁷ das utopias políticas,²⁸ das terceirizações de nossas mazelas personalíssimas,²⁹ das tiranias ideológicas³⁰ e da absoluta desconexão entre o verbo e o próprio exemplo, como constatamos entre os políticos distributivistas do dinheiro alheio e seus genuflexos adoradores.

O momento é de gloriosa e evolutiva transição planetária, mas a necessária faxina levantou a poeira escondida nos cantos mais sombrios do orbe terrestre. Abundam exemplos em ações desrespeitosas a símbolos religiosos,³¹ imoralidades³² vendidas como “arte” revolucionária,³³ proselitismos invadem salas de aula,³⁴ além da manipulação política dos currículos.³⁵ Lamentavelmente, convivemos numa sociedade em que escândalos de corrupção estouraram como pipocas no micro-ondas,³⁶ pandemias são reduzidas a disputas eleitoreiras,³⁷ ideologias de gênero confundem crianças,³⁸ veículos midiáticos sucumbem a interesses político-partidários, além de inúmeros instrumentos artísticos serem financiados pelo erário público a serviço da degradação moral.³⁹

Nesse cenário de horror, urge um método capaz de separar o joio do trigo, ou seja, isolar nossas influências mesológicas e nossas pueris soluções utópicas daquilo sobre o que, de fato, temos autoridade moral para opinar. Diante disso, eis a pergunta metodológica: meu sistema de valores baseia-se em minha própria conduta? Exemplifico em outra questão: se advogo o distributivismo, distribuo meus próprios recursos?

27 PONDÉ, Luiz F. Expressão coloquial “mi-mi-mi”. (Luiz Felipe Pondé): Disponível em: <https://youtu.be/Q8mv-cEAYChO>

28 Utopia política: lutar por uma sociedade imaginária que elevaria os indivíduos à perfeição.

29 Resquício rousseauiano de uma suposta nobreza primitiva que culpa a sociedade por fraquezas individuais.

30 Doutrinações ideológicas e até mesmo partidárias, em escolas e universidades.

31 Manifestação de Arcebispo católico sobre o desrespeito aos símbolos cristãos. Disponível em: <https://youtu.be/haDDltbA3uE>

32 G1. Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>

33 Leia Já Pernambuco. Performance que explora o ânus em cartaz em São Paulo. Disponível em: <https://www.leijaja.com/cultura/2019/02/12/performance-que-explora-o-anus-em-cartaz-em-sao-paulo/>

34 NAGIB, Miguel. Doutrinação ideológica. Disponível em: <https://youtu.be/uwSpMNIWRjg>

35 Supressão de autores, como Mises, Hayek, Friedman, Rothbard, Scruton, Chesterton, Burke, Leão XIII, Oakeshott etc.

36 Escândalos de corrupção: “mensalão”, “petrolão”, “rachadinhas” etc.

37 Jornal da USP. Politização da pandemia serve a fins eleitorais, mas não à ciência. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/politizacao-da-pandemia-serve-a-fins-eleitorais-mas-nao-a-ciencia/>

38 FRANCO, Divaldo. Ideologia de gênero (Divaldo Franco). Disponível em: https://youtu.be/3KZ3bH3U_ec

39 Ilisp. 10 iniciativas “artísticas” bizarras financiadas com nossos impostos. Disponível em: <http://www.ilisp.org/artigos/iniciativas-artisticas-bizarras-financiadas-com-nossos-impostos/>

Na hipótese negativa, estaremos diante de narrativas utópicas, retóricas, populistas e carentes de autoridade moral. A isso chamamos de *discurso vazio*. O campo político dá-nos os mais ricos exemplos das falácias populistas, pois os adeptos de ações distributivistas compulsórias, em geral, pretendem fazê-las com capital alheio. Reiteramos a questão sob o prisma moral: praticaste tua utopia em teus próprios recursos? Afirmativa a resposta, dispensa-se o discurso, pois teu exemplo será mais eloquente que teu verbo. Negativa a resposta, sugerimos repensares teus valores morais.

Em conclusão, por todos os motivos acima relatados e por inúmeros outros abordados em tópicos diversos, estabelecemos o critério da *distopia exemplarista* como uma das principais colunas de sustentação da metodologia espiritualista consiliente. Nessa direção, integraremos a poderosíssima frase atribuída a Gandhi: “seja a mudança que deseja ver no mundo”.

UNIVERSALIDADE ÉTICA

A universalidade do resultado ético como agente metodológico independente complementa o pragmatismo *distópico-exemplarista*, que obviamente mantém maior intimidade com as ciências humanas. Em suma, ultrapassamos o universo da intencionalidade (boa-intenção), pois não nos basta a questão: isso beneficiou alguém? O critério da universalidade ética exige o questionamento adicional: alguém foi injustiçado?

Se beneficiou um ou muitos, mas injustiçou quem quer que seja, a ação deve ser considerada reducionista, jamais espiritualista consiliente. Nesse diapasão, toda integração deve portar concretude humanista, ou seja, ser portadora de uma robustez vivenciada no campo da trinca filosófica *bom-belo-verdadeiro*. Em suma, a partir de certo patamar espiritual, impor-nos-emos a inclusão da ética universalista em nosso caldeirão metodológico.

Fora da universalidade ética do resultado como metodologia espiritualista sem fronteiras, estaremos diante de meras hipóteses assistenciais que demandam prudência e o máximo acautelamento para que evitemos precipitações fomentadoras de uma equivocada interpretação da falsa espiritualidade consiliente como verdadeira.

RELAÇÃO PROCESSO-RESULTADO

Outro importante agente metodológico e profilático de equívocos interpretativos está na vinculação entre processo e produto, que chamaremos de relação *processo-resultado*. Em palavras mais simples, se constataremos um resultado indesejado, evitemos a imaturidade dos escapismos utópicos e saibamos que ele é o exato fruto do processo aplicado.

A questão das variáveis externas ao experimento merece atenção, mas desde que tomemos o devido cuidado para evitar a negação ou o “negaçionismo” (para usar um termo da moda) do nexos causal. A título de exemplo, vejamos o nexos entre regime político e fluxo migratório. Aprofundemo-nos no caso citado: em povos de tradições similares expostos a dois regimes políticos, constatamos o mesmo fluxo migratório majoritariamente de um determinado regime para outro. Lembremos das Alemanhas Ocidental e Oriental, da Coreias do Sul e do Norte, de Hong Kong e do restante da China, dos EUA e de Cuba e, mais recentemente, do Brasil e da Venezuela. Como dissemos, o fluxo migratório repete-se na fuga de um determinado regime em direção a outro. Coincidência?

A metodologia da relação *processo-resultado* levará o pesquisador a, no mínimo, desconfiar dessa suposta “coincidência”. Na verdade, o espiritualista consiliente tratará a questão, até prova em sentido contrário, como uma sintonia lógica e causal entre processo e resultado. Em outras palavras: causa e efeito.

Analogamente, o procedimento científico (instrução) assemelha-se ao caminhar por determinada trilha. Ao chegarmos ao final do caminho, cabe-nos observar o destino (apreensão do resultado) e não nos revoltarmos contra ele, eis que a repetição do mesmo caminho levar-nos-á para o mesmo destino (confirmação pela comparação).

Observará o leitor atento que descrevemos acima a essência do método científico voltado aos territórios da objetividade empírica de John Locke (1632-1704) e todo o conjunto de verificações suplementares. Respeitamos, integramos e aplaudimos as refutabilidades do genial pensador austríaco Karl Raimund Popper (1902-1994) e as influências paradigmáticas

de Thomas Kuhn (1922-1996), mas optamos por adotar como método científico tradicional a analógica formulação matemática:

Método científico = Instrução + Apreensão + Confirmação.

A metodologia espiritualista consiliente integrará o método científico e cartesiano de viés objetivo e estendê-lo-á para os territórios subjetivos, intersubjetivos e interobjetivos, sejam eles jurisdições psicológicas, meritorias, culturais, jurídicas e, principalmente, espiritualistas.

Poderíamos citar um impactante esclarecimento extraído da doutrina espírita, no sentido de nossa reforma íntima, sem a qual mereceremos exatamente a mesma colheita até então experimentada. A mesma abordagem poderíamos usar em linguagem racionalista cristã, no sentido de que pensamentos de mesma frequência vibratória atrairão sempre o mesmo resultado. Em linguagem conscienciológica, somente através do autocohecimento e do autoenfrentamento para efetiva reciclagem intraconsciente, atrainos algo diferente com nossas energias.

Em suma, não há condenações eternas ou prisões perpétuas sob o prisma espiritualista consiliente, mas simples constatação relacional entre causa e efeito. Nesse sentido, o próprio Jesus não condenou uma suposta “pecadora”. No caso em questão, pareceu-me que o Nazareno reconheceu o problema (em linguagem oriental: lei do carma⁴⁰) e, de forma compreensiva e bondosa, apenas fomentou a não repetição do erro (reforma íntima). Senão vejamos: “Nem eu te condeno; vai e, de agora em diante, não peques mais”.⁴¹

Enfim, ao verificarmos os resultados obtidos (apreensão), cabe-nos adquirir lucidez sobre o processo que nos levou a isso (instrução), não raro confirmado por insistente reincidência (confirmação) ou repetição de experiências. A relação *processo-resultado* como agente metodológico traz-nos a consciência sobre o vínculo transcendente de causa-efeito constantemente negligenciado por pesquisadores desavisados, em espe-

40 Lei do carma ou karma (do sânscrito): é aquela que ajusta a relação de causa e efeito a uma justiça transcendente, além de oportunizar não somente um resgate espiritual, mas também o aprendizado dela decorrente. Similar à lei de causa e efeito espírita e racionalista cristã. O termo veio das vertentes budistas, hinduísta e jainista e foi adotado por vertentes espiritualistas ocidentais.

41 Bíblia (João 8:11).

cial nas ciências humanas. Em apertada síntese: colhemos no presente o plantio pretérito.

Nossas frustrações ou revoltas estão mais vinculadas a nós mesmos que a agentes externos. O caminho metodológico da observação material ou “exterior” (que chamamos de “científico”) também pode ser utilizado no campo dos sentimentos ou pensamentos. Ao utilizarmos os mesmos ingredientes e o mesmo procedimento para fazermos um bolo, teremos sempre o mesmo bolo. Do exterior ao interior, um processo psíquico denota um estado de consciência que, na hipótese de sua manutenção, tenderá a produzir o mesmo efeito.

Sobre as tendências na produção de um mesmo resultado, devemos manter nossa atenção sobre a influência de impactos externos e alterações dos resultados. Todavia, como na análise gráfica de tendências financeiras, teremos incertezas momentâneas (meras tendências), mas verdades estatísticas na verificação de longo prazo, onde eventuais influências infrequentes são diluídas e a relação causa-efeito pode ser verificada de forma mais direta e cristalina, mitigando-se os ruídos exteriores pontuais.

Por fim, vejamos um interessante pensamento einsteiniano que pode ser utilizado no presente momento, como reflexão analógica que sintetizo na seguinte paráfrase: “A vida é como jogar uma bola na parede: se for jogada azul, voltará azul; se for jogada verde, voltará verde; se for jogada fraca, voltará fraca; se jogarmos com força, voltará forte. Por isso, nunca jogue uma bola na vida de forma que você não esteja pronto a recebê-la... Tudo que a vida faz é retribuir e transferir aquilo que nós lhe oferecemos”.

Ampliemos multidimensionalmente tais máximas e atingiremos a compreensão espiritualista de que somos, ou melhor, “estamos” o resultado de nossas próprias escolhas. Em suma, nossos desafios existenciais estão alinhados com nosso passado multidimensional. Portanto, esse agente metodológico, desde que não esteja enclausurado em si mesmo (fator em que tropeçou o behaviorismo), delega-nos importante critério investigativo sobre o mais importante objeto de nossa pesquisa, para onde devemos direcionar eventuais reclamações: nós mesmos.

INTERAÇÃO METODOLÓGICA

Ao respeitarmos toda a universalidade metodológica penosa e heroicamente construída por notáveis intelectuais que nos precederam, poderíamos dizer que essa universalidade ou leque ferramental de possibilidades perfaz outra particularidade espiritualista consiliente.

Sob a égide desse sistema inclusivo, nossa caixa de ferramentas metodológicas ofertar-nos-á o método científico clássico, a polêmica navalha de Ockham, do frade franciscano do século XIV, Guilherme de Ockham (1288-1347), bem como a indução e a dedução, as três etapas do método integrativo wilberiano, o método vivencial conscienciológico e a fantástica metodologia kardequiana, obviamente acrescida dos agentes metodológicos essenciais e peculiares da espiritualidade consiliente.

SUBJETIVO

A estrutura de valores espiritualistas abraça a subjetividade absolutamente personalíssima e individualíssima. Nesse contexto, palavras como “autonomia” e “liberdade” superam seus respectivos significados dicionarizados e incorporam aspectos valorativos e principiológicos relacionados a cada indivíduo. Eis a palavra-chave deste contexto: “livre-arbítrio”.

Nessa seara, os exemplos mais eficazes somos nós próprios, ou seja, nossas respectivas aptidões, vocações e tendências. Afinal, de que maneira ofertamos o melhor de nós mesmos ao universo? Resposta: sendo nós mesmos.

Um contraponto poderia ser arguido nesse particular: o que faremos com nossos conteúdos egoicos? Isso também não faria parte de “nós mesmos”? A resposta é negativa. Para esclarecermos a questão, integraremos um conceito da Psicologia Transpessoal segundo o qual nossa consciência profunda seria portadora das preciosas chaves existenciais para nós mesmos.

Nesse particular, temos uma diferenciação importante entre ego e essência. Nossas amarras egoicas e nossas imaturidades são justamente aquilo que *não somos*. Nossos aspectos sombrios são justamente aquilo que “estamos”, ou seja, assumem uma situação provisória (não essencial). Justamente por essa transitoriedade, podemos dizer que se trata do “não-ser”.

Na esteira desse raciocínio, seria recomendável desenvolvermos a capacidade de consultarmos nossa consciência profunda, absolutamente desprovidos das citadas amarras egoicas e seus mecanismos de defesa elaborados por nosso “gozinho” embolorado (“homem-velho”, no linguajar

espírita), feitas para ocultar um “não-ser” que, por essa conceituação, não faz parte da nossa essência. Tal postulado da Psicologia Transpessoal, embora contestado por bons pensadores, merece nossa atenção. Deixo a Figura 2 para nossas reflexões:



Figura 2 – Postulado transpessoal sobre essência, ego e mecanismos de defesa.

Em outras palavras, não se trata de colocar uma máscara de bondade em nosso “não-ser” desprovido de qualquer partícula de amor e esquecido por Deus. Ao contrário, o objetivo seria remover a casca deslustrosa que não pertence à nossa essência, para que possamos verdadeira e espiritualmente emanar nosso brilho. Em suma: o mergulho é para dentro, não para fora.

Devemos enfrentar galhardamente o aforismo oriundo da Grécia Antiga: “conhece a ti mesmo”. Feliz ou infelizmente, na esfera individual, posso apenas oferecer ao leitor o meu próprio exemplo. Atuo melhor em trabalho focado, sem interrupções e em isolamento reflexivo, exatamente como estou neste exato momento. Isso não é bom, nem ruim, é apenas uma característica através da qual minhas potencialidades assistenciais

emergem com maior facilidade. Portanto, a espiritualidade consiliente abraça-me afetosamente para acolher meus esforços da maneira mais adequada à minha personalidade.

Da mesma forma e com igual acolhimento, a espiritualidade consiliente abraçará alguém que otimize seu rendimento assistencial por meio do contato com o público, em ambientes movimentados por vibrantes e animadas interações. Isso tampouco será bom ou ruim, mas apenas uma característica pessoal vocacionada para tal contexto.

Assim, o primeiro valor espiritualista consiliente é a liberdade, consubstanciada no mais absoluto respeito ao livre-arbítrio do próximo e também do nosso. A expressão bíblica “amarás o teu próximo *como a ti mesmo*”⁴² implica que devemos respeitar o próximo (inclusão do semelhante) e também cuidar para que sejamos respeitados (inclusão de nós próprios). Nesse momento, destacaremos o segundo trecho do pensamento bíblico, grafado em itálico: “*como a ti mesmo*”.

Na seara subjetiva, temos os desenvolvimentos espirituais, os tratamentos emocionais, as motivações íntimas e os méritos personalíssimos, sobre os quais as principais questões são:

- O que isso significa para mim?
- O que sinto sobre isso?
- Qual a minha intenção?
- Como interpreto essa ou aquela situação ou determinado pensamento?

A exclusão de nossa essência implicará em problemas futuros, oriundos de repressões inconvenientes e frustrações que varremos para as sombras do inconsciente. Essa postura excludente opõe-se ao valor integrativo de conhecer-se e valorizar-se. Chamamos a postura saudavelmente inclusiva em relação a nós mesmos de *autoestima*.

INTERSUBJETIVO

Firmados os valores subjetivos, impõe-nos o cuidado de não descambar-mos para o pântano do egoísmo. Enquanto a saudável autoestima ilu-

42 Bíblia (Mateus 22:27).

mina, os excessos narcísicos ameaçam-nos com a escuridão egocêntrica. Nesse momento, surge a necessidade intersubjetiva.

Nessa fantástica jurisdição ética ou intersubjetiva, edificamos nossos valores relacionais e nossa preocupação com o sofrimento alheio. Analisemos a mesma expressão bíblica citada anteriormente: “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*”. Notem os amigos leitores que o nosso destaque em itálico, neste momento, foi para a primeira parte da expressão: “*amarás o teu próximo*”.

Na seara intersubjetiva temos os valores ou significados culturais sobre os conceitos de justiça e de ética, a partir dos quais emergem as principais questões:

- Qual a nossa cultura?
- Quais os valores coletivos?
- Isso é bom?

Aqui temos um nó filosófico, a saber: o que é bom? Eis novamente a importância de integrarmos o conceito de Deus como máxima expressão da trinca filosófica *bom-belo-verdadeiro*. Considerada tal integração, o conceito de bom passaria pelo alinhamento de nossa essência e nossa manifestação (pensamentos, sentimentos ou ações) às leis naturais e imutáveis que regem o universo ou, ao menos, o mais próximo delas que conseguirmos. Numa linguagem alegórica, quase poética, seria como se Deus soprasse o primeiro oboé para que os demais músicos alinhasssem toda a orquestra no mesmo diapasão.

No campo prático, como saberíamos se nossos instrumentos estão alinhados com o diapasão espiritual? A resposta demandará a consulta honesta e silenciosa à nossa própria consciência. Se trabalharmos galhardamente em nossa evolução moral, a evolução virá pela lei do progresso. “Buscai e achareis”.⁴³ A expressão evangélica parece-me aplicável ao contexto, assim como a frase análoga “ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará”.⁴⁴ Busquemos em nossas respectivas consciências portando

43 Bíblia (Mateus, 7:7).

44 KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XXV. Paraná: IED, 2021, p. 299, versão digital.

as virtudes da sinceridade e da modéstia e, certamente, encontraremos respostas talvez indigestas para nosso ego, mas certamente edificantes para nosso espírito.

Eventual exclusão de nossos irmãos de caminhada também implicará em problemas futuros, oriundos de posturas hedonistas e infantilidades ego-cêntricas típicas de uma triste imaturidade espiritual. A postura oriunda do hedonismo narcísico reducionista exclui o próximo e opõe-se à ética assistencial e à caridade integrativa. No campo espiritualista consiliente, abraçamos, respeitamos e ajudamos a nós mesmos (autoestima) e ao próximo (empatia). A isso chamamos de altruísmo.

OBJETIVO

Na seara objetiva temos o empirismo científico cartesiano, a verificação comportamental, os tratamentos medicamentosos ou cirúrgicos, onde as principais questões são:

- O que isso faz?
- Qual o comportamento disso?
- Como observo isso?
- Como isso funciona?

A exclusão do pragmatismo, do olhar para o exterior, da análise isolada das peças colapsaria praticamente toda a ciência, considerando sua estruturação pelo paradigma newtoniano-cartesiano,⁴⁵ fomentador de uma visão detalhada de cada elemento. A espiritualidade consiliente incluirá, mas também transcenderá o isolacionismo analítico.

A inclusão do cartesianismo está motivada pela necessidade do bom funcionamento de cada peça para que o relógio indique a hora correta. A transcendência da análise meramente cartesiana baseia-se no fato de que os componentes de um relógio, ainda que absolutamente perfeitos, perderão seu propósito maior de indicar as horas se estiverem isolados sobre uma mesa.

⁴⁵ Expressão em homenagem aos estupendos cientistas Isaac Newton (1643-1727) e René Descartes (1596-1650).

Por isso, o método espiritualista consiliente acolhe a contribuição cartesiana e aplaude todas as especializações científicas, mas também demanda por suas conexões. O mundo moderno possui uma palavra que retrata o paradigma científico newtoniano-cartesiano: *especialidades*. Em geral, a visão sistêmica prefere outra palavra-chave: *interações*. A espiritualidade consiliente valida ambas.

INTEROBJETIVO

O campo interobjetivo estrutura-se na teoria sistêmica, que busca a explicação sobre a interconectividade entre todas as coisas existentes no mundo material, que simplificaremos pela relação *homem-natureza*. Reiteramos a analogia anterior entre as peças de um relógio e suas conexões, mas acrescentaremos didaticamente uma comparação entre uma solução objetiva e outra interobjetiva para uma doença.

Um médico extrai um tumor com sucesso e o problema parece resolvido. Vale dizer, o oncologista (*especialista* em tumores) adota a postura cartesiana e busca resolver o problema focado em sua objetividade pragmática. O desenlace do procedimento é comemorado, o médico é bem remunerado e todos retornam alegremente aos seus afazeres. Eis a solução cartesiana, ou seja, uma atuação objetiva (cirurgia) e exterior (remoção do tumor).

Pois bem, a atuação cirúrgica resolve um problema pontual, mas esbarra em dificuldades sistêmicas para uma ampliação em larga escala, sejam elas econômicas, estruturais, sociais, ecológicas etc. Estamos diante de um primeiro desafio que demandará a inclusão de soluções interobjetivas.

Digamos ainda que a manifestação do citado tumor seja oriunda de fatores poluentes ou estressantes, provenientes do caótico frenesi metropolitano. Nesse cenário, a doença poderia retornar de alguma outra forma no mesmo organismo (complicação pontual), como também não resolveria a incidência de tumores em larga escala (complicação sistêmica). Eis o problema interobjetivo que transcende a solução cirúrgica e alcança questões ambientais, mesológicas e estruturais, tais como a falta de leitos hospitalares ou acessibilidade, dentre tantos outros problemas relacionados. Eis o aspecto interobjetivo na visão ou relação sistêmica.

A VISÃO SISTÊMICA É HOLÍSTICA?

Embora legítimo e digno de integração, o pensamento sistêmico gerou certa confusão, pois foi interpretado equivocadamente como um pensamento holístico.

Na verdade, a visão sistêmica também possui seus limites e encontra-se igualmente reduzida aos aspectos exteriores (não-subjetivos), apesar de consideravelmente mais abrangentes que a análise cartesiana. A obra *O ponto de mutação*, do físico austríaco Fritjof Capra (1939-), e sua excelente versão cinematográfica⁴⁶ não eliminaram ou condenaram o pensamento cartesiano, apenas reconheceram suas limitações, mas ainda assim não enfrentaram a questão com a amplitude necessária.

Nessa linha de raciocínio, a espiritualidade consiliente aprecia e aplaude a teoria sistêmica, mas também admite suas limitações. No exemplo de nossa hipotética cirurgia, digamos que o problema ambiental da poluição (sistêmico) fosse corrigido e a solução cartesiana da cirurgia lograsse êxito. Pois bem, mesmo eliminados os fatores objetivos (solução cartesiana) e interobjetivos (solução sistêmica), ainda restariam os aspectos subjetivos como as angústias, as neuroses, resgates cármicos ou espirituais personalíssimos etc. Por fim, o agente estressor também poderia advir pela via intersubjetiva, seja por práticas culturais degradantes ou relacionamentos portadores de toxidade interpessoal.

A beleza da visão sistêmica está na prevenção, não apenas na intervenção. Todavia, ela não abarca, ao menos explicitamente, as conexões subjetivas, intersubjetivas e espiritualistas na amplitude da perspectiva espiritualista consiliente. Pois bem, retornemos ao exemplo que utilizamos até agora.

Para que possamos adjetivar uma solução verdadeiramente holística, necessitaremos da mencionada cirurgia bem-sucedida na visão cartesiana (objetividade), da solução do problema sistêmico (interobjetividade), de uma saudável reforma íntima (subjetividade), a pacificação interpessoal com familiares, amigos (intersubjetividade) e ainda atentar para todo o oceano espiritualista.

46 *O Ponto de Mutação* (filme de 1990).

No citado universo espiritualista, incontáveis questões emergem e desafiam-nos. Vejamos como um único exemplo espiritualista impactaria todo o raciocínio supra: haveria pendências espirituais ou resgates interdimensionais no eixo saúde-doença? Portanto, a solução sistêmica é fantástica e merece todo o nosso respeito e admiração, mas não possui a abrangência necessária para ser identificada como uma solução espiritualista consiliente. Em suma, a teoria de sistemas é legítima, mas limitada por sua área de atuação: a interobjetividade.

PRINCÍPIOS ESPIRITUALISTAS CONSILIENTES

Nossos princípios abraçam a autoestima sadia dos amantes da autonomia e da liberdade, bem como o altruísmo de nossos valentes praticantes da caridade e amor ao próximo. E não paramos por aí, pois também comemoramos o especialismo cartesiano de nossos preciosos cientistas e a teoria sistêmica dos defensores de ecossistemas sustentáveis. Tudo isso fartamente regado por premissas transcendentais ao reducionismo de um carcomido materialismo.

A espiritualidade consiliente acolhe as conquistas materiais e espirituais, além de todo o espectro das visões subjetiva, intersubjetiva, objetiva e interobjetiva. Esse acolhimento respeita as respectivas áreas de atuação, mas também fomenta um diálogo interassistencial e simbiótico entre tais universos.

Eis o esplendor de uma epopeia conectiva entre visões e dimensões, horizontalidades e verticalidades, ou seja, extensão e profundidade. Elevaremos tais questões até as últimas consequências, inclusive enfrentando a existência (ou não) de Deus. Eis a cosmovisão efetivamente abrangente e sem fronteiras, da qual nada se esconde ou escapa. Portanto, qualquer aplicação isolada ou que reduza o escopo reflexivo não poderá ser considerada espiritualista consiliente, motivo pelo qual passaremos à importante análise das falsas dicotomias.



LIVRO II

as falsas dicotomias

CONHECIMENTO VERSUS AMOR

capítulo 1

A FALÁCIA “ISSO *VERSUS* AQUILO”

Essa expressão intitulou a introdução de minha primeira obra,⁴⁷ onde procurei esclarecer os problemas do reducionismo ou dos fanatismos em torno dessa ou daquela vertente ideológica.

As polarizações raivosas, lamentavelmente comuns no meio político atual (ano base: 2022), delegam-nos tristes exemplos de intolerância, pois todos temos bocas, mas nos faltam ouvidos para os argumentos do semelhante. Migramos das fogueiras de corpos para as fogueiras de reputações, nas chamas da maledicência social ou ideológica. Aliás, vale a lembrança bíblica: “E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu?”⁴⁸

Frequentemente, observamos lamentáveis demonstrações do isolacionismo entre conhecimento e amor; outras vezes, notamos a tormentosa carência de ambas as virtudes. Urge, portanto, desenvolvermos nosso conhecimento e praticarmos o amor, integrando-os na epopeia evolutiva em torno do bem.

POR QUE INTEGRAR?

A sabedoria popular cunhou o bordão “de boa intenção, o inferno está cheio”. O citado coloquialismo pode ser interpretado por inúmeros ângulos. Um deles segue no sentido de que a intenção desprovida da ação não resolve o problema. Vale dizer, nossa mera intenção de erradicar ou minimizar a fome torna-se inútil para o esfomeado na esquina de nossa residência. Ajudaríamos muito mais se fôssemos até ele com um prato de comida.

47 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 17.

48 Bíblia (Mateus, 7:3).

Apesar de acolhermos essa primeira interpretação contida no jargão popular analisado, focaremos nossa atenção em outro aspecto ainda mais curioso, que nos levará a uma reflexão impactante de que a ética, a boa-intenção e até mesmo o amor pelo semelhante devem estar sempre bem acompanhados pelo conhecimento, a fim de nos dotarmos de lucidez e discernimento sobre as íntimas ligações entre liberdade e solidariedade. Abundam exemplos entre nós, especialmente entre pais e mães em relação a seus filhos, que esbanjam amor, mas escorregam na superproteção, nem sempre luminosa.

Assim, em resposta à indagação que intitula o presente tópico, afirmamos que o casamento entre conhecimento e amor é vital para a gloriosa efetividade assistencial de nossas ações. Em resumo, podemos estar repletos de boas intenções, mas precisamos também de discernimento para diferenciarmos as verdadeiras ações caritativas das inconvenientes intromissões.

A produção cinematográfica baseada na clássica obra espírita *Nosso Lar*⁴⁹ brinda-nos com uma passagem em que o personagem principal tenta socorrer uma entidade enferma, mas, desprovido das melhores condições fluídicas para tal auxílio, provoca mais problemas que soluções, apesar das melhores intenções.

No campo da oratória, auxiliar o próximo depende não somente da boa vontade fraterna, mas também de condições técnicas e lucidez para a utilização do verbo com sabedoria. Na dúvida, o silêncio será a melhor companhia, o que me faz lembrar do sábio conselho de minha saudosa avó materna: “falar é prata, calar é ouro”.

Por fim, seja no território da palavra, dos sentimentos, dos pensamentos ou das ações em seu sentido mais amplo, abrangente e espiritual, destacamos a integração de toda e qualquer faixa vibratória a serviço do bem e da positividade de qualquer assistência em ação.

49 XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. 64.ed. São Paulo: FEB, 2014.

LIBERDADE E SOLIDARIEDADE

capítulo 5

A INTEGRAÇÃO DO INDIVÍDUO

Alguns pensadores contemporâneos consideram que vivemos numa era de ressentimentos.⁵⁰ Outros filósofos descrevem a modernidade como “a morte de Deus”, a mercantilização da vida, a perda de valores e do sentimento existencial, tudo isso sintetizado na frase de Max Weber (1864-1920): “desencanto do mundo”.⁵¹

Oscilamos entre a egotria narcísica e o extremo oposto do fanatismo coletivista, ambos patológicos. O resultado desse movimento pendular oscila entre tiranias individualistas e despotismos coletivistas e vice-versa. A constatação dessa fricção entre legítimos valores individuais e coletivos restou flagrante pela impolidez argumentativa e tensões expostas nas redes sociais eletrônicas, onde a exclusão da cortesia no debate público ficou conhecida como “cancelamentos”, “lacrações”, “mitadas” etc.

Desconectamo-nos de nossa própria essência e perdemos o endereço de nós mesmos, numa espécie de derretimento de nossa personalidade preconizada por inúmeros pensadores que anteviram o conceito de “homem-massa”,⁵² “massa de manobra”,⁵³ “curral eleitoral”⁵⁴ ou, na linguagem política contemporânea, “gado”.⁵⁵

Não há como negar a característica de nossa época, avessa a qualquer responsabilidade personalíssima e refratária da honradez de assumirmos

50 PONDE, Luiz Felipe. A era do ressentimento. São Paulo: Leya, 2014.

51 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos: integrando ciência e religião. São Paulo: Ed. Cultrix, 1998, p. 16-17.

52 Termo cunhado pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) na década de 1930.

53 Massa de manobra. Disponível em: <https://ilmg.org.br/voce-e-massa-de-manobra/>

54 Curral eleitoral. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Curral_eleitoral/

55 KERTZMAN, Ricardo. Vida de gado: o que faz lulistas e bolsonaristas agirem da mesma forma. Disponível em: <https://blogs.uai.com.br/opiniaosemmedo/2021/01/27/vida-de-gado-o-que-faz-lulistas-e-bolsonaristas-agirem-da-mesma-forma/>

os ônus e bônus de nossas próprias escolhas. Em suma, vivemos na era da terceirização de nosso protagonismo e infantilmente elegemos coletividades culpadas por nossos equívocos individuais. Covardia moral? Infelizmente, somos obrigados a reconhecer a existência de certa tibiez no campo da integridade, da distinção e da dignidade.

A covardia moral manifesta-se em escapismos psicológicos, ou seja, mecanismos de defesa do ego⁵⁶ destinados a culpar, demonizar ou vilificar algum terceiro ou coletividade supostamente responsável pela nossa angústia individual, imatura e incapaz de suportar o peso de nos responsabilizarmos por nossa própria condição existencial.

Curiosamente, o “homem-massa” contemporâneo compreende o conceito, mas acredita que apenas no “pasto do vizinho” existam fanatizados rebanhos ideológicos. De fato, sua análise não está de todo equivocada, pois existem bovinos totalmente abobados do outro lado da cerca. Todavia, o crítico ideológico consegue reconhecer o “bovinismo” do próximo, mas tem dificuldade para aceitar o seu próprio. Eis novamente a deficiência para enxergarmos a trave contida em nossos próprios olhos.⁵⁷

Doutrinas políticas e ideologias materialistas são covardemente impostas aos jovens em formação, seja por incautos professores, seja por políticos populistas que habilmente manipulam currículos escolares e ceifam deliberadamente os autores libertários, liberais clássicos e conservadores, que fomentariam nos alunos um saudável diálogo com a vertente social democrata. Vale dizer, vivemos em tempos reducionistas da desejada amplitude no debate político acadêmico, escravizando-o a uma única perspectiva. Eis, nesse exemplo, em alto e bom som, o problema do reducionismo.

A maioria de nós conhece a expressão “a culpa é da sociedade” ou já escutou algum chiste ou comentário preconceituoso contra alguma categoria específica, como se um coletivo implicasse, necessariamente, em vilanias pessoais. Para outros coletivos, a patrulha preconceituosa enaltece-os

56 Projeção (mecanismo de defesa do ego): atribuir a outras pessoas ou grupos, comportamento característico de si mesmo.

57 Bíblia (Mateus, 7:3).

como se fossem agraciados por auréolas de santidade. Eis novamente a falácia dicotômica “isso *versus* aquilo”. O fanatismo coletivista é tão imaturo quanto as rivalidades entre grupelhos infantis.

Infelizmente, ainda são muitos os movimentos e ideologias que reduzem suas equivocadas visões a toscos modelos “nós *versus* eles” – triste derivação do “isso *versus* aquilo” – fomentadoras e corresponsáveis por guerras tribais entre coletivos, lamentáveis lutas entre classes, assassinas perseguições etnocêntricas aos nossos irmãos judeus, reducionismos em torno do materialismo histórico marxista e seus equivocados materialismos supostamente científicos ou, ainda, por preconceitos contra as chamadas classes sociais, seja média,⁵⁸ baixa ou alta.

Enfim, houve a desintegração do indivíduo para dissolvê-lo num coletivo qualquer, o que representa um terreno fértil para as despóticas engenharias sociais coletivistas e ceifadoras de nossas sagradas liberdades individuais e diversidade.

O movimento espiritualista consiliente, em primeiríssimo lugar, reintegra o indivíduo como protagonista de sua própria jornada existencial, nutrindo-o de *adultidade* e responsabilidade para experimentar as consequências de seus próprios pensamentos, sentimentos e atitudes. As leis transcendentais de causa e efeito, da sintonia vibracional ou de atração lançam luzes sobre a seguinte máxima que ora ressaltamos: cada um de nós é herdeiro de si mesmo.

A INTEGRAÇÃO DA LIBERDADE

*“O qual recompensará cada um segundo suas obras”.*⁵⁹

Sem liberdade inexistirá escolha ou mérito, restando-nos a escravidão e o fatalismo. Aliás, um dos gigantes divulgadores do Cristianismo primitivo, Paulo de Tarso, preveniu-nos sabiamente que “tudo nos é possível, mas nem tudo nos convém”.

58 Discurso de ódio à classe média (Marilena Chauí). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s-FIRrS6UiwM>

59 Bíblia (Romanos 2:6).

Pois bem, utilizando-nos de uma lógica religiosa, poderíamos nos questionar: se Deus nos concedeu o livre-arbítrio individual, teriam nossos governantes, ainda que em nome de uma suposta democracia, a autoridade moral para suprimi-lo? Sob o prisma materialista, o livre-arbítrio também encontra seu espaço de legitimidade, pois o conceito de abuso de autoridade encontra-se consagrado pelas leis humanas positivadas. Em suma: não somos escravos de governantes ou de leis tirânicas.

Por outro lado, o livre-arbítrio passa longe de ser uma panaceia para infinitas soluções, pois a eliminação dos regramentos talvez causasse a eclosão da rusticidade ainda presa ao “homem-velho”, que sobrevive nos recantos escuros de nossas imaturidades. Ao abraçar a liberdade, a espiritualidade consiliente convida-nos à reflexão sobre a responsabilidade a ela agregada, a fim de assumirmos não somente o bônus, mas também o ônus de nossas próprias escolhas.

A compreensão popular sobre liberdade encontra-se sedimentada nas limitações individuais em face ao território coletivo. Até aqui, tudo parece caminhar bem. Todavia, quando falamos em limitação do coletivo em relação ao indivíduo, parece ocorrer uma falha ou *bug* no sistema mental das pessoas. Esse hodierno fenômeno social é oriundo do efeito *zeitgeist*⁶⁰ ou efeito paradigma.⁶¹

Não raro, as pessoas confundem tirania da maioria^{62,63} com democracia.⁶⁴ Infelizmente, o despotismo coletivista é silencioso e, portanto, ainda pior que um ditador personificado num ego inflado. A ditadura da maioria não tem rosto e, comumente, é acobertada por frases populistas e demagógicas como “tudo pelo social”, “para o bem do povo”, “pelo bem maior” ou algum argumento retórico supostamente “em prol da comunidade”.

Vejamos um exemplo simples, até mesmo pueril, mas com elevado poder didático: a escolha da cor de nossa rua é legítima jurisdição coletiva e deve ser objeto do instrumento democrático; porém, a cor do seu quarto de

60 *Zeitgeist*: termo alemão que significa espírito da época ou sinal dos tempos.

61 KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. 13.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

62 GABEIRA, Fernando. Ditadura do proletariado. Disponível em: <https://youtu.be/cP5PGY08vbs/>

63 MAGALHÃES, Vera. Ditadura do proletariado. Disponível em: <https://youtu.be/311w66Zpyuw/>

64 PONDÉ, Luiz Felipe. Ditadura da maioria. Disponível em: <https://youtu.be/elw6ON4KrrM/>

dormir, de sua preferência estética ou profissional são áreas de legítimo domínio individual, onde uma eventual invasão coletivista ou votação supostamente democrática tornar-se-iam tirânicas.

Posto o presente diagnóstico desafiador e gerador de inúmeras lides e inglórios embates, insistimos na solução integrativa baseada na legitimação de ambas as jurisdições, tanto a *individual-libertária* como a *coletiva-solidária*, cada qual com seu espaço de autonomia e interações recíprocas norteadas pelo respeito e reconhecimento dos seus próprios e respectivos limites.

A INTEGRAÇÃO DO COLETIVO

A integração do coletivo é tão legítima e necessária quanto a destacada integração do indivíduo. Validada a atuação personalíssima em toda a sua grandiosidade e interações meritórias, estéticas, estilo e predileções profissionais, cabe-nos o cuidado para não transformarmos o legítimo território do pronome “*eu*” na triste jurisdição do “*eu solitário*”.

Nasce, portanto, o desafio de integrarmos um indivíduo em relação a outro, por meio da ideia de unidade coletiva subjacente ao pronome “*nós*”. Importante destacarmos que o acolhimento do espaço coletivo não destrói ou desintegra o indivíduo, mas atua na exaltação respeitosa dos vínculos e limites entre tais campos de atuação.

Assim como uma molécula não deve eliminar seus átomos, não podemos falar em coletivo sem o respeito aos campos estritamente individuais. Dito isso e somente cumprida a premissa libertária, podemos e devemos aplaudir a legitimidade e a suma importância do território do pronome “*nós*” ou jurisdição do “*eu solidário*”.

A evolução do “*eu solitário*” para o “*eu solidário*” é exemplo magno da espiritualidade consiliente, pois conserva a identidade personalíssima do pronome “*eu*” e amplia-a para uma consciência integrativa dos outros indivíduos através da solidariedade.

A referida solidariedade acolhe o próximo como nosso parceiro de jornada, construindo um espaço harmônico para inúmeras personalidades ou individualidades manifestarem-se enquanto protagonistas de suas respectivas

existências e, ao mesmo tempo, comungarem da alegria contida na fraternidade simbiótica e capaz de otimizar tanto a nossa evolução particular, como a dos sistemas multidimensionais em seu conjunto. A compreensão de que inexistirá o “todo” sem o respeito à singularidade da “parte” é identificada por este autor como uma das maiores carências – talvez a maior – da patológica deturpação coletivista contemporânea (ano base: 2022).

Lembremos que, no momento em que a tirania perde seu rosto, escondendo-se furtivamente em coletividades ou no sagaz conceito gassetiano de “homem-massa”, ela se torna perigosamente mais grotesca. Afinal, o lobo mais difícil de enfrentar é aquele dissimulado por uma pele de cordeiro, pois seu sorrateiro deambular desloca-se pelas sombras do seu próprio inconsciente.

Portanto, meus amigos, após identificarmos a patologia coletivista, cabe-nos ressaltar que o coletivismo saudável não porta nenhuma novidade e possui mais de dois mil anos. Relembremo-nos da orientação cristã ou dos códigos de conduta que apontam para o amor e o respeito transcendentais ao poder temporal, sejam regramentos religiosos ou laicos, filosóficos ou jurídicos, antigos ou atuais. Em suma, a prática desses ensinamentos valorosos em torno do amor é mais importante que a disputa sobre suas origens.

Na integração do coletivo, confundimos hierarquias naturais com opressivas, disciplina com autoritarismo e assim os tempos modernos moldam personalidades carentes da tenacidade necessária para enfrentar as vicissitudes de nossa experiência material. Como já dissemos, fomos de um individualismo narcísico para um coletivismo fanático, ambos patológicos. Nesse sentido, ecoo a frase contida na obra *Ave, Cristo*:⁶⁵ “A hierarquia existirá sempre como sustentáculo inevitável da ordem”.

A espiritualidade consiliente inclui a liberdade individual, a solidariedade coletiva e todas as relações saudáveis entre ambas, obviamente desprovidas das respectivas patologias: o egocentrismo e o fanatismo.

65 XAVIER, Francisco Cândido. *Ave, Cristo*. São Paulo: FEB, 1953, p. 168.

A INTEGRAÇÃO DA SOLIDARIEDADE

*“Onde está escrita a lei de Deus? Na consciência”.*⁶⁶

A questão destacada causa-nos admiração não somente pela perspicácia da pergunta, mas também pela assertividade da resposta. A brilhante reflexão foi-nos entregue pela doutrina espírita, cujo profundo respeito solicitamos licença para registrar. Ecoaram-me duas expressões ou palavras-chave oriundas desse empolgante convite reflexivo: reforma íntima e caridade (respectivamente, reciclagem intraconsciencial e assistencialidade, no linguajar conscienciológico).

A reforma íntima depende da autonomia da vontade individual (pronomes “eu”) e a caridade requer um olhar amoroso para o próximo (pronomes “nós”), mas ambas estão intimamente relacionadas. Vale dizer, a integração da solidariedade caritativa ajudar-nos-á na reforma íntima personalíssima e vice-versa.

Em linguagem freudiana: ao varreremos os conteúdos inconvenientes para debaixo do tapete do inconsciente, a fim de mantermos atuantes as nossas infantis ilusões de que “o inferno são os outros”,⁶⁷ as pulsões continuarão suas demandas por eclosão, como um vulcão na iminência da erupção. Em outras palavras, os caminhos evolutivos passam pela ampliação de nossa consciência de que o verdadeiro inferno é um estado interior, em que o próximo apenas nos ajuda a tomarmos consciência de nossas próprias necessidades espirituais.

Num linguajar conscienciológico, devemos investir no autoconhecimento e, em seguida, no autoenfrentamento para eliminação de nossos “traços-fardo” o mais depressa possível, a fim de descartarmos os anacronismos embolorados e abriremos espaços de desenvolvimento de nossos “traços-força”, tanto em benefício próprio como alheio. Em outras palavras, a solidariedade encontra-se prestigiada também entre os conscienciólogos.

66 KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 621. Paraná: IED, 2019.

67 Frase atribuída a Jean-Paul Sartre, que ora criticamos respeitosamente.

Finalizo com a terminologia racionalista cristã, respeitável doutrina espiritualista surgida no Brasil, em 1910, inicialmente denominada *Espiritismo Racional e Científico Cristão*. Afirmou a citada vertente que devemos ter consciência de nossos erros, a fim de evitá-los e nos fortalecer (visão libertária) para praticar o bem (visão solidária).

Manifesto amorosa ligação, por influência de minha avó materna,⁶⁸ com tal vertente espiritualista, cujos ensinamentos baseiam-se na constituição do universo como Força e Matéria, além de fomentar o caminho evolutivo “pelo estudo, raciocínio e crescimento derivado da luta contra os maus hábitos e as imperfeições”. Eis aqui mais uma notável vertente que integra livre-arbítrio e solidariedade.

Concluo este tópico com a ponderação de que uma ética transcendente e atemporal demande a compreensão dos valores e limites individuais e coletivos ora estudados. Tal conhecimento possibilita-nos a lucidez fundamental para a adoção de ações éticas que encontrem guarida no território da efetividade, ou seja, não constringidas a “meras” boas intenções, mas que também apresentem efetiva justiça em seus resultados.

SÍNTESE: O ALTRUÍSMO

Fizemos duas sinalizações claras ao leitor:

- A integração do indivíduo ilumina os valores da liberdade.
- A integração do coletivo constrói o altar da solidariedade.

A partir de agora, trabalharemos a lógica integrativa entre os capítulos pretéritos, a partir da proposta de um eixo conectivo entre individualidade-libertária e coletividade-solidária, similar ao conceito de *hólon*,⁶⁹ que usa a paradoxal expressão “todo-parte”⁷⁰ para expressar as tendências *autoafirmativas e partícipes* de um mesmo objeto de estudo.⁷¹ Em suma, de que forma integrar liberdade e solidariedade como pré-requisitos essenciais ao altruísmo?

68 Ida Bergamasco Schiavi, espírito pelo qual nutro profundos laços de amor.

69 Exemplos: um indivíduo, um átomo (todo), homem como parte da sociedade, átomo como parte de uma molécula (parte).

70 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 43

71 Conceito de hólon e aplicações. Disponível em: http://www.profcordella.com.br/unisanta/textos/fqa12_conceito_holon.htm

Em linguagem coloquial, advertiremos que o “canto da sereia” reducionista está na escolha maniqueísta entre liberdade e solidariedade, enfim, autoafirmação e participação. A exclusão da solidariedade afundará o indivíduo no egoísmo narcísico. Na versão invertida, ou seja, eliminada a liberdade, teremos os horrores das tiranias coletivistas e do fanatismo do citado *homem-massa*. Eis três representações com símbolos matemáticos:

- Liberdade + solidariedade = altruísmo
- Liberdade – solidariedade = egoísmo
- Solidariedade – liberdade = tirania

O espiritualista consiliente não excluirá nenhum dos nobres atributos, mormente quando qualificados pela conexão ente eles. Portanto, a integração decorrerá da constatação de que tais valores são íntegros em suas respectivas autoafirmações (tendência enquanto “todo”) e participantes de um conceito ainda maior (tendência enquanto “parte”). Vale dizer, são defensáveis tanto na versão autônoma (todo) como na modalidade interdependente (parte) para a construção de nossa síntese: o altruísmo.

Notem os leitores que não usei o modelo hegeliano, ou seja: tese, antítese e síntese. Apenas conectei os valores da liberdade com os da solidariedade. Inexiste antítese, pois liberdade e solidariedade não se contrapõem, mas justamente o contrário, unem-se respeitosa e fraternamente. Trata-se de uma fraternal comunhão através do respeito e reconhecimento das virtudes e limites de cada território.

Permita o leitor uma reflexão didática sobre a expressão popular: “fazer cortesia com chapéu alheio”. A sabedoria desse famigerado jargão atinge, diretamente e sem rodeios, os falsos moralistas políticos que mantêm o discurso da caridade, mas se encontram desprovidos da autoridade exemplarista, pois a “praticam” através do capital e do esforço alheio.

Eis aqui a tirania da falsa solidariedade, ou seja, aquela desprovida de liberdade, cujo despotismo oculta-se nas sombras das utopias ideológicas, dos excessos tributários, dos distributivistas do capital alheio ou dos demagogos ideológicos que se creditam de uma bondade que, de fato, não possuem.

Em outras palavras, ao suprimirmos a liberdade humana, seja por via de leis ou de governos centralizadores ou autoritários, seja por qualquer outro tipo de tirania mundana, eliminaremos automaticamente o altruísmo. Ao invertermos a equação para excluirmos do tabuleiro o humanismo oriundo da solidariedade, restar-nos-á o infeliz suplício narcísico e egoísta do “*eu solitário*”, triste consequência do “*eu autoritário*”. Nesse caso, o altruísmo também não passará de um natimorto. Em suma, se excluirmos um desses valores, liberdade ou solidariedade, nossas ações jamais alcançarão o patamar altruísta.

Por derradeiro, assim como um pássaro necessita das suas duas asas para alçar voos em direção ao céu e edificar seus ninhos nos topos das mais frondosas árvores, o voo espiritualista consiliente necessita do esforço conjunto das asas da liberdade e da solidariedade. Somente com a integração e harmonização desses valores evoluiremos do “*eu solitário*” para o “*eu solidário*” em efusiva ode ao verdadeiro altruísmo.

OBJETIVIDADE

Iniciaremos nossa discussão a partir da óptica da lógica aristotélica, segundo a qual o “bem” é diferente do “não-bem” ou da “ausência do bem”. O tema desafiou filósofos de todas as épocas e transcende o eixo espaço-tempo. Estudiosos da transcendência questionam-se sobre a ontologia do “mal”: seria “apenas” a ausência do bem? Ainda que afirmativa a resposta, teríamos uma distinção objetiva entre os conceitos estudados.

A Psicologia Transpessoal enfrentou a questão sob o prisma de sermos essencialmente bons. Portanto, o mal seria uma máscara egoica que ofusca nossa luz e afasta-nos de nós mesmos (ego e seus mecanismos de defesa). Portanto, nosso desafio não seria vestirmos a máscara da bondade, mas “simplesmente” despojarmo-nos da *persona* da maldade. Assim, o prisma transpessoal ecoa a lógica aristotélica no quesito da objetividade dos conceitos.

O Cristianismo também adota a tese da objetividade, estendendo-a, inclusive, para o conceito de bem absoluto, ou seja, Deus. Encontramos sólidos fundamentos filosóficos e teológicos nessa estruturação de Deus como máxima bondade. Em suma, Deus não depende de nossa subjetividade, pois Ele objetivamente existe (ou não, para os ateus), independentemente de nossos achismos subjetivistas. O mesmo diremos do conceito da possibilidade reencarnatória, ou seja, ela objetivamente existirá ou não, independentemente de nossos subjetivismos ou desejos relativistas particulares.

As sincrônicas afirmações aristotélicas, cristãs, transpessoais ou espiritualistas, *lato sensu*, encontram eco em minhas ponderações. Os desafios fi-

losóficos aumentam nas indagações sobre um suposto “mal” absoluto, eis que os caminhos evolutivos fluem para o bem. Nesse caso, nosso desafio para nos livrarmos de um mal passageiro seria “apenas” (destaco as aspas) pararmos de remar contra a correnteza de nossa consciência profunda e realinharmos-nos nos positivos fluxos das leis naturais e imutáveis.

Portanto, o problema não está na objetividade do bem ou da bondade (conceito que adotamos), mas sim em nossas interpretações e conceituações equivocadas sobre *bem e mal*. Estou convencido da objetividade benigna e também da dolorosa concretude dos desvios humanos do fluxo da fraternidade. Porém, também porto a convicção de que nossa visão limitada e reducionista sobre fatos e comportamentos supostamente benéficos ou maléficos pode apresentar erros na categorização, o que nos joga, definitivamente, para o problema da subjetividade.

SUBJETIVIDADE

Iniciamos este tópico pela distinção entre dois conceitos importantes:

- Erro de categorização.
- Relativização do conceito.

No primeiro caso, consideramos o “bem” e seus desvios como categorias objetivas, mas estamos atentos à possibilidade de uma “troca de caixinhas” no momento da categorização. Em suma, aceitamos a objetividade conceitual, mas também a possibilidade de equívoco interpretativo em sua categorização.

Se adotássemos a hipótese da *relativização* dos conceitos, negaríamos o “bem” como entidade objetiva. Vale dizer, a bondade ou a maldade vincular-se-iam à subjetividade. O filósofo e escritor inglês Roger Scruton (1944-2020) combate essa premissa contundentemente, por meio da afirmação: “o relativismo moral é o primeiro refúgio dos canalhas”. De minha parte, prefiro os argumentos mais amenos, mas não encontro contrapontos racionais que mitiguem a conclusão do sagaz pensador britânico.

Em apertada síntese, declaro-me refratário ao modismo filosófico atual da relativização generalizada. Reitero que o problema não está na objetividade dos conceitos, mas sim em nossos constantes equívocos interpre-

tativos, nos fanatismos ideológicos ou paradigmáticos, enfim, nos “erros de categorização”.

Tomemos um exemplo comum a qualquer existência humana: a doença. Dificilmente, um cidadão comum observará a doença como um “bem”. Normalmente, observamos a saúde como benéfica e a doença como um “malefício” a ser combatido e extirpado. Pois bem, nos estudos que faremos a seguir, entenderemos que o conceito médico conhecido como *somatização* – que chamamos de doença – ajuda a preservar algumas estruturas corpóreas mais sutis, drenando para o corpo material denso as energias psíquicas deletérias ou inadequadas aos demais veículos de manifestação do espírito.

Assim sendo, antes de qualquer categorização precipitada, deveríamos distinguir as doenças do corpo físico das patologias dos demais corpos sutis. Em linguagem religiosa, simplificaríamos a questão entre doenças do corpo e males da alma.

Em suma, o que vemos como um “mal” pode ser o maior presente espiritual voltado ao nosso despertar para algo que havíamos esquecido ou negligenciado. Uma gastrite pode ser um grande alerta para uma reforma íntima em direção à redução do estresse ou da irritação do adoentado. Um problema pulmonar ou estomacal pode despertar reflexões sobre os malefícios do tabagismo ou para uma alimentação mais adequada.

Enfim, muitas situações ou fatores que interpretamos como “males” são, na verdade, benéficos gritos de socorro de nossos corpos para nós mesmos. Todavia, isso não se trata, absolutamente, de uma relativização, mas sim de uma correta categorização. Portanto, temos conceitos objetivos em alinhamento com nossa lucidez classificatória, devidamente conquistada por nossos méritos subjetivos e personalíssimos. Enfim, caminhamos para a harmonização entre objetividade e subjetividade. Isso seria possível?

INTEGRAÇÃO OBJETIVIDADE-SUBJETIVIDADE

Adotemos, exemplificativamente, uma objetividade de viés cartesiano, ou seja, a análise individual de cada componente exterior ao indivíduo. Vale dizer, tudo que for observável ou mensurável particular e objetivamente. Abundam casos na Psicologia do Comportamento ou *behaviorismo*, na Neurologia, nos tratamentos medicamentosos, enfim, em tudo que for passível de mensuração no mundo material. Relembremo-nos da questão objetiva: o que isso faz?

A subjetividade, por sua vez, possui caráter personalíssimo e deambula pelos territórios intencionais, meritórios, interiores ou em áreas mais sutis das análises de consciência, das aptidões profissionais e das tradições de sabedoria. Reiteramos a pergunta tipicamente subjetiva: o que isso significa para mim?

O tema é delicado e envolve questões filosóficas entre o materialismo e o espiritualismo. A integração destas jurisdições passa pela consciência e respeito das respectivas delimitações dos setores em que objetividade e subjetividade podem coexistir e até mesmo interagir respeitosamente.

INTEGRAÇÃO INTEROBJETIVIDADE-INTERSUBJETIVIDADE

A contraparte coletiva dos campos subjetivo-objetivo chamaremos de intersubjetivo e interobjetivo.

Como a própria nomenclatura sugere, o campo intersubjetivo analisa o significado interior e compartilhado entre sujeitos. Como exemplos típicos, poderíamos citar a psicologia das massas ou a hermenêutica e toda

sua conexão entre interpretação e valores compartilhados vigentes. Segue a questão intersubjetiva: qual a nossa cultura?

No campo interobjetivo temos a materialização visível, exterior e relacional dos objetos, como os modelos sociais e as relações macroeconômicas mensuráveis, dentre outros. Reforçamos a questão desse sítio interobjetivo: como isso interage?

Pois bem, a década de 1980 consolidou o chamado pensamento sistêmico, com suas importantes comprovações de que o mundo material não poderia ser visto como um amontoado de peças isoladas e desconexas, mas sim como uma riquíssima teia de interconexões simbióticas. Esse pensamento trouxe-nos reflexões empolgantes, em que a visão cartesiana habituada a dissecar um “todo observável” para analisar suas partes restava superada pela análise conectiva entre todas as “peças” de um ecossistema maior.

Tal pensamento espalhou-se pelo mundo e passou a ser conhecido como visão “holística” ou pensamento ecológico, pois integrou uma série de importantes conexões ecológicas e intrigantes trocas subatômicas de partículas, como essenciais para a manutenção da vida.

A descrição cartesiana de uma árvore, por exemplo, dependeria da dissecação do “todo-árvore” em suas partes, donde obteríamos a clássica proposição: “árvore (todo analisado) = raiz + caule + folhas + flores + frutos (partes)”.

A visão sistêmica descreveria a mesma árvore com requintes poéticos, mas não menos verdadeiros ou científicos do que qualquer dissecação cartesiana. Uma árvore irmana com outras formas de seu reino para, juntas, interagirem com rios e lagos e, generosamente, enriquecerem nosso solo, proverem os lares de pássaros e insetos a serviço das polinizações e embelezamento da vida, carregando em seus braços o reino animal, adornando nosso planeta com flores e frutos, enfim, conectando a terra e o céu através da solidez de suas profundas raízes e a flexibilidade de suas folhas, tudo isso e muito mais para uma eclosão de abundância no provimento da vida no planeta.

Diante de tamanha beleza apresentada pela visão sistêmica ou perspectiva ecológica, o movimento natural foi o de que a teoria de sistemas ou visão ecológica fosse a sucessora natural e legítima do chamado paradigma newtoniano-cartesiano, que insistia na visão fragmentada do universo. Todavia, se a visão ecológica ou sistêmica é tão maravilhosa assim, qual o problema de ser chamada de “holística”?

O VERDADEIRO E O FALSO HOLISMO

Apesar do pensamento ecológico da teoria de sistemas merecer o nosso entusiástico aplauso, julgamos equivocada sua adjetivação “holística”, pois carece de integrações importantes.

A teoria de sistemas ou qualquer outro sistema merecedor do adjetivo “holístico” deveria abraçar todos os quadrantes wilberianos, ou seja, incluir os territórios subjetivos,⁷² as camadas intersubjetivas⁷³ e, principalmente, integrar explicitamente os componentes espiritualistas da multidimensionalidade, da “multicorporeidade”,⁷⁴ da continuidade existencial após a desintegração molecular corpórea, da possibilidade reencarnatória e do enfrentamento da existência (ou não) de Deus.

Para o leitor ainda não familiarizado com os quatro quadrantes wilberianos, recomendo consulta aos Quadros 1 e 2 (página 72), onde tais quadrantes são sumariamente apresentados.

O modelo dos quatro quadrantes wilberianos visa alocar qualquer temática em seu local específico, legitimando-a em sua respectiva área de atuação e libertando-a dos equívocos que determinada perspectiva comete ao arrogar-se numa suposta cosmovisão que solucionaria situações fora de sua competência.

72 Conquista moral do indivíduo, apesar de seu contexto e não através dele.

73 Abandono da falaciosa equivalência ética de todas as culturas.

74 Integração explícita dos vários veículos corpóreos como instrumentos de evolução do espírito.

QUADRO 1 – REPRESENTAÇÃO DOS QUATRO QUADRANTES E SUAS RESPECTIVAS CARACTERÍSTICAS

	Interior ou consciencial	Exterior ou material
Individual ou singular	1	2
	Interior-individual Subjetivo Intencional Exemplos de prioridades: • Psicologia • Tradições de sabedoria • Análises de consciência	Exterior-individual Objetivo Comportamental Exemplos de prioridades: • Behaviorismo • Neurologia • Materialismo científico
Coletivo ou comum	3	4
	Interior-coletivo Intersubjetivo Cultural Exemplos de prioridades: • Hermenêutica • Filosofia da ciência	Exterior-coletivo Interobjetivo Social Exemplos de prioridades: • Sociologia • Economia

QUADRO 2 – PERGUNTAS TÍPICAS DE CADA QUADRANTE

	Interior	Exterior
Individual	INTENCIONAL	COMPORAMENTAL
	O que significa para mim? O que sinto ou penso? Qual minha intenção? Como interpreto? Isso é belo?	O que isso faz? Qual o comportamento? Como observo isso? Como funciona?
Coletivo	CULTURAL	SOCIAL
	O que significa para nós? Qual nossa cultura? Quais nossos valores? Isso é bom?	Como isso interage com outra coisa? Qual o nosso comportamento social? Quais nossas instituições? Qual o fluxo burocrático disso?

A teoria sistêmica ampliou a visão cartesiana (objetividade) para incluir as relações entre elas (interobjetividade). Todavia, precisamos incluir os campos subjetivos, intersubjetivos e toda a riqueza espiritualista para que possamos merecer o adjetivo de holístico.

Em suma, qualquer paradigma que se furte do enfrentamento franco e retilíneo de qualquer uma das questões acima descritas não será “holístico” ou “cosmovisionário” na devida profundidade que os termos exigem. Por fim, existiria algum paradigma que incluía todas as estupendas contribuições anteriores, integre-as e não se furte ao enfrentamento das indagações incômodas ou polêmicas, materiais ou espirituais?

A SOLUÇÃO ESPIRITUALISTA CONSILIENTE

A espiritualidade consiliente abraça os incríveis modelos da Filosofia Integral (conhecidos como “Quatro Quadrantes” e “Grande Ninho do Ser”), mas não abre mão da integração racional e explícita das premissas espiritualistas como a vida após a morte do corpo, a existência de Deus, a possibilidade reencarnatória, o universo multidimensional, a pacificação política, a multicorporeidade e demais questões que sempre desafiaram as mentes de nossos pensadores. Por fim, um paradigma verdadeiramente espiritualista consiliente jamais fugirá ao enfrentamento de qualquer polêmica, seja ela filosófica ou política, materialista ou espiritualista, antiga ou contemporânea.

A comparação paradigmática constituiu importante norteador da síntese espiritualista consiliente. Vejamos alguns exemplos entre três perspectivas ou paradigmas pelo viés da Medicina tradicional nos Quadros 3, 4 e 5 a seguir:

QUADRO 3 – COMPARATIVO PARADIGMÁTICO QUANTO À SAÚDE CORPÓREA

Newtoniano-cartesiano	Sistêmico	Espiritualidade consiliente
Análise dos órgãos do corpo físico	Corpo e meio ambiente	Ambos e dimensões espirituais
Corpo = soma dos órgãos	Corpo = interações órgãos-sistemas	Corpo + interações + espiritualidade
Cura da doença: alopatia	Cura do doente: terapias sistêmicas	Harmonização com leis universais
Cura pela Medicina (externa)	Cura cooperativa médico-paciente	Ambas e fatores cármicos espirituais
Especialista > clínico geral	Clínico geral > especialista	Contabilidade espiritual > ambos
Negatividade da doença	Doença demanda harmonização	Doença oportuniza evolução
Pensamento: epifenômeno cerebral	Cérebro + mente + natureza	Deus > Espírito > mente > cérebro
Separação médico-paciente	Integração médico-paciente	Médico-paciente-espiritualidade
Tratamento dos sintomas físicos	Tratamento físico + ecológico	Físico + ecológico + multidimensional

Seguiremos na didática do estudo comparativo entre paradigmas transcendententes e inclusivos, desta vez no campo científico, psicológico, educacional, ético e jurídico, ressaltando algumas interessantes intercessões entre os próprios paradigmas:

QUADRO 4 – COMPARATIVO PARADIGMÁTICO QUANTO A MÚLTIPLOS ÂMBITOS

Newtoniano-cartesiano	Sistêmico	Espiritualidade consiliente
Advocacia mercantilista	Advocacia humanista	Advocacia espiritualista
Ambiental ou econômico ou social	Tripé ambiental, econômico e social	Integração: sistêmico e espiritual
Centralização de poder	Descentralização de poder	Princípio da subsidiariedade
Competição	Cooperação	Autocompetição e cooperação
Comunicação verbal ou gestual	Acesso à informação universal	Deus > espírito > pen. > sen. > ene. ⁷⁵
Consciência isolada	Consciência integrada	Deus > espírito > matéria
Crença na objetividade científica	Crença na interobjetividade científica	Espírito > integração de ambos

75 Pen.: abreviação de pensamento. Sen.: abreviação de sentimento. Ene.: abreviação de energia (matéria).

Newtoniano-cartesiano	Sistêmico	Espiritualidade consiliente
Culto ao masculino	Culto ao feminino	Equilíbrio e transcendência
Direito penal punitivo (resgate)	Direito penal educativo (integração)	Harmonização: resgate e educação
Domínio da natureza	Evolução com a natureza	Evolução espiritual em ambos
Hierarquia	Consenso	Hierarquia espiritual > ambos
Informação teórica	Formação vivenciada	Transcendência e inclusão de ambas
Luta de classes materialista	Colaboração entre classes	Transcendência de classes
Maioria ou minoria oprimem	Visão colaborativa	Respeito jurisdicional e amor
Ordem social e institucional	Harmonização ecológica planetária	Evolução humanitária-espiritual
Percepção sensorial	Percepção extrassensorial	Divinal > extra-sens. > sensorial
Professor	Facilitador	Ambos e miríades de interconexões
Psicologia	Integração psicologia-natureza	Espiritualidade vivenciada > ambas
Superespecialização	Transdisciplinaridade	Espiritualidade integrada a ambos
Tempo e espaço absolutos	Relatividade: estados de consciência	Verdades atemporais e não-locais

No Quadro comparativo 5 abaixo, constatamos semelhanças e diferenças entre os paradigmas sistêmico e integral wilberiano e nossa proposta espiritualista consiliente, todas em expansão ao paradigma newtoniano-cartesiano, nos campos ético, ecológico e partidário:

QUADRO 5 – DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS PARADIGMÁTICAS

Newtoniano-cartesiano	Sistêmico	Espiritualidade consiliente
Ética e valores mundanos	Ética e valores transcendententes	Idem. Leis naturais e imutáveis
Partidarismos	Transpartidarismo	Idem. Diplomacia acolhedora

Em outras palavras, um paradigma que se omita ou recuse a responder quaisquer dos temas citados ou outras polêmicas (políticas, sociais, filosóficas, espirituais etc.) poderá ser qualquer coisa, menos espiritualista consiliente. A espiritualidade consiliente enfrenta todas as questões e posiciona-se claramente diante delas, desprovida de qualquer soberba. Não buscamos dogmas ou vitórias argumentativas, mas verdades.

Certa vez, questionei alguns queridos amigos pesquisadores sobre a visão conscienciológica de Deus. Recebi como resposta outro questionamento sobre minhas reciclagens existenciais, em nítido desvio de foco. Entendo perfeitamente a boa intenção de meus colegas, com óbvio intuito de que eu não perdesse de vista a necessidade que todos nós temos de realizar nossas reformas íntimas. Todavia e obviamente, uma ação reflexiva não impede a outra.

O paradigma espiritualista consiliente, por sua vez, abraça as interconexões das visões subjetiva, objetiva, intersubjetiva e interobjetiva em todas as suas diferentes complexidades, além de integrar as demais reflexões espiritualistas que sintetizo através do trinômio Deus-espírito-matéria. Também insistimos no campo da profundidade, ou seja, em todas as camadas vibracionais de nossa consciência e as relações entre elas. Bem-vindo, caro leitor, aos níveis de consciência.



LIVRO III

os níveis de consciência

MATERIAL

Conheço pessoalmente dois irmãos gêmeos, um nasceu portador de um físico atlético, porém seu irmão veio ao mundo com inúmeras limitações corpóreas. Também conheço exemplos entre irmãos igualmente saudáveis e inteligentes que nasceram e cresceram com o mesmo carinho dos pais, mesma comunidade, enfim, com corpos saudáveis e situações mesológicas similares, mas um encontra enormes dificuldades psicológicas com a prosperidade, o outro, por sua vez, simplesmente prospera de forma fluida e abundante. Como interpretar tais situações?

A culpa seria da sociedade? De algum agente externo ou alguma elite supostamente malvada? Existe justiça no mundo material? Onde está Deus nisso tudo? Para respondermos a tais questionamentos filosóficos, necessitaremos de um ponto de partida, uma cosmovisão ou uma sistematização de mundo, ou ainda, se preferirmos, de um paradigma.

Tanto os filósofos materialistas como os espiritualistas integram o tema em suas reflexões. Niilistas não vêem sentido algum na existência e, portanto, responderiam nossos questionamentos filosóficos com uma visão pessimista ou conectada a aspectos aleatórios. Ateus, niilistas, materialistas históricos e utopias políticas que excluem Deus de suas considerações geralmente acreditam em aspectos randômicos ou, no máximo, um ordenamento materialista desconectado da visão espiritualista.

Religiosos, boa parte dos filósofos e, mais recentemente, alguns cientistas espiritualistas preferem conceitos que integrem um nexos de causalidade entre os exemplos aqui expostos e as questões transcendentais de que tratamos. Conceitos como vida após a morte, carma ou lei de causa

e efeito, reencarnação, alma, espírito, Deus, dentre outros, fazem parte da estrutura de raciocínio da maioria dos pensadores não-materialistas. Tratam-se de paradigmas, vertentes religiosas e propostas científicas e filosóficas mais condizentes com a cosmovisão espiritualista consiliente ora proposta.

O materialismo encontra-se em ruínas e encontrou uma barreira intransponível: a verdade. Chamemos de *realidade espiritual*, se preferirmos. Nesse sentido, transcreveremos uma impactante e profética citação, talvez em hipérbole linguística ainda incompreendida pelos materialistas, extraída em obra psicografada pelo notável médium e humanista brasileiro Francisco Cândido Xavier (1910-2002), atribuída ao espírito conhecido como Emmanuel: “Químicos e físicos, geômetras e matemáticos, erguidos à condição de investigadores da verdade, são hoje, sem o desejarem, sacerdotes do Espírito, porque, como consequência de seus porfiados estudos, o materialismo e o ateísmo serão compelidos a desaparecer, por falta de matéria, a base que lhes assegura as especulações negativistas”.⁷⁶

ENERGÉTICO

O nível energético de consciência no sentido da existência de um veículo fluídico ou corpo energético, bem como de seus vórtices ou centros de força, leva-nos a tempos remotos e conhecimentos das tradições de sabedoria hindu e *yogue*. Tais centros de absorção e exteriorização de energias – chacras ou *tchakras* – também fazem parte de estudos teosóficos, rosacruz, conscienciológicos e espiritualistas, entre outros.

Em suma, inúmeras perspectivas voltadas ao estudo de paradigmas transcendentais ao materialismo validam a integração desse conhecimento. A própria física einsteiniana demanda uma interpretação filosófica e espiritualista mais profunda da famigerada fórmula “ $E = m.c^2$ ”, a partir da qual percebemos que matéria e energia diferenciam-se apenas pelo agente multiplicador.⁷⁷ Guardadas as devidas diferenças e proporções, a reflexão remete-nos a uma analogia com os três estados da água, nos quais tere-

76 XAVIER, Francisco Cândido. Nos domínios da mediunidade. São Paulo: FEB, 2014, p. 6, versão digital.

77 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020, p. 38.

mos a mesma substância (água) aparecendo em manifestações diferentes: estado sólido, líquido e gasoso (vaporoso).

A espiritualidade consiliente também legitima a saudável integração energética para nossos estudos, inclusive em seus aspectos sinonímicos como um fator relevante para debatermos a capilaridade de tal conhecimento. Vejamos: corpo bardo (tibetanos), corpo ou duplo etérico (vertentes diversas), holochakra ou energossoma (conscienciólogos), corpo fluídico, corpo prânico, corpo vital (rosacruzistas), perispírito (espiritistas), paracorpo energético etc.⁷⁸

A Medicina alopática, de vertente materialista, ainda repudia a interação fluídica entre nossos corpos mais densos e os veículos mais sutis, entre eles o corpo energético. Paulatinamente, em especial nesse período de transição planetária em que vivemos, as técnicas da Homeopatia, Acupuntura, *Do-in*, *Shiatzu* e Digitopressura, dentre outras, descortinam tais interações energéticas e iniciam um abalo no ceticismo materialista radical.

Por fim, entendemos que o corpo fluídico, energético ou ectoplásmico – como queiram denominar – funciona por meio de uma condensação do fluído cósmico ou universal. Portanto, validamos tanto sua interação endógena (intracorpórea), como também a exógena (extracorpórea), ou seja, troca de energias corpóreas com o meio ambiente ou com organismos corpóreos de outros indivíduos.

EMOCIONAL

Caro leitor, se ficaste confuso com a integração energética, saiba que o nível emocional delega-nos desafios reflexivos ainda maiores. Estamos diante do estudo do chamado *corpo emocional*. Vejamos a sinonímia trazida pela obra *Projeciologia*:⁷⁹ alma viajante (apaches), carne sutil da alma (Pitágoras), carro sutil da alma (Platão), corpo vital (Rosacruzianismo), segundo corpo (Parapsicologia), corpo bioplásmico (ciência russa: câmara Kirlian) e corpo astral (Paracelso), entre outros.

78 VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*. 4.ed. Paraná: Editares, 2019, p. 257.

79 *Ibidem*, p. 282.

Como visto, algumas vertentes fundem corpo energético e emocional numa mesma designação, outras citam-no genericamente de “espírito”. Nesse caso, optamos pela distinção didática, embora a delimitação exata onde começa um e termina outro escape-nos.

No campo da ciência psicossomática, estamos em franca evolução para a integração das emoções no agravamento ou, até mesmo, na causa de certas enfermidades. Paralelamente, o bom senso e as nossas próprias observações dão conta de que o estresse ou o acentuado nervosismo podem estar associados a determinados males físicos ou agirem como agentes influenciadores da pressão arterial, dos ritmos cardíacos e dos problemas gástricos, dentre outros.

MENTAL

Desprovido de qualquer tibiez ou receio das contestações materialistas ou de quem quer que seja, impugno a tese de que emoções ou pensamentos sejam epifenômenos ou subprodutos do cérebro físico. Aliás, advogo justamente o paradigma inverso, ou seja, de que o cérebro físico seja, entre outras coisas, uma ferramenta evolutiva do espírito e de princípios inteligentes, não o contrário.

Em suma, nossa vontade e consciência adotam pensamentos ou estados mentais que direcionam, criam ou influenciam nossas emoções, energias e ações. Essas emoções, envoltas por pensamentos, interagem e geram padrões vibratórios que, por sua vez, envolvem o corpo físico. Eis a famigerada analogia do corpo material como um *mata-borrão* da alma, já que absorve e exterioriza o pacote informacional resultado do saldo dos pensamentos, sentimentos e energias.

Portanto, não somente integramos o pensamento como fator essencial ao eixo saúde-doença – ou na relação causal entre o bem pensar, o bem sentir e o bem agir – como também delegamos aos pensamentos importante protagonismo no encaminhamento virtuoso ou vicioso de nossas realizações.

ESPIRITUAL

A consciência de que somos espíritos em evolução é mais profunda, pois a própria conceituação de espírito apresenta alguns desafios específicos.

Neste estudo preliminar, apresentamos a estrutura de quatro veículos de manifestação do espírito, a saber:

- Mental.
- Emocional.
- Energético.
- Físico.

Nenhum deles deve ser confundido ontologicamente com o espírito, ou seja, com a nossa essência ou aquilo que realmente somos.

Todavia, existem teorias de sete corpos e também da trindade ou essência trina do espírito. Numa conceituação negativa, diríamos que espírito não é nossa mente, nossas emoções ou nossas energias, sejam elas sutis ou densas. Espírito seria, portanto, nossa essência ontológica que transcende seu respectivo ferramental de manifestação (pensamentos, sentimentos e ações) nos mais diversos planos ou dimensões do universo.

Sincrônica e concomitantemente ao momento da escrita destas reflexões, escutamos um querido amigo espiritista que abordava justamente a questão 196-a da primeira obra do clássico pentateuco espírita,⁸⁰ a saber: “É o corpo que influi sobre o Espírito, para o melhorar, ou o Espírito que influi sobre o corpo?” Eis a resposta: “Teu Espírito é tudo; teu corpo é uma veste que apodrece; eis tudo”.

ESPIRITUALISTA CONSILIENTE

O título deste capítulo poderia utilizar-se de um neologismo qualquer ou do termo “psicossomático”, pois a palavra sugere a interação entre *psique*⁸¹ e soma,⁸² mas acreditamos que a expressão escolhida seja a mais adequada, já que a psicossomática prioriza a integração *endógena*⁸³ entre os veículos de manifestação do espírito e a expressão “espiritualista consiliente”, por sua amplitude conceitual, também integra as relações *exógenas*⁸⁴ na sua mais abrangente concepção.

80 KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. São Paulo: Ed. Edicel, 2016, p. 110.

81 Psiquê ou Psique, de origem grega, representa a mente, a alma ou o espírito.

82 Soma, no contexto da Medicina e raiz do termo “somatização”, significa um corpo abstraído da psique.

83 Interações entre o espírito e os corpos físico, energético ou perispiritual, emocional e mental.

84 Interações entre o espírito e seus corpos com a realidade multidimensional ao seu redor (Deus-espírito-matéria).

Pela perspectiva espiritualista consiliente, os invólucros corpóreos de nossa essência interagem não somente entre si, mas também através do pulsar de nossa própria essência espiritual, além de trocar energias densas e sutis com os ecossistemas multidimensionais físicos, energéticos, emocionais, mentais e espirituais nos quais estamos inseridos ou sintonizados por nossas vibrações ou emanções.

A citada analogia do corpo como *mata-borrão* da alma merece nova lembrança nesse contexto. Alguns estudiosos, como vimos, mesmo inconscientes do processo espiritual mais profundo, chamam tal fenômeno de *somatização*, ou seja, levar ou drenar para o corpo físico (sinônimo de *soma*) as mazelas emocionais ou mentais. Analogamente, também poderíamos imaginar um carvão (corpo físico) que absorvesse as chagas de nossos pensamentos e sentimentos menos equilibrados, expurgando-as dos níveis mentais ou emocionais.

A constatação espiritualista consiliente segue pela compreensão de nossa essência espiritual como condutora da locomotiva de nossos pensamentos, cujos demais vagões encontram-se repletos de sentimentos e emanções energéticas. Pois bem, esse pulsar existencial, ao menos em nosso nível evolutivo, implica na consciência de um primeiro plano de manifestação via pensamentos, seguidos de sentimentos e posterior reverberação energética. Eis o fluxo.

Imaginemos o alinhamento entre espírito, pensamentos, sentimentos e ações. Concebamos a hipótese desse alinhamento ou equilíbrio “holosomático” (conjunto de todos os corpos ora estudados) estar afinado pelo diapasão da fraternidade e da liberdade, ou seja, harmonizado às leis naturais e universais que regem o universo – chamemos de leis de Deus, se preferirmos.

A partir dessa construção mental, ao fechar meus olhos, concebo abundantes fluxos altruístas portadores de aguçada lucidez sobre nossas conexões. Eis, nesse raciocínio, uma das possibilidades interpretativas para a expressão bíblica “o amor cobre uma multidão de pecados”.⁸⁵ Em pa-

85 Bíblia (Pedro 4.8).

ráfrase jocosa a uma antiga propaganda televisiva, anunciaremos que “o Ministério espiritualista consiliente adverte: amar faz bem à saúde”.

Na hipótese de desvios sombrios, seja por egocentrismos individualistas ou despotismos coletivistas, teríamos as lições evolutivas pelo cadinho depurador do sofrimento. Interessante notar que, por essa visão, a dor não seria um mal em si mesma, mas sim um alerta para despertarmos sobre algo que ainda não foi bem trabalhado por nós mesmos. Essa perspectiva, acrescida pela tese da multiexistencialidade material ou reencarnação, conciliaria a justiça transcendente nos casos de aleijões ou doenças congênicas, posto que tal “carga fluídica” teria que passar pela descarga material para a depuração saudável dos veículos mais sutis.

Trata-se de mais uma explicação racional para a utilizada analogia do *mata-borrão* dos fluídos deletérios, como uma espécie de válvula de despejo de toxinas perispirituais. Nesse sentido, o que chamamos de patologia adquire uma ressignificação refutatória da mera causalidade randômica ou falta de sorte. A presente explanação apresenta uma lógica transcendente contida na expressão einsteiniana “Deus não joga dados”.

O pesquisador espiritualista consiliente desfrutará da liberdade aliada e harmonizada pelo filtro do rigor metodológico, a fim de buscar fontes reflexivas em estudiosos diversos, entre eles, espiritistas, racionalistas cristãos, presbiterianos, filósofos, católicos, esotéricos, obras esparsas e na própria ciência que, cada vez mais, integra os conceitos transcendentes. Apesar dessa empolgante amplitude, teríamos como medir ou avaliar nossa espiritualidade consiliente?

O escopo do presente estudo não abrange o aprofundamento detalhado em cada quociente de performance, mas propõe-se a apresentar uma breve noção dos mais conhecidos, a fim de refletirmos como seria a integração de todos eles na direção de ponderarmos sobre a possibilidade de um quociente espiritualista consiliente. Iniciaremos pela modalidade mais conhecida.

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA

O mais popular dos quocientes de performance está ligado à medição da inteligência, conhecido pela sigla “QI”. Trata-se da aplicação de testes desenvolvidos para apuração do desempenho cognitivo de um indivíduo, comparando-o a pessoas do mesmo grupo etário.

O psicólogo francês Alfred Binet (1859-1911) é considerado o pioneiro da medição intelectual. Outros pesquisadores aprimoraram os testes até chegarem a uma classificação dos níveis de inteligência, do raciocínio situado abaixo dos padrões tidos como limítrofes até a superdotação.

Seu uso tem sido legitimamente questionado sob a égide de bons argumentos, não somente por suas flagrantes limitações, como também pela

possibilidade de desvios ou distanciamento ético em sua utilização, seja para condenáveis propósitos segregacionistas ou outras situações não edificantes.

O problema não reside no desenvolvimento de métodos avaliativos, mas no uso inadequado dos instrumentos. Em singela exemplificação análoga: uma faca pode ser usada para passarmos manteiga no pão ou para ceifarmos uma vida. O tema reforça a necessidade de diálogo entre o campo intersubjetivo da ética e o território objetivo da ciência. Todavia, o que dizer sobre a crítica da limitação desse instrumento?

QUOCIENTE EMOCIONAL

O psicólogo e autor do *best seller* internacional *Inteligência Emocional*, Daniel Goleman (1946-) popularizou a ampliação do conceito do quociente de inteligência para o que ficou conhecido como “inteligência emocional”, sumariamente descrito como a capacidade de gerenciamento dos sentimentos, de modo a serem expressos apropriada e eficazmente. Goleman ampliou a medição da inteligência para além da racionalidade e a lógica. Definitivamente, acolhemos a importância da empatia, da compaixão e da capacidade de reagir apropriadamente aos sentimentos de dor e de prazer.

No campo da observação social, pude testemunhar queridos amigos e familiares de notória capacidade no campo intelectual boicotarem-se por inabilidades emocionais. Em suma, considero a contribuição de Goleman fundamental para o desenvolvimento de uma personalidade equilibrada. Resta-nos a indagação: os quocientes de inteligência e de emoções bastariam para um completo diagnóstico de nós mesmos?

QUOCIENTE ESPIRITUAL

Após o quociente de inteligência tornar-se popular no início do século XX e pesquisadores do porte de Goleman difundirem o quociente emocional em meados da década de 1990, tudo parecia estar completo e nos seus devidos lugares.

Entretanto, ainda no final do século XX, surge o *Spiritual Quotient* ou quociente espiritual. A física, filósofa e psicóloga Danah Zohar (1945-) e o psiquiatra Ian Marshall, autores da obra *Inteligência Espiritual*, entendem que a medição espiritual específica aborde as maneiras pela qual solu-

cionamos (ou não) os problemas relacionados ao sentido da vida e aos valores num contexto mais amplo e gerador de significado.⁸⁶

Nesse contexto, as medições apontarão para a detecção de impulsos filosóficos ou de inquietações existenciais clássicas, por exemplo:

- Existe um significado mais profundo para nosso nascimento?
- Existe propósito na existência?
- A vida humana tem um significado espiritual?

Enfim, as pessoas consideradas com elevado desenvolvimento de consciência espiritual, em geral, praticam o autoconhecimento profundo, são idealistas e movidas por valores, aprendem com as adversidades, celebram a diversidade da vida, além de manterem bom nível de espontaneidade, compaixão e colocarem as situações vivenciadas num contexto mais amplo. Acima de tudo, tais pessoas procuram descobrir suas respectivas vocações existenciais, o que chamamos de missão ou propósito existencial.

Nesse empolgante território, julgo relevante mencionar outras duas obras. A primeira foi desenvolvida pelo médico espiritualista brasileiro Alírio de Cerqueira Filho (1958-), *Inteligência Consciencial*, cuja abordagem busca uma vida equilibrada, harmônica e feliz através de um desabrochar profundo, intrapessoal e bastante influenciada pela Psicologia Transpessoal.

Por fim, outra obra digna de destaque é o emocionante relato do psicólogo austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), fundador da terceira escola vienense de psicoterapia e proponente da Logoterapia e da Análise Existencial. Autor da obra *Em busca de sentido, um psicólogo num campo de concentração*, o doutor Frankl compartilhou com o mundo sua experiência dramática em quatro campos de concentração nacionais socialistas. Se eu fosse obrigado a sintetizar a obra de Frankl numa única linha, eu diria que a busca de sentido da existência é a maior profilaxia do suicídio e estímulo da resiliência. Vejamos uma afirmação nesse sentido: quando possuímos um propósito para viver, suportaremos as vicissitudes da existência. Eis mais um motivo para edificarmos pedestais repletos de significados espiritualistas como fonte de vitalidade para passagem corpórea.

86 ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *Inteligência espiritual*. Rio de Janeiro: Ed. Viva Livros, 2016, p. 13, versão digital.

QUOCIENTE CONSILIENTE

Diante de tamanha beleza e amplitude do quociente espiritual, qual seria o aspecto inovador da perspectiva espiritualista e consiliente? Um esboço de resposta passaria pela validação e integração das três conquistas de mensuração performática, além do reconhecimento de outras miríades de possibilidades. Senão vejamos:

O psicólogo estadunidense Howard Gardner (1943-), filho de fugitivos da perseguição aos judeus pelo abjeto e criminoso Nacional Socialismo alemão, interessou-se pela diversidade da inteligência e desenvolveu, junto com uma equipe de colaboradores, a obra *Inteligências Múltiplas*, na qual propôs nove dimensões ou linhas de inteligência: linguística, musical, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista e *existencialista*. Esta última dedicada a responder as indagações e preocupações humanistas profundas, similar à inteligência espiritual recém-analisada.

No Quadro 6 compartilho a diversidade das linhas de desenvolvimento passíveis de avaliação e mensuração, que me foi apresentada em magistral curso ministrado pelo doutor em Engenharia Nuclear e mestre em Engenharia Mecânica pelo *Massachusetts Institute of Technology*, Ari Raynsford, considerado por mim a maior autoridade brasileira sobre a Filosofia Integral wilberiana.

QUADRO 6 – CONEXÃO ENTRE LINHA DE PESQUISA, PERGUNTA-CHAVE E PESQUISADOR.

Linha	Pergunta	Pesquisadores
Cinestésica	Como executar fisicamente?	Gardner
Cognitiva	Do que estou consciente?	Kegan e Piaget
Emocional	Como sinto isso?	Goleman
Espiritual	Qual a preocupação suprema?	Fowler
Identidade	Quem sou eu?	Loevinger
Interpessoal	Como devo interagir?	Selman
Moral	O que devo fazer?	Kohlberg
Necessidades	Do que necessito?	Maslow

Diante das possibilidades expostas e tantas outras possíveis, como nossas performances sociais, adaptativas, diplomáticas *et coetera*, resta-nos a indagação: haveria um quociente espiritualista consiliente? A resposta é afirmativa, eis que a espiritualidade consiliente acolherá todo o conjunto classificatório das avaliações, pretéritas e vindouras, que nos ajudem no desafio do autoconhecimento e integrações respectivas.

Caminharemos harmonicamente para verificação e diagnóstico de nossas arestas mais e menos desenvolvidas, utilizando-nos de todos os quocientes de performances como ferramentas de crescimento, jamais por mera curiosidade ou distrações egocêntricas, mas pelo legítimo impulso transcendente em direção ao aperfeiçoamento de nossa essência imorredoura.



LIVRO IV

a integração política

LIBERTARIANISMO

As principais contribuições do Libertarianismo baseiam-se no respeito ao livre-arbítrio individual e ao princípio da não-coação. Os libertários edificam alguns pilares estruturais dignos de destaque:

- Soberania individual
- Liberdade como não-coação
- Descentralização
- Ilegitimidade da coerção estatal

A soberania individual como valor fundamental está calcada no direito à liberdade como princípio magno de um ecossistema que compreende o não-despotismo como pressuposto civilizacional, até mesmo como mola propulsora do altruísmo. Eis uma realidade que não deve ser desprezada pela política espiritualista consiliente.

O segundo princípio libertário advém do valor moral em que todo o poder individual deriva da posse sobre si mesmo. Todavia, essa ode ao livre-arbítrio encontra limites, o que motivou a baliza da não-coação, ou seja, da não supressão da liberdade do próximo, seja por meio da tirania individual ou coletiva (via Estado).

A descentralização e a compreensão libertária do princípio da subsidiariedade lançam gloriosas luzes sobre o universo político e se configuram num dos maiores baluartes contra o despotismo e a favor do reconhecimento dos méritos personalíssimos e da propriedade privada.

Por fim, o Libertarianismo compreende o Estado e seus agentes como ilegítimos para coerção tributária ou cívica dos cidadãos. Quando muito,

a visão libertária aceitaria uma autoridade exclusivamente focada na manutenção dos direitos de propriedade e liberdade econômica. Se desafiassemos um libertário a revelar o que ele espera do Estado em uma única palavra, eu facilmente arriscaria a seguinte resposta: distância.

De fato, somos obrigados a reconhecer que, no decorrer da triste história humana, temos assistido a lamentável pilhagem coercitiva dos indivíduos por agentes políticos centralizadores, despóticos e inescrupulosos. Nos holofotes, os escândalos de corrupção brasileiros e mundiais, o parasitismo corporativista e os abjetos abusos tributários em torno da nefasta concentração de poder.

LIBERALISMO CLÁSSICO

O Liberalismo clássico, de origem europeia, possui uma clara concepção econômica cuja essência está na constatação de que o livre mercado constituído pela ação voluntária de milhares de indivíduos possui vantagens sobre o intervencionismo estatal, inclusive em relação à atividade caritativa aos mais necessitados.

O Estado, seja manipulando artificialmente a economia, seja no despotismo arrogante da engenharia social, tem causado grandes danos sociais, independentemente da boa ou má-fé de seus agentes políticos. Embora possuam muitos pontos de contato com os valores libertários, os liberais clássicos delegam certa legitimidade ao poder estatal, desde que limitado e minimalista.

As ideias da “mão invisível do mercado”, de Adam Smith, da queda de preços oriunda da livre concorrência, entre outros balizadores liberais, podem ser assim sintetizadas:

- Estado minimalista
- Não-intervenção
- Livre concorrência
- Livre preço
- Propriedade privada

O minimalismo estatal reconhece o morticínio e os graves problemas sociais oriundos do gigantismo da máquina pública e da concentração despótica de poder nas mãos de agentes políticos. Desse princípio mi-

nimalista, deduzimos duas claras necessidades: a limitação do Estado e a garantia constitucional dos direitos e garantias individuais.

Juridicamente, os chamados “direitos individuais”, na verdade, seriam melhores significados pela expressão “direitos universais de oposição individual”, eis que são direitos de magnitude superior aos direitos meramente *individuais* ou *coletivos*. De fato, liberdade, propriedade privada justamente adquirida, reconhecimento meritório, vida desde a concepção e integridade física são os verdadeiros valores humanitários e, portanto, direitos transcendentais ao *indivíduo* ou a essa ou aquela *coletividade*, cuja exigência e oponibilidade delega-se a cada cidadão, justamente por sua importância e universalidade.

Os valores liberais clássicos implicam na defesa da livre concorrência como fator de equilíbrio na delicada relação entre oferta e demanda. A exaltação liberal pelo trabalho livre e a legitimidade de um único indivíduo frente a qualquer grupo ou massa escravizadora, em especial no século XVIII, representam uma saudável contribuição no combate contra o despotismo escravagista, que nos dias atuais ocultam-se por detrás de discursos populistas e imposições ditatoriais de pesadas cargas tributárias e burocráticas.

Considero uma das maiores contribuições do Liberalismo clássico a noção de que o livre-preço, inserido num ecossistema oxigenado pela livre concorrência, estimula a criatividade, a produtividade e porta dados fundamentais para o equilíbrio entre oferta e demanda, eis que norteadores de industriais e comerciantes para, ao final, termos preços reduzidos para o consumidor. Eis aqui um claro exemplo da famigerada e referida “mão invisível do mercado” que, mesmo sem a intenção do empreendedor, beneficia o consumidor.

Qualquer mascaramento artificial dos preços sinalizará os agentes econômicos com dados desconexos da realidade, gerando falsos indicadores e carência de produtos demandados pela população. Abundam exemplos fracassados do controle de preços pelo Estado,⁸⁷ desde a remota regulação

87 12 falhas históricas de congelamento de preços. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=772/>

do imperador romano Diocleciano até o recente congelamento argentino, passando pelos modelos cubano e venezuelano, além dos insucessos brasileiros nos planos Funaro e Bresser. Em suma, o livre-preço é um preciso e precioso termômetro da escassez ou abundância de determinado produto e fomenta a corrida entre os empreendedores no equilíbrio do sistema em busca das oportunidades para suprir eventuais demandas e evitar a produção daquilo que se encontra em excesso.

O Estado deveria encontrar sua legitimidade na efetiva coibição a manipulações de preços por carteis, monopólios ou gigantes econômicos mal-intencionados. Todavia, temos justamente o contrário, pois os próprios agentes políticos e governamentais monopolizam, centralizam e manipulam os preços. Lamentavelmente, estamos nas antípodas do que seria uma atuação legítima e moderadora de um sistema político minimamente aceitável.

Por fim, os liberais clássicos exigem o respeito ao mérito personalíssimo e à propriedade privada justamente adquirida, valores também endossados pela vertente conservadora e enfatizados radicalmente pela vertente libertária. De fato, continuamos em tempos de flagrante espoliação tributária, triste mazela que se repete desde a época de Cristo, passando por Tiradentes e tantos outros mártires. Deveríamos respeitar mais o patrimônio alheio, seja adquirido pelo fruto do trabalho, da cultura de poupança, da ousadia empreendedora, da genialidade criativa ou de qualquer outra atividade honesta, a fim de evitarmos os horrores de uma escravidão maquiada pelo ardil populista.

COLETIVISMO

A chamada *social democracia* ou *progressismo* sustenta que a melhoria individual depende do coletivo e não do indivíduo. Para tanto, advoga o instrumento do Estado-protetor e, até mesmo, superprotetor. A maior crítica sobre esse modelo assemelha-se às consequências de um filho mimado por pais e mães genuflexos à superproteção. Do lado luminoso, dois aspectos merecem destaque, também defendido pelos conservadores sob outro meio de atingimento:

- Preocupação social
- Resgate social

De fato, a espiritualidade consiliente acolhe a todos e considera legítimas as melhorias sociais, mas desde que não haja o reducionismo ou exclusivismos de teorias políticas utópicas e materialistas. Nossa ressalva exige a compreensão de que o todo não evoluirá desprovido da autotranscendência das partes que o compõem, no caso, os indivíduos.

Assim, da vertente coletivista temos a integração do campo intencional e do senso de comunidade nela contido. Todavia, registramos nossa emenda no tocante aos meios centralizadores ou violentos, que não correspondem aos termos “social” e, muito menos, “democrático”.

Pensemos sobre os termos “social”, “democrata” e “progresso”. O vocábulo “social” conduz nossas aspirações para um sistema que produziria um índice altíssimo de desenvolvimento humano. A palavra “democrata” causa em nosso imaginário uma perspectiva descentralizada de poder, ou seja, do poder efetivamente nas mãos dos indivíduos. Por fim, a expressão “progresso” ou “progressismo” induz-nos a refletir sobre avanços tecnológicos a favor de todo o sistema.

Infelizmente, reiteramos que os meios empregados pelos chamados “*social democratas*” ou “materialistas históricos” distanciam-se dos reais significados das nomenclaturas adotadas por tal vertente. Em todas as ideologias políticas, em especial na ora analisada, julgamos faltar justamente a visão espiritualista consiliente para compreender que o social é fundamental, mas se – e somente se – integrar os luminosos princípios das demais vertentes analisadas.

Analogamente, essa importante perspectiva social carece da compreensão de que, assim como uma molécula depende das funções desempenhadas *naturalmente* por seus átomos, a sociedade depende das funções exercidas – repita-se, *naturalmente* – por seus indivíduos. No momento em que a boa intenção na busca do desenvolvimento social adotar engenharias sociais ou utilizar-se de artificialismos ceifadores de liberdade, veremos a ocorrência trágica do efeito reverso ao pretendido.

Nessa jurisdição coletiva, repita-se, a visão espiritualista consiliente acolhe a nobre intenção e compactua com a busca de coletividades mais fra-

ternas e acolhedoras entre si. Todavia, não integramos nem acolhemos os meios truculentos,⁸⁸ coercitivos, espoliativos, centralizadores ou supressores da naturalidade, da liberdade ou do mérito alheio.

Nesse particular, vale a crítica do intelectual vienense e Nobel de Economia (1974), Friedrich Hayek (1899-1992), em seu *best-seller* mundial, *O caminho da servidão*, onde explica os novos meios escravagistas da modernidade através da planificação artificial da sociedade, da centralização e das simplificações utópicas. Tudo isso relacionado ao controle burocrático-econômico e ao totalitarismo.

Pela perspectiva espiritualista, os tributos poderiam ser interpretados como possibilidades de resgate cármico ou espiritual (*policármico*, em linguagem concienológica). De fato, sinto-me obrigado a admitir tal possibilidade no campo das hipóteses. Todavia, rogamos aos nossos governantes que abduquem das práticas fisiológicas, corruptas, centralizadoras e ceifadoras das vidas e da liberdade do semelhante. Enfim, clamamos por duas compreensões simples:

- Corrupção implica em morticínio.
- Centralização atrai tirania.

Em suma, integramos a amabilidade e a ternura da preocupação coletiva, mas somente através do mais profundo e absoluto respeito ao livre-alvedrio do próximo e dos demais coletivos, jamais pela via da tributação espoliativa, do vilipêndio da liberdade, da expropriação patrimonial, do ataque ao mérito personalíssimo ou da ceifa de nosso legítimo direito ao protagonismo de nossa própria vida.

Por fim, a visão espiritualista consiliente exposta nesta obra acolhe a preocupação social, mas por meio da consciência individual, da voluntariedade, do protagonismo de nossas respectivas existências e do princípio da não-coerção a cidadãos pacíficos. Em máxima síntese, segue a advertência espiritualista consiliente para os coletivistas radicais e extremistas: solidariedade sim, despotismo não.

88 Discurso de ódio aos conservadores (Mauro Iasi, 2015). Disponível em: https://youtu.be/PtPGVMxt1_0/

CONSERVADORISMO

A integração do Conservadorismo político contribui com quatro respeitáveis princípios desse movimento anti-ideológico, antirrevolucionário, distópico e com os pés fincados na rocha, a saber:

- Destruir é mais fácil que construir.
- Fatos prevalecem sobre teorias.
- Ceticismo político.
- Naturalidade histórica.

A primeira contribuição absolutamente realística do movimento conservador leva-nos à virtude da prudência. Imagino facilmente um conservador dizendo que a rebeldia ou a revolta exigem apenas a ignorância, mas a construção ou edificação de valores morais necessitam de ordem, disciplina, método, inteligência e persistência.

Para o Conservadorismo, em geral conectado a valores religiosos, seria mais nobre desenvolver que criticar, tolerar que agredir, amar que odiar. Nesse sentido, a postura conservadora agirá na contrarrevolução ou antirrevolução. Vale dizer, resistirá ou reagirá (aqui a origem da adjetivação reacionária) aos ataques destrutivos dos valores validados pelo tempo e merecedores de – atenção para a próxima palavra – conservação.

A segunda contribuição da perspectiva conservadora está na observação dos fatos exatamente como eles se apresentam, sem maquiagens ou adaptações para encaixarem-se em utopias ou “teorias de gabinete”. Nesse momento, emerge a distopia conservadora, que fundamentará a terceira contribuição digna de integração: o ceticismo político, vale dizer, a descrença em modelos políticos ou panaceias ideológicas pretensamente salvacionistas.

O ceticismo político é considerado por mim como a maior contribuição do prisma conservador. Em suma, a solução está dentro, não fora. Essa máxima reforça a distopia e consolida a descrença em qualquer ideologia política como salvacionista. Em palavras mais simples e diretas: a política não salva.

Nesse sentido, o convite está mais voltado aos aspectos interiores, mormente como método de autoconhecimento, autoenfrentamento e a melhor forma de lidarmos com nossos descontentamentos. Em apertada

síntese, um conservador deslegitimaria os que apenas criticam o mundo exterior, desprovidos de uma única ação efetiva na caridade ao semelhante. Numa versão ainda mais resumida: não terceirize, faça.

Por fim, a quarta contribuição conservadora está no absoluto repúdio a qualquer engenharia social humana, seja ela fascista,⁸⁹ nacional socialista,⁹⁰ internacional socialista, comunista⁹¹ ou outro sistema político que, segundo os conservadores, ceife a naturalidade histórica imposta pela força dos costumes ou tradições.

Entretanto, desafio os conservadores a enfrentarem o questionamento sobre os costumes ou tradições atrasados, desumanos ou absolutamente desconexos aos valores luminosos. Lembremos que martirizar cristãos e escravizar povos já foram abjetas práticas sociais e que imoralidades como touradas e rinhas de galo ainda o são. Enfim: o que fazer com as práticas sociais inadequadas?

Pessoalmente, eu responderia que os valores dignos de conservação seriam apenas os alinhados às leis naturais, transcendentais e imutáveis que regem o universo. Eis nossa especulação filosófica. Talvez um típico conservador acrescentasse que os valores merecedores de conservação são os que refletem as leis de Deus. Desse raciocínio nascem outros desafios: quem será o intérprete dessas leis? Como pacificar as interpretações dissonantes?

PACIFISMO POLÍTICO

O pacifismo político pode ser atingido por uma *política espiritualista consiliente*, ou seja, aquela que absorve as luminosas contribuições de todas as grandes perspectivas citadas, mas desprovida da ingenuidade que ignora as imperfeições humanas. Portanto, integramos valores de todas as perspectivas, tais como:

- Libertarianismo: descentralização de poder
- Liberalismo clássico: livre concorrência
- Coletivismo: resgate social
- Conservadorismo: ceticismo político

89 Máxima de Mussolini, pai do Fascismo: "Tudo no Estado, nada contra o Estado e nada fora do Estado".

90 Nacional socialismo, criminoso sistema conhecido como Nazismo, liderado pelo tirano Adolf Hitler.

91 Comunismo: regime que exclui a propriedade privada ou o acúmulo de capital do regime capitalista.

A concentração de poder, infelizmente, descamba com facilidade para as vaidades egocêntricas, o apego excessivo aos prazeres mundanos e outros incontáveis desvios existenciais. O poder centralizado pode transformar seres com grandes responsabilidades em retóricos sofistas, populistas e eleitores, aumentando seus débitos espirituais ao invés de diminuí-los.

A política espiritualista consiliente foca no amor, mas não abre mão da liberdade. Precisamos de fraternidade, mas também de lucidez e precaução sobre a perversidade que ainda domina as ações de muitos de nós que ainda chafurdam na vilania, no hedonismo e na pior chaga e equívoco humano de todos os tempos: o materialismo.

A espiritualidade consiliente harmoniza-se racionalmente ao trinômio Deus-espírito-matéria, mas se permite abraçar nossos irmãos ateus; respeita as religiões, mas evita vinculá-las ao Estado, pois nenhum governante pode arrogar-se como ditador da transcendência; enfim, perdoa os equívocos dos gestores mundanos, mas não compactua com seus erros e distingue os modismos temporais da moralidade atemporal.

Portanto, a espiritualidade consiliente sustenta e reitera, ainda com maior veemência no presente capítulo, a necessidade da ativação conjunta das virtudes da justiça e do amor, numa exaltação produtiva e gloriosa das conexões entre mérito individual e solidariedade coletiva. Enfim, é justo que tenhamos liberdade e façamos jus aos frutos de nosso próprio esforço, mas também devemos reconhecer a magnitude espiritual da misericórdia.

Os reducionismos excludentes ou a mitigação de um valor em detrimento de outro serão sempre deficitários ou, até mesmo, catastróficos. Todos nós temos responsabilidade nesse contexto. A espiritualidade consiliente abraça a todos e, para tanto, estimula que superemos nossas reduções separatistas de estilo “nós *versus* eles” para, cada vez mais, ampliarmos a intensidade e a extensão do nosso abraço integral e verdadeiramente digno do adjetivo humanitário.

A integração política passa pela diplomacia entre todas as vertentes ideológicas em suas respectivas áreas de atuação e limites específicos, ou seja, nas correspondentes jurisdições individual, coletiva e científica, repre-

sentadas didática e simbolicamente pelos pronomes “eu”, “nós” e “isso”. *A contrario sensu*, todas elas perderão legitimidade se usarem da truculência para invadir – *manu militari* – os espaços alheios.

Portanto, quando a jurisdição intersubjetiva ou interobjetiva adentra o espaço individual, estaremos diante da tirania da maioria, do abjeto populismo ou da “ditadura do proletariado”, vendida falsa e arditosamente como “democracia”. Na ocorrência da invasão invertida, ou seja, da jurisdição do “eu” no espaço coletivo do “nós”, haverá a tirania infantilóide e narcísica de um ególatra sobre toda uma coletividade.

Em suma, a plenitude ou integração política da espiritualidade consiliente declara a independência entre os espaços da subjetividade, da intersubjetividade, da objetividade e, obviamente, da visão sistêmica interobjetiva. Todavia, concomitantemente à declaração de autonomia, também reconhece a importância das interações harmônicas e espiritualizadas. Entre liberdade, fraternidade e intelectualidade ficaremos com tudo e todos para que ergamos nossa fortaleza humanística, espiritualista ou moral, como queiramos adjetivar.

Derradeiramente, encerraremos a política espiritualista consiliente com as advertências do espírito de Humberto de Campos, em obra intitulada *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*,⁹² a primeira em repúdio expresso ao homem econômico marxista; a segunda, embora em chamamento ao capitalismo, clama pela correta destinação dos largos recursos oriundos desse regime. Ambas as críticas, embora datadas de 1938, portam uma atualidade impressionante, quase profética. Senão vejamos:

Nesta época de confusão e amargura, quando, com as mais justas razões, se tem, por toda parte, a triste organização do homem econômico da filosofia marxista, que vem destruir todo o patrimônio de tradições dos que lutaram e sofreram no pretérito da Humanidade (omissis)”.

“Que o capitalismo, visando à própria tranquilidade coletiva, seja chamado pelas administrações ao debate, a incentivar com os seus largos recursos a campanha do livro, do saneamento e do trabalho, em favor da concórdia universal”.

92 XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*. São Paulo: FEB, 2015, p. 185.



LIVRO V

a integração psicológica

Farei uma breve síntese das quatro forças tradicionais e acrescentarei a quinta força extraída da Filosofia Integral (integração endógena das quatro primeiras) e uma sexta, proposta por mim com base na espiritualidade consiliente, conectada não somente com as cinco anteriores, mas também com todo o universo exógeno ao ramo psicológico.

1ª. FORÇA: BEHAVIORISMO

Após minha formação jurídica, em 1988, interessei-me pelo estudo mais profundo de alguns paradigmas transcendentais, especialmente das vertentes conhecidas como Conscienciologia, Espiral Evolutiva e Filosofia Integral. Paralelamente, estudei pelo autodidatismo e também por meio de cursos de aperfeiçoamento, tanto a Psicologia Transpessoal como a Psicanálise.

Precisamente em 2003, tive contado mais profundo com as quatro primeiras forças da Psicologia, iniciando pelo Behaviorismo, termo aporuguesado e derivado da palavra inglesa *behavior*. Essa Psicologia do Comportamento considera John B. Watson (1878-1958) como seu fundador e nasceu de uma espécie de negação ao valor da introspecção e de tudo que não fosse mensurável ou observável.

Vale dizer, o foco e a epistemologia de toda a ciência psicológica deveria partir da repetição de um comportamento, cuja base estaria em uma relação causal do tipo estímulo-resposta.

2ª FORÇA: PSICANÁLISE

Paralelamente à especialização em Psicologia Transpessoal, iniciei meus estudos em Psicanálise, concluindo-os no ano de 2005. A vertente psicanalí-

tica, proposta por Sigmund Freud (1856-1939), prioriza o tratamento das patologias e dos sofrimentos diante das impotências ou limitações humanas.

Um dos principais pilares dessa segunda força concentra-se no conceito de inconsciente. Em outras palavras, pelo método da associação livre, Freud buscava facilitar ao paciente a emersão de conteúdos inconscientes para a consciência, vencendo paulatina e naturalmente as resistências psíquicas que impediriam o acesso a tais blocos informacionais aprisionados na escuridão do inconsciente.

Reconhecemos, nesses desbravadores da psique humana, portentos de sabedoria. Registre-se que Freud também era judeu no difícil período marcado pela barbárie nacional socialista que terminou na catástrofe humanitária dramaticamente exposta pelos horrores da 2ª Guerra Mundial. Contudo e apesar do esforço intelectual desses pensadores da Psicologia envoltos pelo torpor da insanidade bélica, outros avanços estavam por vir.

3ª FORÇA: PSICOLOGIA HUMANISTA

A Psicologia Humanista surgiu em reação às vertentes antecessoras. Abraham Maslow (1908-1970), propositor da famigerada Pirâmide de Maslow, é considerado um dos pais da Psicologia Humanista e também da transição para uma perspectiva transpessoal. Carl Gustav Jung (1875-1961), propositor da Psicologia Analítica, também viceja como outro pioneiro da vertente humanista e transpessoal, por meio de ferramentas arquetípicas e do processo que chamou de “individualização”. As propostas declaram a incompletude dos avanços comportamentalistas e freudianos, ambos carecedores do suplemento humanista.

Em apertadíssima síntese, poderíamos dizer que Freud focou na cura da patologia ou, figurativamente, da parte adoecida ou apodrecida da “laranja”, enquanto Maslow concentrou suas forças para reforçar o desenvolvimento do lado saudável. Em interpretação pessoal, eu diria que Maslow, Jung, Rogers⁹³ e Frankl, entre outros, inauguraram a psicologia da saúde, do bem-estar, do potencial humano, enfim, da autorrealização.

93 Carl Rogers (1902 – 1987): Prêmio Nobel da Paz em 1987, focou na abordagem centrada na pessoa.

4ª FORÇA: PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

Iniciamos tal vertente com a continuidade da analogia anterior. O Behaviorismo e a Psicanálise buscam diagnósticos e tratamentos para patologias, “sombras” ou “contaminações” da “laranja”; a Psicologia Humanista visou o reforço do lado luminoso ou saudável da “laranja”; a Psicologia Transpessoal, por sua vez, buscou a compreensão das relações entre a fruta (indivíduo) e todo o pomar (universo).

Entram em cena as chamadas “experiências de pico”, conhecidas no Oriente como iluminação, *samadhi* ou *satori*. Numa linguagem ocidental, poderíamos descrevê-las como uma vivência de expansão da consciência em união com conhecimentos transcendentais ao próprio indivíduo ou experimentador. Em linguagem conscienciológica, poderíamos especular suas similaridades com o fenômeno parapsíquico nominado de “projeção do mentalsoma”. Para as vertentes racionalista cristã, espírita e de inúmeros sincretismos religiosos, usaríamos o termo genérico mediunidade.

Muitos equívocos e trágicas quedas foram vivenciados por pesquisadores desses estados alterados ou expandidos de consciência. Lamentavelmente, muitos neófitos desbravadores buscaram drogas psicodélicas (década de 1960), entre outras temerárias induções, sob nossa perspectiva, absolutamente desaconselháveis.

Paulatina e felizmente, a humanidade deu-se conta de acessos saudáveis para tais experimentos transpessoais. O Ocidente redescobriu a contemplação cristã e alguns desses desbravadores do universo transpessoal importaram antigas e edificantes práticas orientais como a meditação e a ioga. Após um longo percurso dos heroicos bandeirantes do universo transpessoal, entre inúmeros sacrifícios, erros e acertos, estabelece-se a quarta força da Psicologia, integrando conceitos habitualmente segregados aos territórios da filosofia e da religião.

Gigantes pensadores do início do século XX, como William James (1842-1910), notável filósofo, psicólogo, pesquisador da parapsicologia e citado como um dos fundadores da Psicologia Funcional, e o próprio Jung, desenvolveram teorias que vieram a ser reconhecidas como precursoras do chamado paradigma transpessoal.

Charles Tart (1937-) estuda os “estados alterados ou expandidos de consciência” e, no ano de 2009, publica a obra intitulada *The End of Materialism* (O Fim do Materialismo). Definitivamente, o materialismo passa a ser aberta e seriamente contestado, e até mesmo combatido, inclusive por inúmeros cientistas, em fomento para a construção de um novo paradigma científico, em águas dantes navegadas somente pela filosofia e pelas religiões.

Thomas S. Kuhn (1922-1996) escreve, em 1962, uma de minhas obras favoritas: *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Kuhn aborda o processo histórico das grandes revoluções científicas e as limitações do que denominou “efeito paradigma”, uma espécie de cegueira causada pelos limites paradigmáticos em geral, perfeitamente aplicável ao paradigma materialista dos cientistas convencionais. Num linguajar menos elegante, poderíamos observar o próprio materialismo como uma espécie de seita ou paradigma limitador.

Terminamos por mencionar o seminário sobre Teologia Humanística promovido em 1966, quando Maslow amadureceu a ideia de que uma nova força estava surgindo. Digna de nota a participação do citado neuropsiquiatra austríaco Viktor E. Frankl. O nobre autor, como dissemos, vivenciara os horrores de um campo de concentração e participou do seminário acompanhado por outro gigante da quarta força, o médico tcheco radicado nos Estados Unidos Stanislav Grof (1931-), além do próprio Maslow. Esses experientes doutos da Psicologia cunharam a expressão *Psicologia Transpessoal*.

Enquanto isso, no Brasil, notáveis estudiosos da espiritualidade e luminares da caridade trabalhavam no desenvolvimento da riquíssima literatura espiritualista, de valor inestimável. Solicito licença para condensar minha homenagem e gratidão a todos esses desbravadores da espiritualidade na figura ímpar do humanista, apóstolo do amor e incomparável médium espiritista mineiro Francisco Cândido Xavier.

Derradeiramente, constatamos que os conceitos filosóficos e religiosos como Deus, espírito, alma e imortalidade, dentre outros, passaram a integrar também os debates da ciência psicológica, mas ainda sem a devida contundência que proporemos após a análise da vertente wilberiana.

5ª FORÇA: PSICOLOGIA INTEGRAL

Quando tudo parecia concluído, surge o filósofo estadunidense Ken Wilber e, quase despretensiosamente, impacta o mundo filosófico com a propositura da quinta força. Surge a *Psicologia Integral*, em que o notável autor, em obra de título homônimo, delega-nos um verdadeiro tesouro integrativo entre as escolas de sabedoria oriental e ocidental.

Resumidamente, podemos dizer que Wilber contextualizou os métodos das quatro forças anteriores, legitimando-os em suas respectivas especialidades e especificidades. Em palavras simples, cada força seria mais conveniente para um tipo de situação. Em Wilber, vão-se as disputas egocêntricas e emergem as contextualizações para que brilhem as luzes de cada uma das forças, conforme determinadas demandas. Faltam-me palavras para expressar minha gratidão a esse maiúsculo filósofo contemporâneo.

Wilber brinda-nos com sua poderosa inteligência e concede-nos toda a caixa de ferramentas para o trabalho psicológico. Cabe, ao profissional desse ramo do conhecimento, diagnosticar corretamente o paciente e escolher a melhor ferramenta para cada caso específico, seja ela oriunda das psicologias comportamental, psicanalítica, humanista e transpessoal ou alguma conjugação entre elas.

6ª FORÇA: PSICOLOGIA ESPIRITUAL CONSILIENTE

Confesso que, no momento em que estudei a filosofia wilberiana, tive convicção de que estava no final da linha, pois o pensador estadunidense havia integrado todas as quatro forças até então desenvolvidas, juntamente com sua própria perspectiva, como a quinta e derradeira força da Psicologia. Nada mais haveria a fazer, não é mesmo?

Entretanto, para meu espanto, imaginei uma nova força que abraçasse não somente as integrações endógenas,⁹⁴ mas também as exógenas⁹⁵ que abordassem explicitamente as contribuições espiritualistas *lato sensu*, uma a uma, sem desvios ou exclusões. Wilber magistralmente integrou as quatro forças da Psicologia em seu aspecto endógeno, ou seja, entre as

94 Integração endógena wilberiana: validação das quatro forças internas ao campo da Psicologia.

95 Integração endógena e exógena: acrescenta as forças externas ao campo psicológico.

citadas escolas ou forças da Psicologia. O modelo proposto pela presente obra integra o modelo wilberiano e acrescenta a interação explícita e completamente desprovida de tibiez de todas as questões espiritualistas, no sentido mais amplo do termo.

Enfim, propomos que todo o universo espiritualista seja explicitamente considerado. Sejamos ainda mais claros e precisos: integraremos conceitos como Deus, espírito, alma, transmigrações, revelações, multidimensionalidade, influências espirituais, vida após a desintegração corpórea, encarnação, reencarnação, pluralidade dos mundos habitados etc. Em suma: a espiritualidade consiliente enfrenta, conecta e harmoniza, abertamente e sem meias-palavras, o oceano da Psicologia ao universo espiritual.

Ocorreu-me, a partir da constatação dessa demanda que julgo emergencial, demolir os muros psicológicos e agregar a interação exógena em toda a sua amplitude e vastidão, enfim, para muito além dos notórios e benéficos avanços do paradigma transpessoal, que também possui seus aspectos exógenos, mas não com a amplitude, a explicitude e, principalmente, a contundência que a 6ª força requer.

A integração entre endógeno e exógeno propõe a interação da Psicologia com tudo, da Física newtoniana à quântica, do Direito positivo ao natural, da hermenêutica jurídica saudável aos patológicos fanatismos político-ideológicos, em explícita abrangência de todos os níveis de consciência (profundidade), na direção de todas as vertentes do saber (amplitude), abarcando as teorias intramuros desses segmentos e também a tudo que estiver além das muralhas da Psicologia.

Poder-se-ia dizer que a 4ª força incorpora parcialmente tal função, em especial pelo paradigma sistêmico e sustentabilidade planetária. Todavia, é inegável nessa vertente a carência do trato *explícito* das influências espirituais, seja entre encarnados ou desencarnados, e do enfrentamento corajoso e aberto de todas as questões espiritualistas, sem rodeios ou tibiez. Eis a sexta força que, modestamente, ousa cunhar para a inserção flagrante dos conceitos e influências espiritualistas no caldeirão das reflexões psicológicas universitárias. Sim, chegou o momento de levarmos os avanços do campo espiritual para as universidades.



LIVRO VI

a integração caritativa

ENTRE O PEIXE, A PESCA E O LAGO

capítulo 12

DAR O PEIXE

Trata-se da tarefa consolatória. A função está na atividade caritativa para os integrantes das camadas onde a sobrevivência está no foco das preocupações. A distribuição de alimentos e os primeiros socorros no campo da Medicina, em geral, dominam esse nível.

O gigante da psicologia estadunidense dos anos 1960 e proponente do conceito da Espiral Evolutiva, Clare Graves, classificou essa faixa assistencial pela cor bege,⁹⁶ eis que remete nossa imaginação para a luta pela sobrevivência nos desertos e nas savanas africanas.

Apresentamos uma casuística consolatória que vivenciamos a partir de 2020, em pleno surto pandêmico do novo coronavírus, em que um grupo de quatro voluntários iniciou a distribuição de alimentos *in natura* para três instituições e refeições quentes para sessenta carentes, muitos deles moradores de rua. A atividade foi amparada pela técnica espírita do estudo do Evangelho antes do início dos trabalhos, além de preces e irradiações de pensamentos e sentimentos edificantes, em pausas programadas durante o cozimento dos alimentos.

A atividade ocorre todos os sábados, pontualmente às 8:00 horas, com o preparo técnico dos alimentos, material e espiritualmente. Procuramos exercitar a fraternidade através de detalhes carinhosos nos alimentos, como a inserção de uma breve mensagem ou desenhos nos ovos cozidos, entre outras ações.

96 MARTINS, Ton. Consciência Turquesa. Jundiaí: Luce, 2017, p. 29.

A entrega é feita numa única praça, devidamente escolhida para que não atrapalhem os comerciantes da região. Solicitamos ordem, disciplina e respeitoso silêncio na fila de entrega. No mesmo local, entregamos os alimentos *in natura* para uma instituição católica e duas evangélicas e contamos com a proteção espiritual de uma instituição espiritualista. Em suma, buscamos o exercício do amor, independentemente da vertente espiritualista que receberá a ação caritativa.

ENSINAR A PESCAR

Essa frequência ou faixa assistencial trabalha com a tarefa do esclarecimento. Num linguajar coloquial, dizemos que, a partir da saciedade da barriga, lembrar-nos-emos da mente. Essa modalidade, bastante prestigiada nos ambientes conscienciológico e racionalista cristão, é também vivenciada pelo autor.

Em suma, através da caridade do esclarecimento e da vontade do espírito em buscar uma porta de saída de seu estado de miserabilidade material ou espiritual, esta última existente em todas as classes sociais, novos horizontes se descortinam para o carente.

Podemos apresentar outra casuística na tarefa do esclarecimento que envolve palestras ministradas, artigos, vídeos e obras disponibilizadas gratuitamente pelas vias eletrônicas.⁹⁷ Todavia, aos que isolam a tarefa do esclarecimento como absolutamente independente da ação consolatória, porto a notícia que os chamados “ideólogos de gabinete” ou “espiritualistas do ar-condicionado” restringem a abrangência de seu pensar justamente pelo distanciamento do contato direto com realidades mais desafiadoras.

CRIAR O LAGO

A tarefa da criação exige ferramentas e capacitações extremamente sofisticadas de caridade ou assistência espiritual. Trata-se não “apenas” da criação de trabalho e riqueza para setores econômicos, mas também da geração de ecossistemas inovadores, criativos e proporcionadores de desenvolvimento de novas tecnologias e novos mercados que, posteriormente, originarão outras ramificações e evoluções coletivas.

97 www.tonmartins.com.br e www.youtube.com/tonmartins

Podemos exemplificar este nível de atuação com os grandes inventos que abriram novos mercados e ampliaram a consciência de toda a espécie humana, como o surgimento da prensa, máquina a vapor, computadores, *internet* e, mais recentemente, da maior profilaxia da tirania e mecanismo libertário já descoberto pela humanidade: a *Blockchain*,⁹⁸ uma cadeia de blocos virtuais interconectados que, através da evolução da criptografia, descentralizou a experiência da *internet* e da troca de informações eletrônicas, tornando-as mais confiáveis, seguras e livres das tiranias centralizadoras.

Podemos apresentar duas vivências ou casuísticas nesse campo desafiador. A primeira na esfera jurídica, com a apresentação de um novo ecossistema jurídico para o Brasil, por meio da inovadora proposta de um texto constitucional livre das amarras sectárias, classistas e, principalmente, do despotismo centralizador.⁹⁹

A segunda, envolve tanto atividades empreendedoras para a geração de empregos, como investimentos em tecnologias disruptivas e descentralizadas, como as moedas eletrônicas conhecidas como *Bitcoin*, *Etherium* ou *Cardano*. Tais iniciativas surgem em flagrante fomento a miríades de novas e criativas possibilidades, como a viabilização de contratos inteligentes eletrônicos¹⁰⁰ e acessibilidade bancária àqueles que ainda não possuem,¹⁰¹ inclusive com impactos educacionais.¹⁰²

ENFIM, O OCEANO

Em alguns segmentos de estudos transcendentais ao materialismo, notadamente no ambiente da Projeciologia/Conscienciologia, notei um certo prestígio aos obreiros do esclarecimento face aos tarefeiros do consolo. Posiciono-me contrário a qualquer reducionismo das miríades de atividades caritativas, sejam elas consolatórias, esclarecedoras ou criativas.

98 MARTINS, Ton; MARTINS, Gabriel Nardi. Criptomoedas: a profilaxia da tirania. Jundiá: Luce, 2021.

99 MARTINS, Ton; TAVARES, Renata; GONÇALVES, Jonisval B; PANNON DE MATOS, Mário J; ORLEANS E BRANGANÇA, Luiz P. A Libertadora: uma constituição para o Brasil. São Paulo: LVM, 2022.

100 ROCHA, Daniel. Smart contract: saiba por que a tecnologia ganha espaço no mercado. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/criptomoedas/smart-contracts-tecnologia-criptomoedas-blockchain/>

101 MCGREGOR, Nicholas. Os planos ambiciosos da Cardano para a África. Disponível em: <https://beincrypto.com.br/os-planos-ambiciosos-da-cardano-para-a-africa/>

102 MARCUS VINICIUS. Cardano e África: um olhar para o futuro. Disponível em: <https://livecoins.com.br/cardano-e-africa-um-olhar-para-o-futuro/>

A caridade espiritualista consiliente desmonta esse paradigma seletivo no campo caritativo, a fim de reconhecer a importância do altruísmo em todos os campos vibracionais, desde que voluntários e em absoluto respeito ao livre-arbítrio e às vocações assistenciais personalíssimas, incluindo-os, integrando-os, aplaudindo-os, todos eles, com o mesmo entusiasmo.

Portanto, a espiritualidade consiliente abraçará, amorosamente, toda a caridade esclarecedora, da fantástica doutrina racionalista cristã aos nossos sagazes pesquisadores conscienciólogos. Com o mesmo vigor, aplaudiremos nossos irmãos evangélicos e católicos que, por sua vez, assumem belíssimas atividades em alento consolatório e, muitas vezes, esclarecedor, em presídios, nas ruas, entre dependentes químicos etc. Destacamos ainda notáveis espíritas que, incansavelmente, atuam no consolo em todos esses setores, creches e incontáveis ações dignas de nosso mais profundo reconhecimento, pautados pelo estudo de maravilhosa e vasta obra literária espiritista, cuja qualidade intelectual, assistencial, caritativa e esclarecedora pedimos licença para admirar.

Resta-nos ainda mencionar que, independentemente de nossas crenças individuais, podemos encontrar portentos de amor e ajuda ao próximo tanto nos mais diferentes segmentos religiosos, como também em humanistas adeptos do ceticismo. A caridade espiritualista consiliente desmonta as barreiras e as disputas egocêntricas no campo caritativo para exaltar todos esses espíritos abnegados como verdadeiros ícones da espiritualidade.



LIVRO VII

as polêmicas

Ao afirmarmos que a espiritualidade consiliente enfrenta qualquer polêmica e não foge da reflexão sobre temáticas consideradas socialmente delicadas, obrigamo-nos a exemplificar através da seleção das principais polêmicas hodiernas, delegando nosso respectivo posicionamento de forma clara e contundente, obviamente sob a égide de nossos princípios e metodologia.

ABORTO

A discussão ganhou força na atualidade frente ao conflito entre dois direitos legítimos, a saber:

- Direito à vida.
- Direito ao corpo.

De fato, todo ser humano, seja homem ou mulher, tem direito ao próprio corpo. Não há discussão quanto a isso. Porém, o nascituro possui o mesmo direito ao corpo e ainda outro de hierarquia superior, a saber: a vida.

Assim sendo, mesmo sob a perspectiva do reducionismo materialista, podemos colecionar exitosos argumentos jurídicos e humanitários a favor da vida fetal, eis que entre dois direitos legítimos em conflito, devemos optar pelo mais essencial. Enfim, ainda que restringíssemos o debate ao universo mundano, poderíamos facilmente concluir pela posição *pró-vida*, eis que a existência sobrepõe-se à condição corpórea e outros respeitáveis direitos relacionados ao domínio do corpo e da estética.

Ao virarmos a chave paradigmática do materialismo para o espiritualismo, a situação ganha ainda mais volume e profundidade, além de dimensões trágicas para os que ceifam uma vivência corpórea para outro

espírito. Em termos espiritualistas, aborto provocado intencionalmente é uma triste, grave e lamentável falha espiritual.

Os relatos de inúmeras vertentes espiritualistas apontam para problemas cármicos gravíssimos que a eliminação dolosa da vida intrauterina ocasiona, inclusive por meio de negativas reverberações energéticas, fluídicas ou perispirituais, como queiramos denominar. Vale a lembrança de que tudo implica em ação-reação ou causa-efeito.

Imaginemos um jovem casal que, ao receber o resultado positivo do exame de gravidez, efusivamente comunica à família que está esperando uma criança. Na verdade, a informação verdadeira é que aquele filhinho ou filhinha, cujo corpinho encontra-se temporariamente no útero de sua futura mamãe, já veio. Não há como negar a vida intrauterina e, na falta de melhores palavras, sugerimos ao leitor a observação atenta de imagens de bebês interagindo com o útero materno.

O último suspiro do materialismo abortivo seria argumentar sobre o momento da gestação, ou seja, que as crianças existentes nos abençoados úteros femininos somente portariam vida após uma determinada fase gestacional. Eu poderia lançar argumentos *pró-vida* no sentido de que o tamanho pouco importa, mas prefiro entregar-me ao poder didático da Figura 3, onde foram desenvolvidos modelos idênticos a embriões nas primeiras semanas gestacionais:



Trabalho artístico de @mytanglepeace.

Figura 3 – Modelos de embriões de até 12 semanas de idade, evidenciando os estágios do desenvolvimento.

Em suma, seja pelo prisma materialista, jurídico, ético ou espiritual, a espiritualidade consiliente manifesta-se a favor da vida – que inclui a vida intrauterina – e das oportunidades de resgate espiritual, a fim de acolhermos em nosso convívio os espíritos encaminhados para os desafios evolutivos através das delícias e vicissitudes do mundo material.

EUTANÁSIA

Notamos certa dificuldade dos materialistas em apontar restrições para a eutanásia. Todavia, para o espiritualista consciente da importância da drenagem energética mais densa pelo veículo material, cada momento de vinculação ao corpo físico detém sua relevância.

Portanto, à luz do paradigma espiritualista mais profundo, vemos a eutanásia como uma prática negativa ou, no mínimo, digna de reflexões mais cautelosas. Em suma, refutamos a banalização do debate oriunda do reducionismo materialista. Felizmente, possuímos fartos recursos medicamentosos no alívio das dores e tormentos corpóreos, alentos esses que poderiam evitar ações mais radicais e de consequências delicadas.

Em outras palavras, se nos foi concedida a benção dos anestésicos, devemos fazer bom uso deles, em alívio caritativo aos flagelos impostos pelo sofrimento. Dito isso, cabe-nos reiterar máxima cautela aos doutores da Medicina na questão em foco, pois precisamos observar que a eutanásia, embora pareça um alívio ao sofredor, poderá trazer consequências espirituais complexas, posto que a vida não se finda com a desintegração corpórea.

Poderíamos aquecer a polêmica por meio do cotejo entre os conceitos de distansia (prolongamento da vida à custa de sofrimento), eutanásia (abreviação da vida corpórea para uma suposta eliminação de sofrimento) e ortotanásia (aceitação da morte natural, evitando-se procedimentos invasivos e dolorosos). O escopo desta obra não permite o aprofundamento que o tema exige, mas desde logo antecipamos que uma jornada espiritualista consiliente fomenta o saudável diálogo entre a visão espiritual e os doutos especialistas da Medicina, numa ode conciliatória entre o respeito à vida e os ditames do bom senso.

IDEOLOGIA DE GÊNERO

Desde sua origem,¹⁰³ e notadamente nos moldes aplicados nos tempos atuais (ano base: 2022), tal ideologia refuta a construção biológica da sexualidade. Na esteira dessa questão, observamos outras manifestações de desequilíbrio, como experimentos sociopsicológicos com crianças,¹⁰⁴ desconstruções linguísticas,¹⁰⁵ manipulações ideológicas¹⁰⁶ etc.

Primeiramente, devemos analisar a questão desprovidos de paixões irrefletidas, preconceitos e absolutamente repletos de respeito e amor. Os frutos da ideologia de gênero portam flagrantes e descabidos excessos,¹⁰⁷ precipitações e imoralidades impressionantes e absolutamente incompatíveis com nossas demandas espirituais.

No campo jornalístico, encontramos o documentário *Geração sem Gênero*,¹⁰⁸ no qual inúmeras incongruências foram demonstradas por irrefutáveis imagens que denunciam preocupantes inversões conceituais pelas quais passa nosso mundo em transição. O documentário bastaria para chocar qualquer amante da espiritualidade profunda, ainda assim, citaremos algumas lideranças religiosas e espiritualistas que se manifestaram sobre o tema.

Inúmeros estudiosos de diferentes credos religiosos posicionam-se contrariamente aos excessos em torno dessa ideologia, sejam católicos,¹⁰⁹ evangélicos¹¹⁰ ou espiritistas cristãos. Nessa última vertente espiritualista, encontramos duas manifestações explícitas, uma delas que tratou a questão como uma “alucinação psicológica da humanidade” e uma “imora-

103 Proposta por Simone de Beauvoir, ateuista, abortista, feminista, comunista e opositora ao existencialismo cristão.

104 GAZETA DO POVO. Vereadora trans propõe uso de nome social por crianças sem autorização de pais. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/vereadora-trans-propoe-uso-de-nome-social-por-criancas-sem-autorizacao-de-pais/>

105 JORGE, Adrilles. Impor a linguagem neutra a crianças é um crime. Disponível em: <https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/adrilles-jorge/impor-a-linguagem-neutra-a-criancas-e-um-crime.html>

106 Entrevista (Brasil Paralelo). Disponível em: <https://youtu.be/88fK1cWLuww>

107 ZACARIAS, Bruno D. Disforia de gênero: mudança de sexo precoce pode deixar marcas irreparáveis em crianças. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/disforia-de-genero-mudanca-de-sexo-precoce-marcas-irreparaveis-em-criancas/>

108 Documentário (Brasil Paralelo). Disponível em: <https://youtu.be/EOdcJ7JuiXk>

109 BATTISTI, Dom Anuar. Ideologia de gênero. Disponível em: <https://www.cnnb.org.br/ideologia-de-genero/>

110 GAZETA DO POVO. Frente Parlamentar Evangélica pede fim da ideologia de gênero nas escolas. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/frente-parlamentar-evangelica-pede-fim-da-ideologia-de-genero-nas-escolas-1d7yzu1chr90krvj66k52623c/>

lidade ímpar”.¹¹¹ Outro palestrante espiritista e juiz de direito externou interessante posição jurídica e afirmou categoricamente que a ideologia de gênero se assenta em bases materialistas e não contempla a realidade espiritual,¹¹² opinião ecoada por outros pesquisadores espiritistas.¹¹³

Antes de encerrarmos nossos comentários, urge elaborarmos nosso protesto contra todo e qualquer tipo de preconceito aos nossos irmãos homossexuais, credores de nosso amor, respeito e fraternidade. O cuidado que temos sobre essa temática segue no sentido da integração de todos, com a mesma afetuosidade que um pai ou uma mãe abraça seus filhos.

Finalmente, sempre norteados pelo amor e pelo respeito a professores e governantes, também devemos ressaltar a autoridade moral e responsabilidade espiritual dos pais na condução e educação *lato sensu* de seus respectivos filhos. Assim, nenhum governante, professor ou ideólogo de gabinete possui o direito de suprimir o legítimo direito-dever paterno e materno na orientação de seus filhos.¹¹⁴ Em síntese, dirigimo-nos aos ideólogos de gênero para, respeitosamente, solicitarmos que deixem as famílias, os adolescentes e as crianças em paz.

PENA DE MORTE

No momento em que exaltamos o direito à vida, ao lado dos elevados valores da liberdade e da propriedade justamente adquirida, podemos enfrentar a lógica materialista que se baseia no contra-argumento de que a morte de um indivíduo supostamente incorrigível poderia salvar as vidas inocentes de suas possíveis próximas vítimas. Trata-se de um argumento que merece atenção.

Pois bem, convidamos a uma reflexão sob o paradigma espiritualista, integrando as várias dimensões espirituais e a continuidade da vida após o descarte corpóreo. Tais perspectivas consideram o plano material como um cárcere ou cadinho depurativo do espírito. Em analogia comparativa

111 FRANCO, Divaldo. Opinião. Disponível em: https://youtu.be/3KZ3bH3U_ec

112 DUTRA, Haroldo. Opinião. Disponível em: <https://youtu.be/bUvSE-3vFvg>

113 TARSO, Saulo. “Ideologia de gênero” se baseia no materialismo. Disponível em: <https://www.correioespirita.org.br/categorias/artigos-diversos/2626-ideologia-de-genero-se-baseia-no-materialismo>

114 FRANCO, Divaldo. Opinião e argumentos suplementares. Disponível em: <https://youtu.be/m9WNM4q9aWQ>

entre a dimensão espiritual e a material, a “penitenciária” espiritual (na verdade, “hospital-escola”) localiza-se no território mais denso, ou seja, na matéria, o que nos conduz ao posicionamento contrário à pena capital. Não se trata, absolutamente, de lançarmos argumentos relacionados a possíveis falhas sistêmicas que poderiam condenar um inocente. Estamos diante de argumentações que enfrentam a questão em sua essência, não apenas por possíveis vícios de forma, mas sim encarando, olho no olho, face a face, o seu conteúdo.

Sob a égide da imortalidade do espírito, da multidimensionalidade, das leis de causa-efeito, do altruísmo caritativo, dos problemas da obsessão ou assédio espiritual, enfim, sob uma perspectiva transcendente, integral e espiritualista, notamos que a pena capital não resolverá o problema da criminalidade, apenas transferirá ou estenderá a demanda para outra dimensão, talvez em agravamento da mesma.

Sabemos que, muitas vezes, o uso de clichês empobrece o debate. Entretanto, solicitamos licença para abrir uma exceção e citarmos uma expressão corriqueira em nossa sociedade: a saída é a educação. A Espiritualidade Consiliente aplaude tal máxima, porém, ousa acrescentar um adjetivo: a saída é a educação *espiritual*.

Nesse diapasão, vale a lembrança do filósofo, artista e educador Rudolf Steiner (1861-1925), fundador da Antroposofia e opositor das visões e soluções meramente materialistas. Steiner combate a educação massificada e valoriza as características individuais. Nessa particularidade, vemos harmonia com os valores espiritualistas, notadamente pela ideia de que nenhuma educação logrará êxito se não levar em conta o componente espiritual da existência humana.

Feita essa breve digressão, retornaremos ao foco do presente tópico para afirmar que os criminosos, mesmo os portadores de corpos saudáveis, são doentes espirituais. Subtraí-los do cárcere material e empurrá-los compulsoriamente para o plano espiritual não nos parece, nem de longe, o tratamento adequado. Os horrendos instrumentos como força, cadeira elétrica, guilhotina, câmara de gás ou qualquer outro correlato representam tristes equívocos das soluções materialistas e reducionistas.

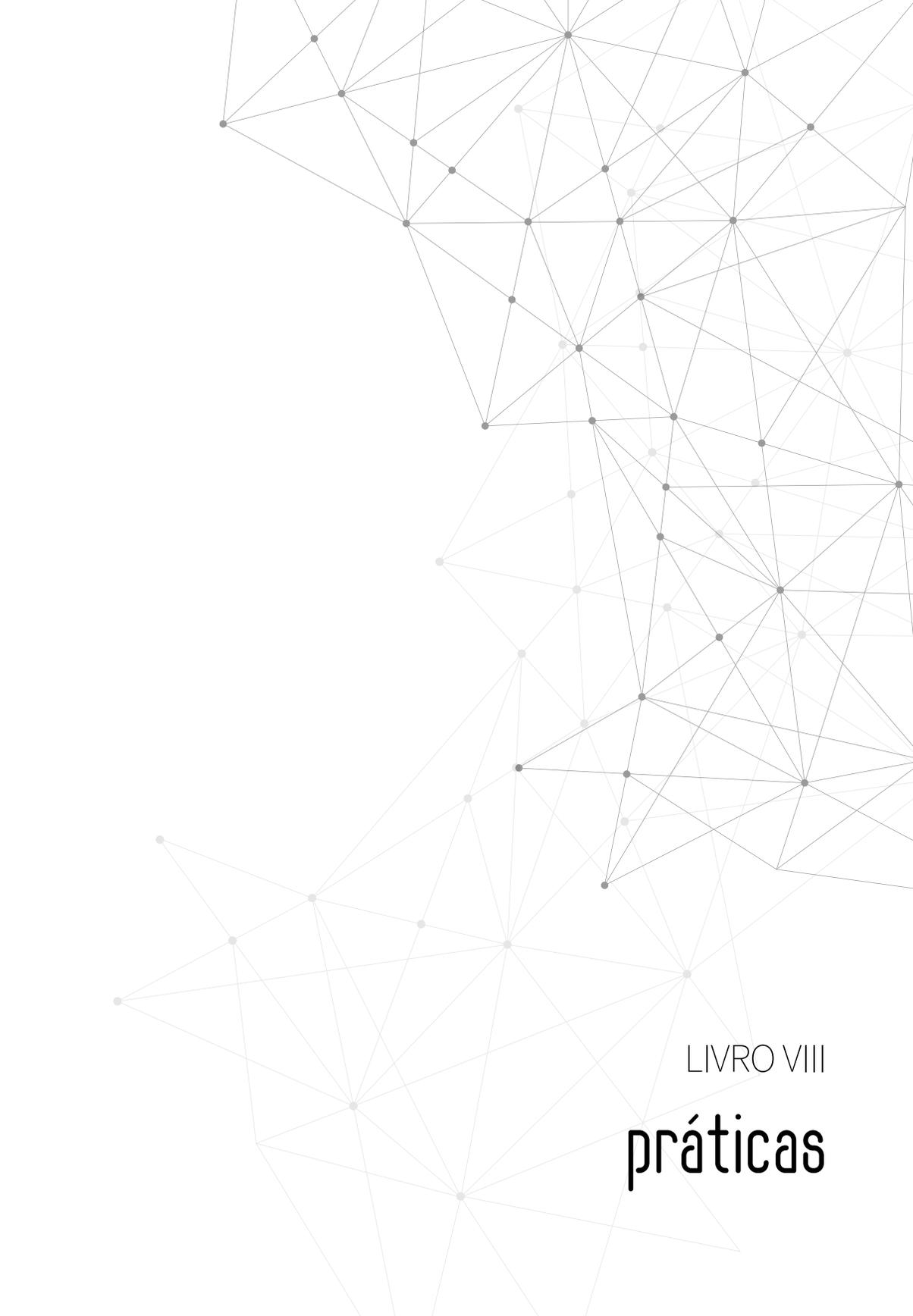
Lembremos de um dos julgamentos mais democráticos da história humana, por meio do qual 500 cidadãos atenienses condenaram à morte por ingestão de cicuta, o homem mais sábio de seu tempo: Sócrates. Outra condenação à morte, também sob consulta popular, cometeu aquilo que considero a maior injustiça humana de todos os tempos, merecedora da nossa mais profunda tristeza. Sim, falo do lamentável julgamento que decretou a morte de Jesus. Poderíamos citar Tiradentes e tantos outros, mas considero a ideia postada.

Portanto, mesmo que reduzíssemos nossa visão apenas para criminosos merecedores das mais legítimas críticas morais, a solução espiritualista prefere abraçar a ajuda psiquiátrica, a terapêutica medicamentosa, psicológica, educativa e espiritual para que conquistemos melhores mecanismos e tratamentos para nossos irmãos caídos nos lamaçais da criminalidade. Absolutamente, não se trata de terceirizar culpas, compactuar com delitos ou mitigar medidas transcendentais e corretivas duríssimas, mas observá-las por outra perspectiva.

POLÍTICA E RELIGIÃO

A espiritualidade consiliente discordará do jargão reducionista “política e religião não se discute”. Nossa visão nada retira ou reduz do bom debate de ideias, obviamente sob a égide do respeito, da serenidade e da real intenção de trilhar a senda da verdade. Preservada a sagrada autonomia de cada escola de sabedoria, vislumbramos a possibilidade de um respeitoso diálogo entre ideologias políticas e religiões, ideais libertários e solidários, além de uma edificante integração entre as visões filosóficas, religiosas e científicas.

Em síntese, os ambientes religiosos e acadêmicos, apesar de suas legítimas e respectivas autonomias interpretativas e administrativas, podem e devem interagir, obviamente mantendo o respeito recíproco e a autonomia de cada instância. Todas as especialidades interconectam-se em todas as camadas de profundidade, consoante a filosofia wilberiana demonstrou e a nossa visão espiritualista consiliente acolheu. O mais importante, como já nos ensinou o filósofo grego Sócrates (469 a.C.-399 a.C.), não está no confronto sofista sedento pela vitória argumentativa, mas sim na sincera busca pela verdade.



LIVRO VIII

práticas

PRÁTICA AUTÔNOMA

O primeiro paradigma a ser quebrado pela prática de uma espiritualidade consiliente é a pseudonecessidade de instituições para otimizar nossa evolução. Muitas vezes, a “desinstitucionalização” liberta-nos e ajuda-nos, ainda mais, em nosso aperfeiçoamento espiritual e necessárias reciclagens ou reformas íntimas. Outras vezes, a prática institucional é tudo de que precisamos.

O espiritualista autônomo merece o mesmo respeito que seus colegas optantes pela prática institucional. Portanto, reverenciamos a legitimidade do pesquisador autossuficiente que opte por seu caminhar independente de instituições. Todavia, cabe-nos refletir sobre as vantagens e desvantagens dessas respeitáveis opções.

As principais vantagens da prática autônoma, evidentemente, estão nas alegrias da maior liberdade e na gigantesca versatilidade do pesquisador independente, que atuará com a agilidade de uma motocicleta em meio a um congestionamento de carros. A desvantagem está na maior possibilidade de acidentes de percurso, eis que a experiência do convívio institucional e seus regramentos podem evitar ou mitigar muitos tropeços.

PRÁTICA INSTITUCIONAL

Para a verificação dos ônus e bônus da prática institucional, basta invertermos as polaridades dos comentários destinados à prática autônoma. Nessa seara, priorizamos a segurança oriunda da união de esforços em detrimento da liberdade. O ganho de escala na esfera caritativa configura outra possibilidade vantajosa do segmento institucional. O mais importante, nesse aspecto, passa longe de uma disputa valorativa entre as op-

ções, mas correspondente ao descobrimento do caminho que melhor se adapta à personalidade do praticante.

A beleza da validação de ambos os caminhos e de outros a serem desbravados está justamente na amplitude das possibilidades evolutivas. Outro aspecto a ser destacado reside no caráter personalíssimo da escolha, vinculado à personalidade de cada um de nós, ofertando-nos o saudável protagonismo de nossa própria evolução.

PALESTRAS PÚBLICAS

As palestras públicas devem seguir um critério que integre os mais variados prismas humanísticos. Precisamos respeitar as demandas corpóreas, energéticas, psicológicas, familiares, sociais e espirituais, não somente pela perspectiva do ouvinte interessado, mas também do palestrante e de todo o universo que o circunda.

Portanto, por influência do aprendizado que obtive na prática racionalista cristã, sugerimos para o local destinado às palestras públicas a presença de um relógio confiável, de tamanho que possibilite sua visualização por todos e que toque a cada quinze minutos para nortear o palestrante.

O tempo de exposição não excederá uma hora (ou outra combinação prévia, em situações com demandas especiais), em consideração e integração aos ouvintes que possuam outros compromissos ou limitações corpóreas. A pontualidade no início e término da palestra é a primeira virtude a ser integrada no conceito “guarda-chuva” que chamamos de respeito ao próximo.

O ambiente deve permanecer em absoluto silêncio, sob a fraterna e assertiva vigilância dos voluntários, até o toque sonoro do início dos trabalhos. Destacaremos, agora, a pontualidade sob o prisma espiritualista: se desejarmos trabalhar com espíritos de escol, devemos compreender que o rigor na administração do tempo implica em condição relevante para tanto.

Outro tema a ser frisado é a preparação energético-espiritual de escolha do palestrante, seguida de breve saudação aos ouvintes. O preparo fluído e o célere introito serão encerrados antes do toque sonoro de quinze

minutos. Os quarenta e cinco minutos subsequentes serão destinados, exclusivamente e sem participação do público, ao palestrante, após o qual o condutor dos trabalhos, a seu critério, poderá abrir para perguntas por mais trinta minutos.

Todas essas regras devem estar expostas de forma visível para todos os ouvintes, sob o título “Roteiro das palestras públicas”:

- Preparação e exposição: 1 hora.
- Extensão para perguntas: 30 minutos.
- Atributos do bom palestrante: disciplina e pontualidade.
- Atributos do bom ouvinte: silêncio e retorno ao lar.

O retorno sereno e diretamente ao lar deve ser praticado pelos voluntários e recomendado aos ouvintes, como forma de integração, respeito e assistência energética aos familiares. Imprescindível evitar-se confabulações posteriores, motivo pelo qual estimula-se a manutenção do ambiente sereno, austero, reflexivo e harmônico, mesmo depois do encerramento dos trabalhos.

Na hipótese de pleitos assistenciais ou demandas pessoais, esses indivíduos devem ser encaminhados para um atendimento fraterno em data oportuna, a fim de viabilizar a devida prestação caritativa, bem como eventuais indicações de leituras ou práticas edificantes.

CONFERÊNCIAS

Tratam-se de imersões intelectuais e vivenciais, que demandam planejamento em consonância com as particularidades do evento e respectivas especificidades. Em geral, exigem refeições, interações sociais e intervalos programados. Diante de diversidades regionais, climáticas e infinitas outras minúcias, inexistem norteamentos específicos para tais atividades, apenas a adoção genérica aos princípios espiritualistas consilientes.

REUNIÕES PARAPSÍQUICAS

Pontualmente, os trabalhos serão abertos, encerrados e intercalados após cada doutrinação com a seguinte vibração, adaptada da vertente racionalista cristã e saudavelmente influenciada pela perspectiva espiritista e de exercícios meditativos:

Deus, Grande Foco e Força Criadora, sabemos que existem leis naturais, imutáveis e transcendentais às quais tudo e todos nós estamos sujeitos. Sabemos ainda que, através do raciocínio, do amor, da ação altruísta, do bom uso do livre-arbítrio e da coragem para a realização de nossas reciclagens íntimas, nosso espírito se esclarece e alcança maior evolução. Portanto, alinhamos nossa vontade à prática do bem e irradiamos pensamentos aos espíritos superiores, para que nos iluminem com o bálsamo da serenidade, das inspirações e energias fluídicas edificantes, a fim de desenvolvermos virtudes para o bom cumprimento de nossos deveres.

As reuniões iluminadas pela presença de indivíduos portadores de parapsiquismo (mediunidade, no linguajar espiritista) intuitivo, psicográfico ou qualquer modalidade *devidamente educada* serão regidas pelo mesmo rigor da pontualidade, da discricção, do amor fraternal e da oportuna preparação com irradiações entre cinco e dez minutos.

Nos trinta minutos subsequentes, o condutor dos trabalhos, utilizando-se de um pequeno bastão de madeira, nos moldes dos racionalistas cristãos, utilizar-se-á de sinais sonoros para determinar o início e término das doutrinações e eventuais manifestações parapsíquicas. Em ambos os casos, ou seja, tanto as doutrinações como as manifestações deverão primar pela ausência de procrastinação.

Os quinze minutos finais serão destinados para eventuais comunicações dos organizadores espirituais dos trabalhos. Tudo dentro de um ambiente austero, amoroso e portador de absoluta rigidez disciplinar. Ao término do quarto sinal sonoro, ou seja, após uma hora de trabalho, o condutor encarnado declarará o encerramento da atividade e todos sairão em silêncio respeitoso e reflexivo para seus respectivos lares.

ESTUDOS E ATENDIMENTOS

Os grupos de estudos devem primar pela liberdade, a fim de enriquecimento e interação fraterna entre as mais diversas perspectivas filosóficas, religiosas ou científicas. Toda pesquisa será bem-vinda, mas somente serão dignas de integração as que enfrentarem, olho no olho, a razão, a metodologia espiritualista consiliente e todos os criteriosos filtros da lógica e do bom senso.

Os atendimentos fraternos, expressão extraída da respeitabilíssima vertente espírita, serão realizados em atendimento individual que prime pela discrição. Em todos os casos, seja nos grupos de estudos com ou sem pesquisador externo, seja nos atendimentos individuais, o rigor ao horário, a preparação do campo energético e o respeito ao silêncio disciplinar e ao tom de voz ameno devem ser demandados pelos atendentes e pelos voluntários presentes nas dependências da instituição.



LIVRO IX

deus

FAZENDO AS PAZES COM DEUS

capítulo 15

CONFUNDINDO ALHOS COM BUGALHOS

Muitos confundem a integração de Deus em nosso arcabouço paradigmático como uma crença pueril ou como uma muleta teórica no campo da autoajuda. Equivocam-se. Os cientistas ateus ou agnósticos não percebem que a admissão ou negação desse conceito impactará suas respectivas visões de mundo, gerando a influência kuhiana que ora relembramos: o efeito paradigma.

Em suma, ao escaparmos do enfrentamento franco e objetivo dessa questão, terminaremos por adotar um paradigma equivocado, omissivo ou inconclusivo, por faltar-lhe justamente sua premissa essencial: Deus. A partir dessa omissão, os políticos materialistas ou os cientistas ateus passarão a confundir *alhos com bugalhos*.

Optamos por enfrentar a questão sob a égide de um poderoso constructo racional, não somente sustentado por dedicados pesquisadores autônomos, como também por honrosas doutrinas e reflexões derivadas de filósofos da Antiguidade, do Racionalismo Cristão, do Espiritismo Cristão, da Filosofia Integral, da Conscienciologia, dos Evangélicos, do Budismo, do Hinduísmo e outras respeitáveis vertentes dos pensamentos científico, filosófico e religioso.

Notamos um ponto bastante comum em inúmeros paradigmas espiritualistas. Chamemos de *carma ou karma*, causa e efeito, ação e reação, sintonia vibracional, atração “pensênica” (acrônimo de origem conscienciológica), ligação energética, dentre outros significantes. As vertentes interpretativas da espiritualidade, tanto ocidentais como orientais, advogam um nexos de causalidade entre pensamentos, sentimentos e ações com os

eventos e encaminhamentos de nossas vidas, como se estivéssemos num fluxo existencial na direção exata daquilo que nossas emanções atraem.

Poderíamos alinhar esse fluxo existencial para obtermos o máximo de excelência de nós mesmos? O espiritualista consiliente abre-se para a existência de Deus como fonte, inspiração e fluxo para essa excelência.¹¹⁵ Trata-se de um constructo racional que refuta o acaso e evolui para um ajustamento inteligente e não-local (onipresente, se preferirem) que rege o universo. Essa fluidez da excelência requer foco, comprometimento, satisfação espiritual e movimentos naturais em que o praticante não se vê isolado da prática, ou seja, um estado de êxtase em que perdemos a noção de tempo-espaço e permitimos nossa integração transcendente.

Respeitaremos a todos que preferirem o uso de terminologia alternativa para designarem o princípio de causa e efeito. Talvez nosso leitor prefira algumas das expressões ou termos já citados ou ainda outras designações oriundas de outras vertentes, como causalidade cósmica, providência divina, efeito sincrônico ou justiça de Deus.

A espiritualidade consiliente não somente respeita, como também agradece a todas as notáveis contribuições tanto das vertentes citadas e inúmeras outras, como também de todos os gloriosos pesquisadores independentes. O espiritualista consiliente vive em paz com todas essas maravilhosas interpretações e, ainda que adote uma metodologia própria, abraça e agradece fraternalmente todas as reflexões pretéritas. Afinal, parafraseando e adaptando uma frase de Isaac Newton: “se aqui chegamos e vimos mais longe foi por estarmos em pé nos ombros dos gigantes que nos precederam”.

Fazer as pazes com Deus inclui o florescer a partir de onde estivermos plantados, o seguir no fluxo evolutivo da excelência, a resignação frente aos dissabores vivenciados e atuação profilática para os revezes futuros, enfim, a coragem para atingirmos nossa maturidade espiritual.

As vicissitudes de nossas respectivas existências nada mais são do que preciosas lições na exata dose de amargor que necessitamos. Eis aqui, o

115 CSIKSZENTIMIHÁLYI, Mihaly. A descoberta do fluxo. São Paulo: Rocco, 1999.

constructo espiritualista consiliente que, se bem desenvolvido pelo leitor, aproximá-lo-á da pacificação com Deus.

SEM DEUS, A CONTA NÃO FECHA

Passei anos pesquisando a Filosofia Integral, a Projeciologia e a Conscienciologia. Julguei particularmente curioso meu interesse por paradigmas que, numa primeira visão, pareciam absolutamente antagônicos. Fiquei intrigado com tais antagonismos e decidi escrever uma teoria conectiva entre estes universos e linguagens aparentemente desconexos.¹¹⁶ Também participei de construtivos debates com intelectuais católicos, quando passei a admirar a mensagem moral e política da Encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, escrita pelo pontífice Leão XIII (1810-1903).

O filósofo português Desidério Murcho¹¹⁷ (1965-) lembrou uma indagação filosófica: por que há algo em vez de nada? Eliminando as respostas superficiais, adentraremos na existência de entidades, planetas, galáxias e, finalmente, a teoria do *Big Bang*. Diante da lógica, o nada não produz nada. Em linguajar poético: por que existe música ao invés de ruído?

Notamos a interdependência entre beleza, harmonia, forma, geometria, enfim, atributos da jurisdição estética com a ciência e a filosofia profunda. Alguns entusiastas teístas encontram Deus até mesmo na matemática e acrescentariam ao campo das indagações: como interpretar, sob a óptica materialista, a sequência de Fibonacci? Tal sequência numérica inicia-se pelo zero e soma o próximo número ao anterior. Portanto: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34 e assim segue ao infinito. Vejamos a Figura 4:

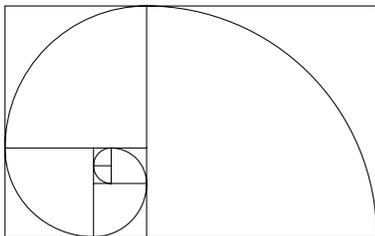


Figura 4 – Representação gráfica da sequência de Fibonacci.

116 MARTINS, Ton. Conexões: perspectivas transcendentais comparadas. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020.

117 MURCHO, Desidério. Por que há algo em vez de nada?. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/existencia-nada-desiderio/>

Descoberta pelo matemático italiano Leonardo Fibonacci (1170-1250), também conhecido como Leonardo de Pisa, a sequência de Fibonacci está relacionada com a “proporção áurea”¹¹⁸ e ficou conhecida como o “código secreto da natureza”,¹¹⁹ pois aparece em situações supostamente desconexas, como em girassóis, abacaxis, conchas de caramujos,¹²⁰ rabos enrolados de camaleões, anatomia humana,¹²¹ criações arquitetônicas e evoluções/retrações do mercado financeiro.¹²² Entretanto, fizemos esse registro apenas como curiosidade suplementar, não apenas porque existem objeções sérias em torno da polêmica sequência matemática, mas, principalmente, porque nosso argumento teísta não segue por tal caminho, pois preferimos advogá-lo servindo-nos de constructos racionais e filosóficos.

Continuei meus estudos dedicados à compressão dos porquês conectivos entre espiritualidade e tais temas aparentemente desconexos, como pacificação social (na política), fenômenos parapsíquicos ou mediúnicos (nas humanidades), além da observação da natureza (na ciência). Estes conhecimentos devem unir-se pela espiritualidade consiliente, estejam “aqui ou acolá”, nessa ou naquela escola de sabedoria.

O pesquisador espiritualista consiliente, como esclarecido, é dotado de uma fluidez libertária para adentrar nas mais variadas vertentes do saber, em utilização gloriosa da lógica, da racionalidade, da verificação de preceitos espiritualistas e da própria ciência.

Retorno à nossa indagação filosófica: o *nada* gera ordem? Talvez a melhor pergunta fosse: o que gera ordem? Acrescentarei um toque ligeiramente poético a tal questão, que desafia religiosos, filósofos e cientistas: todo o ordenamento cósmico e a sinfonia harmônica dele decorrente teriam emergido do “nada”, do “vazio” ou de alguma “não-inteligência” randômica? Não seria necessária uma inteligência (causa) para tal ordenamento (efeito)?

118 Sequência de Fibonacci (artes e natureza). Disponível em: <https://youtu.be/e1-rL3KZALk/>

119 BBC News Brasil (sequência de Fibonacci). Disponível em: <https://youtu.be/CHZWZhHQq4g/>

120 SAHD, Luiza. O que é a sequência de Fibonacci? Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-sequencia-de-fibonacci/>

121 FIBONACCI. The human body. Disponível em: <https://fibonacci.com/humans/>

122 BRASIL PARALELO. O que é Fibonacci? Essa sequência está presente no mundo e até em você. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-fibonacci>

Diante dessa intrigante reflexão filosófica, continuei minha busca racional e imparcial pela verdade para, finalmente, fazer sentido em minha mente a expressão latina *ex nihilo nihil fit*, ou seja, nada surge do nada. Finalmente, percebi a coerência da frase que intitula o presente capítulo, que solicito licença ao leitor para reescrever: *sem Deus, a conta não fecha*.

POR QUE CHEGUEI A TAL CONCLUSÃO?

capítulo 16

ANÁLISE POLÍTICA

Além dos argumentos supra lançados, percebi um padrão nas estratégias políticas de tiranos que buscam perpetuação de poder. Os déspotas precisam assumir um papel messiânico para gerar uma adoração fundamentalista sobre sua imagem. Esclarecerei, num linguajar sem rodeios: nas sociedades mais fechadas e centralizadoras, o planejamento despótico passa pela união artificialmente idealizada dos poderes temporais e atemporais numa única entidade mundana – o Estado. Em outras palavras, concentrar-se-á um gigantesco poder nas mãos do governante manipulador.

Algumas sociedades mais abertas, felizmente, estão conscientes da estratégia acima revelada, o que gera um novo desafio para os centralizadores de poder: como perpetuar sua vilania tirânica? Diante da limitação ditatorial pela parcial lucidez dos governados, alguns ardilosos escravizadores modernos optaram por um outro caminho que passa, curiosamente, pelo materialismo. Senão vejamos:

A substituição de Deus pelo Estado tornou-se a solução para que os falsos messias de terno e gravada criassem a dependência do indivíduo ao ente estatal. Notei um significativo movimento político-ideológico da modernidade para a eliminação do conceito de Deus, intencionado a criar uma dependência do indivíduo em relação a essa nova e falsa divindade: o Estado.

A verdade reside justamente no oposto: o Estado é que depende dos indivíduos. Lamentavelmente, a população mordeu a isca dos manipuladores. Criou-se uma massa de adoradores de políticos que acreditam na santidade quase messiânica de seus respectivos populistas ou déspotas de

estimação. Em suma, passei a observar a retirada do conceito Deus de uma sociedade como uma estratégia política de dominação.

Não se trata, absolutamente, de desvalorizar ou vilificar o ambiente político ou o materialismo científico. Ao contrário, aprendi a valorizar as boas práticas em todas as áreas do saber, mas a observação do ambiente político evidenciou-me que governantes tirânicos fomentam uma espécie de *síndrome de Estocolmo*¹²³ em relação aos seus fanatizados eleitores, criando carcomidos ecossistemas materialistas e concentradores de poder nas mãos de indivíduos “humanos, demasiadamente humanos”.¹²⁴

Os materialistas poderiam objetar-nos através do argumento de que não é apenas o materialismo que fomenta morticínio, mas também as religiões, a exemplo das chamadas guerras “santas”.¹²⁵ Trata-se de um contra-argumento legítimo e merecedor de nossa atenção.

Pois bem, analisemos a máxima religiosa *Deus é amor*. Acrescentemos os exemplos do próprio Cristo, que apontam em sentido absolutamente oposto a qualquer estímulo guerreiro ou de dominação do semelhante. Diante disso, as ações fratricidas praticadas por religiosos devem ser creditadas a um desvio interpretativo, definitivamente inaceitável e incompatível com a essência religiosa.

O morticínio materialista, entretanto, emerge da própria lógica mundana calcada na dominação pela força bruta ou pela astúcia populista. Vale dizer, o belicismo materialista não encontra oposição ou contradição relevante em sua abordagem ideológica. Aliás, o materialismo histórico e outras ideologias políticas materialistas fomentam explicitamente a luta de classes e o *viva la revolución*. Portanto, temos tristes exemplos fratricidas de ambos os lados, mas o primeiro é fruto de equívocos interpretativos; o segundo, oriundo de suas próprias bases ideológicas.

O filósofo ateu Luiz Felipe Pondé porta uma expressão interessante: “o problema de não acreditar em Deus é que o cidadão passa a acreditar em

123 Síndrome de Estocolmo: vínculo afetivo pós-trauma estabelecido com o agente traumatizante.

124 Expressão nietzscheana, ora utilizada com certa jocosidade didática.

125 LUZ, Marcelo da. Onde a religião termina? Foz do Iguaçu: Editares, 2011.

qualquer coisa”. De fato, o homem parece ter um impulso interior para a crença. Errado? Ao contrário dos ateus, vejo com positividade esse pulsar em direção ao transcendente. O problema é que os tiranos sabem disso e manipulam a sociedade para que essa crença seja direcionada para eles, não para Ele.

Em suma, minha análise política desapaixonada e criteriosa da sociedade demonstrou-me que, no momento em que o homem se desconecta de sua própria consciência (como preferem os conscienciólogos) ou de Deus (como preferem os religiosos), ocorre um enfraquecimento da personalidade, transformando-a em presa fácil dos chacais centralizadores de poder e adoradores do Estado. Ao invés de confiar em engenharias sociais, em utopias ideológicas ou em materialismos históricos, prefiro acreditar em Deus.

ANÁLISE RACIONAL

Seria racional aceitarmos a hipótese de que a devastação de um tornado numa loja de autopeças resultasse numa Ferrari vermelha? E, para complementar o chiste reflexivo, acrescenta-se que o veículo estaria polido, abastecido e com a chave no contato. O objetivo da analogia chistosa é demonstrar que o caos randômico não gerará um produto que depende de ordenamento, disciplina, inteligência e uma estratégica sequência produtiva.

Filosoficamente, podemos ampliar a reflexão de uma simples fábrica automotiva para as origens do ordenamento cósmico. Se assim procedermos, veremos que as teses ateístas, curiosa e paradoxalmente, necessitarão de uma fé-cega para sustentar o bizarro contrassenso de que o ordenamento do cosmos advenha do caos ou do acaso. Em suma, a observação lógica e racional do universo aponta para Deus.

Muitos cientistas evitam o tema sob argumentos em torno do empirismo ou de uma suposta “pureza” científica. Respeitamos o procedimento científico, mas reconhecemos que o paradigma materialista encontra-se em ruínas, equilibrando-se mais em argumentos apologeticos dos materialistas do que na própria ciência. Reiteramos que o impacto dessa reflexão decidirá o paradigma científico e, segundo Thomas

Kuhn, influenciará o próprio cientista. Precisamos de uma nova ciência: a ciência espiritualista.

A doutrina espírita adotou a interessante expressão “fé raciocinada”. Essa vertente brinda-nos com argumentos racionais no sentido da existência de Deus, eis que não havendo efeito sem causa, o que não for obra do homem desafia nossa razão sobre sua origem.¹²⁶ A negação do axioma “não há efeito sem causa” levar-nos-ia a admitir que o “nada” pudesse gerar alguma coisa (inteligente e ordenada) e nossa Ferrari do exemplo anterior pudesse ter sido construída pelo citado vendaval desordenado.

A vertente racionalista cristã, como o próprio nome sugere, também propõe a racionalidade como elemento norteador de nossas reflexões sobre os valores cristãos. A respeitabilíssima doutrina observa, com propriedade, nossas conexões sincrônicas como partícula individualizada do Todo Universal. Tudo isso regido por leis naturais e imutáveis que regem o universo, num conjunto de sintonias vibratórias e suas relações causais sobre nossas existências e em direção ao Grande Foco (Deus).

A negação de Deus parece-me galantear com a irracionalidade, não o contrário. E não estou só. O laureado cientista Allan Rex Sandage (1926-2010), um dos maiores astrônomos do mundo e condecorado com doze prêmios científicos relevantes, assim ponderou sobre o ordenamento cósmico: “Acho muito improvável que essa ordem seja proveniente do caos. Deve haver algum princípio organizador. Para mim, Deus é um mistério, mas é a melhor explicação que tenho para o milagre da existência, porque existe algo ao invés de nada”.¹²⁷

Em apertada síntese, a ciência ou a racionalidade não nos afasta de Deus. Ao contrário, a razão e a ciência são verdadeiros apóstolos que nos direcionam para Ele. Enfim, nossas deficiências “egocêntricas, demasiadamente egocêntricas”¹²⁸ é que nos tiram do caminho filosófico do Bom, do Belo e do Verdadeiro. Em linguagem religiosa: Deus.

126 KARDEC, Allan. Livro dos Espíritos. São Paulo: Lake, 1997, questão n. 4, p. 58.

127 REVISTA ULTIMATO. Cientistas dizem que a noção de que existe um Deus criador não é irracional. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/345/cientistas-dizem-que-a-nocao-de-que-existe-um-deus-criador-nao-e-irracional>

128 Adaptação chistosa da expressão nietzschiana: “humano, demasiadamente humano”.

OS CAVALEIROS DO ATÉISMO

A construção filosófica para o acolhimento do conceito Deus como uma realidade objetiva demanda um enfrentamento, sereno e racional, dos contrapontos dos ateístas. Sintetizei os principais argumentos negacionistas, tanto dos chamados “quatro cavaleiros do ateísmo”,¹²⁹ Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens, como também da versão ateísta moderna exposta pelo filósofo e autor brasileiro Luiz Felipe Pondé (1959-), em exposição sob o título análogo, a saber: “Quatro cavaleiros do ateísmo moderno: Nietzsche, Freud, Marx e Darwin”.¹³⁰

Os primeiros “cavaleiros” iniciam por argumentos ligados à postura agressiva dos religiosos frente aos ateus, em linha argumentativa de estilo *ad hominem*, além de mencionarem infelizes gafes de determinados religiosos. Posteriormente, a crítica deriva para as divergências entre os próprios paradigmas religiosos, cuja conclusão lógica seria que a maioria destes paradigmas estariam equivocados, ou todos eles.

A primeira objeção se trata mais de uma queixa ateísta do que propriamente um argumento filosófico, podendo ser facilmente desconstruída, eis que o comportamento agressivo está ligado ao homem em geral e não a determinado grupo, seja ele religioso, político, futebolístico etc. Enfim, existem desentendimentos e contradições também nos campos científico e filosófico, não apenas no religioso. Tais divergências, incongruências ou polarizações obviamente não destroem a ciência ou a filosofia, como também a diversidade religiosa não significa que deveríamos aniquilar as religiões.

Infelizmente, a agressividade contaminou todos os setores e manifestações da nossa existência corpórea, não somente a jurisdição religiosa. Citaremos como exemplo a postura belicista do ateísmo comunista e do materialismo histórico marxista, onde substituiu-se Deus pelo Estado e por falsos messias engravatados, consoante já apontamos. Portanto, considero refutado esse primeiro contraponto.

129 Quatro cavaleiros do ateísmo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWxphOS807M/>

130 Quatro cavaleiros do ateísmo moderno. Disponível em: <https://youtu.be/EalslptrD-g/>

O segundo contraponto dos ateístas baseia-se na afirmação de que as religiões seriam refratárias a diálogos racionais. Temos um equívoco classificatório nessa crítica ateísta, eis que o debatedor coloca num mesmo patamar pesquisadores não-materialistas de diferentes níveis conscienciais. Equiparar fundamentalistas ou fanáticos, sejam eles religiosos ou ateístas, a debatedores sérios e racionais incide numa indevida planificação entre a boa e a má argumentação. Vale dizer, a crítica ateísta escorregou na perigosa generalização, em flagrante erro de categorização.

Tratei essa questão na segunda edição da obra (revisada e ampliada) *Conexões: perspectivas transcendentais comparadas*, bem como na obra *Consciência Turquesa*, da qual deriva o Quadro 7, que esclarecerá o leitor sobre as diferenças interpretativas entre diversos níveis de consciência, do mais simples ao mais profundo:

QUADRO 7 – DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA E RESPECTIVA INTERPRETAÇÃO.

Perspectiva	Interpretação de uma vivência existencial
Instintiva	Insipiente, pois o foco está na sobrevivência
Tribal (ancestralidade e tradição ritualística)	Contato com espíritos ancestrais
Egocêntrica (poder pela força)	Deus escolheu-me para salvar o mundo
Autoritária (ordem e etnocentrismo)	Deus escolheu o meu povo para salvar o mundo
Racional (pelo prisma materialista)	Emersão de arquétipo inconsciente
Consensual (fraternidade ingênua ou legítima)	Seres de luz emanaram amor universal
Integrativa (lucidez sobre o nível do intérprete)	Verificação lúcida e classificatória da informação
Sinérgica (ordenamento das macroconexões)	Identificação do padrão assistencial

Em suma, considero temerária a tentativa ateísta de equiparar uma espiritualidade ingênua, que acredita em deuses do trovão ou algum tipo de criador antropomórfico, a um constructo teísta racional de que o ordenamento cósmico não se coaduna com a *crença ateísta* de um niilismo randômico como organizador do universo. E mais, a crença materialista de que nossos pensamentos, sentimentos ou nossa essência espiritual não passam de epifenômenos ou subprodutos de nosso cérebro material atinge um nível de ingenuidade digno de dialogar apenas com míticas romantizadas ou com intérpretes literais de mensagens religiosas seladas por simbolismos.

Os quatro cavaleiros do ateísmo também comentam sobre a falácia da autoridade religiosa, postura conhecida como *magister dixit* ou apelo à autoridade. Todavia, a exemplo de todas as demais críticas ateístas, o efeito bumerangue do argumento pode ser evocado, da chamada autoridade universitária aos exageros reducionistas dos *especialismos* cartesianos devidamente comentados nessa obra, sem falar nos fanatismos oriundos do próprio ateísmo político e do materialismo histórico, verdadeiros idólatras do “bezerro de ouro” chamado Estado e seus falsos messias. Em suma, os quatro cavaleiros do ateísmo analisaram e dialogaram com crenças supersticiosas e, obviamente, venceram o debate. Trata-se da conhecida técnica do espantalho, atribuindo argumentos fracos ou ilógicos como representantes de *todos* os pesquisadores não-materialistas.

O desafio dos nossos notáveis estudiosos ateístas, que merecem todo o nosso respeito, está em debater com espiritualistas que edifiquem constructos *racionais* sobre legítimos fenômenos transcendentais, vida após a desintegração corpórea, espírito e, finalmente, Deus.

Nesse momento, vale destacarmos a diferenciação espiritista entre “fé-cega” e “fé-raciocinada”. Ao negarem Deus, os “quatro cavaleiros do ateísmo” utilizaram o significante genérico “*as religiões*” para tratar a diversidade religiosa como se todas estivessem no patamar mitológico ou aceitassem deuses antropomórficos. Definitivamente, utilizaram o recurso falacioso da generalização, tomando argumentos míticos e até mesmo embusteiros como representantes de *todas* as religiões. O pueril equívoco saltou-me aos olhos e causou-me espécie, notadamente por se tratarem de homens de reconhecida capacidade intelectual.

Vivemos um momento em que a perspectiva racional foi saudavelmente adotada por espiritualistas. Vale dizer, podemos e devemos usar a razão também para validação espiritualista. Aliás, resgatando a analogia do tornado numa loja de autopeças, afirmamos que a racionalidade aponta para a transcendência e desafia, *vis-à-vis*, a crença ateísta de que o “nada”, a “desordem”, o “vazio” ou a “*alea*” possam gerar um ordenamento inteligente.

O postulado ateísta, em última análise, sugere que um caos randômico construa algo que necessite de inteligência e ordem. Repita-se:

isso soa-me tão pueril como a mítica primitiva apontada pelos ateus e suas interpretações literais. Eis o efeito bumerangue em ação. Aliás, essa literalidade interpretativa é contestada não somente pelos críticos materialistas, mas também por qualificados pesquisadores espiritualistas.

Vejam a pergunta feita pelos quatro cavaleiros do ateísmo: está pronto para enfrentar o fato de que desperdiçou sua vida na glorificação de um mito? Essa pergunta confirma o ilegítimo nivelamento mítico que os ateístas fazem entre os diversos níveis de espiritualidade. Julgo interessante que outra questão seja devolvida para os ateístas, novamente em efeito bumerangue: os ateístas estão prontos para enfrentarem o fato de que desperdiçaram seus potentes intelectos acreditando que o “nada” tenha gerado inteligência e ordenamentos cósmicos?

No tocante aos “quatro cavaleiros do ateísmo moderno” – Nietzsche, Freud, Marx e Darwin – comentarei a análise do também ateuista Luiz Felipe Pondé, que se adjetivou jocosamente de “*ateu não praticante*”. A curiosa expressão do pontiagudo filósofo deixa uma crítica velada aos próprios ateístas, como se o pensador colocasse o ateísmo na prateleira de alguma seita ou doutrina sectária.

O filósofo contemporâneo iniciou pela visão de Sigmund Freud (1856-1939), segundo a qual Deus seria uma espécie de projeção inconsciente de uma figura paterna perfeita, em substituição a um suposto desejo humano de uma perfeição inexistente em nossos pais biológicos.

Pondé continua sua análise com o ateuista Karl Marx (1818-1883), que acreditava que Deus era uma criação humana como desculpa para esconder uma suposta falta de coragem daqueles que não aderissem ao morticínio revolucionário. Enfim, não há lugar para Deus no homem-econômico de Marx, pois seria a superestrutura marxista (e não Deus) que produziria e organizaria o mundo.

Friedrich Nietzsche (1844-1900), por sua vez, na condição de crítico das religiões ocidentais, considerava Deus um produto do ressentimento humano pelo medo de uma suposta indiferença do universo. A esse respeito, o exemplo utilizado por Pondé segue numa comparação entre o

tempo de nossas vidas corpóreas e o tempo do universo, conduzindo seu raciocínio para uma total insignificância das nossas vidas. Eis aqui, a falta de sentido e o vazio existencial dos materialistas, desesperadamente criando falsos significados mundanos, que somente o “super-homem” nietzschiano conseguiria suportar.

O filósofo ateu terminou sua apresentação dos “quatro cavaleiros do ateísmo moderno” por Charles Darwin (1809-1882), aderindo à ideia de que o teatro da vida conduz a uma evolução para uma espécie de “nada” absoluto, em que o tempo não passaria de um movimento inercial em direção à dissolução do ser. A leitura de Pondé sobre a ideia darwinista segue no sentido de Deus como invenção humana, para suprir os espaços vazios da modernidade. Seria uma espécie de criação humana do conceito “Deus” por mero utilitarismo.

Pois bem, passaremos a impugnar tais perspectivas ateístas modernas. A grande pergunta é: nossa existência tem algum sentido transcendente? Confesso que achei pueris os argumentos dos primeiros quatro cavaleiros do ateísmo e considero-os devidamente refutados por meus comentários precedentes. A intervenção de Pondé contém linhas argumentativas filosoficamente mais empolgantes, motivo pelo qual tecerei refutações, uma a uma.

A argumentação baseada em Freud, no sentido de uma criação inconsciente de um pai perfeito, esbarra na generalização da premissa de que todo o ente humano encontrar-se-ia escravizado a uma fase infantiloides e a uma imaturidade existencial incompatível com a fase adulta. Teríamos aqui um novo esmagamento dos níveis de maturidade (mesmo equívoco dos cavaleiros do ateísmo liderados por Dawkins). Como contra-argumento espiritualista, evoco a portentosa inteligência de Wilber, que chamou esse evidente reducionismo de *flatland*, uma espécie de planície imaginária em que todos estaríamos acorrentados num mesmo nível de consciência.

A falácia do nivelamento rasteiro choca-se com a realidade de nossos diferentes níveis de consciência e de maturidade. Em outras palavras, embora traumas e tais prisões infantis existam – síndrome de *Peter Pan* – nem todos de nossa espécie estão escravizados a tais mazelas, como já

demonstrado pelas Psicologias Humanista e Transpessoal e também pelas Psicologias Integral e Espiritual Consiliente ora proposta.

O ateísmo de Marx e a construção reducionista de um homem-econômico já foi objeto de nossa análise política nesta obra, que ora reiteramos. No tocante à negação marxista de Deus, cujo conceito existiria apenas por uma suposta falta de coragem revolucionária, evocarei o conceito do mecanismo de defesa do ego denominado “projeção”, ou seja, atribuir a outras pessoas o comportamento característico de si mesmo. Eis uma versão psicológica do citado efeito bumerangue. Em suma, pondero a existência de mais coragem no homem pacífico que na violência do homem-revolucionário e nas grotescas armas homicidas das revoluções.

Nesse sentido, trago o maior exemplo de coragem de que consigo lembrar, ou seja, a história e os exemplos de amor, heroísmo e resiliência pacifista do próprio Cristo. A ética transcendente está no oposto do morticínio revolucionário e dos impulsos guerreiros, pois a verdadeira coragem está no caminhar pela senda da pacificação íntima. Vejamos o que diz um breve trecho da obra *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*:

“Brasileiros, ensarilhemos, para sempre, as armas homicidas das revoluções!... Consideremos o valor espiritual do nosso grande destino. Engrandecemos a pátria no cumprimento do dever pela ordem, e traduzamos a nossa dedicação mediante o trabalho honesto pela sua grandeza! Consideremos, acima de tudo, que todas as suas realizações hão de merecer a luminosa sanção de Jesus, antes de se fixarem nos bastidores do poder transitório e precário dos homens! Nos dias de provação, como nas horas de venturas, estejamos irmanados numa doce aliança de fraternidade e paz indestrutível, dentro da qual deveremos esperar as claridades do futuro”.

Destaco o pensamento acima não apenas como refutação ao conceito reducionista do “homem-econômico” e do “homem-revolucionário” marxistas, mas, principalmente, como forma de reiterar que a verdadeira coragem está na pacificação de nossos pensamentos, sentimentos e ações, jamais na insanidade bélica ou em revoluções fratricidas. Geralmente, há mais heroísmo na resignação que na violência, no silêncio que nos gritos de guerra, no pacifismo que no furor revolucionário. O nosso grande desafio está no desenvolvimento de uma personalidade espiritualista ou, ao menos, humanista, no sentido mais amplo e edificante dos termos.

Nessa sequência, vejamos o terrível vazio existencial que somente o ateísmo do “super-homem” nietzschiano seria capaz de enfrentar. Esse horror do mergulho para o “nada” e para o vazio de uma imaginária inexistência após a morte corpórea levaram os intérpretes darwinistas a preferirem uma falsa crença em algum significado que eles próprios julgavam não existir.

Aos que enfrentam esse doloroso vazio, deixo meu próprio exemplo pessoal: ao sair do meu próprio umbigo em direção ao próximo, encontrei uma significação espiritual ou, se preferirem outra expressão, um sentido existencial e uma reconfortante paz de espírito. Chamarei esse fenômeno de paradoxo do altruísmo, pois ao sairmos de nós mesmos, encontraremos a nossa própria felicidade.

Notem os meus amigos leitores que criacionismo e evolucionismo, numa reflexão mais profunda, não são necessariamente excludentes. Podemos admitir criação e posterior evolução, tal qual a linha de produção do exemplo da nossa Ferrari vermelha, que evoluiu de um conjunto de peças para um veículo, foi precedida por um projeto e, antes dele, por uma ideia. Em última análise, nossa Ferrari foi criada por uma inteligência em ação.

Por fim, deixo uma mensagem para todos os cavaleiros do ateísmo. A notícia é alvissareira, pois esse vazio e essa angustiada falta de significado que estão em seus corações são as verdadeiras ilusões. Meus queridos amigos materialistas e ateístas, vós estais na produção cinematográfica *Matrix* e a pílula da realidade é a espiritualidade. Em outras palavras, o significado evolutivo da vida e o nosso propósito existencial são mais reais, palpáveis e verdadeiros que o computador que seguro em minhas mãos e no qual registro estas palavras.

ANÁLISE SENTIMENTAL

Nossas dificuldades mesológicas, sempre vinculadas às coleiras de nosso próprio ego, muitas vezes nos impedem de buscar a racionalidade nas mais diversas escolas de sabedoria, mas a razão parece não ser a última bolachinha do pacote cósmico, ao menos na busca de indagações transcendentais ao materialismo.

Curiosamente, ao estudar a quarta força da Psicologia, reacendi a tocha de sentimentos impulsionadores da busca pelas respostas que pacificassem minhas curiosidades e inquietações filosóficas. Lembrei-me também das doze robustas apostilas de meu curso de aperfeiçoamento em Psicologia Transpessoal, correspondentes a mais de setecentas páginas. Em todo esse material apostilado, líamos a frase de abertura: “Saudações plenas de amor!” Naquela época, julgava o amoroso cumprimento algo próximo da pieguice. Somente hoje, cerca de duas décadas mais maduro, compreendo a profundidade dessa saudação.

Minha busca, até então, trilhava disciplinadamente a senda da racionalidade e nela ainda continuo. Todavia, agreguei aos meus valores a importância dos sentimentos em torno do amor, esposada pelas doutrinas cristãs e tantos outros segmentos dedicados ao bem. Destaco a figura incomparável de Jesus, o Cristo, que impactou a sociedade da época com a boa nova da amorosidade, cujos efeitos positivos reverberam até os dias atuais.

Podemos citar outras respeitadas personalidades de diferentes tradições de sabedoria, religiosas ou científicas, que conduziram a história humana para novos patamares assistenciais, além de nos delegarem virtuosos exemplos no campo da fraternidade e das descobertas científicas que auxiliaram milhões de seres. Dentre outros luminares no campo humanístico, sejam cientistas ou religiosos de diferentes vertentes, destacaremos alguns, em ordem alfabética, para concentrarmos nossa mais profunda reverência e gratidão:

- Alexander Fleming: descobridor da penicilina, Nobel em Fisiologia e Medicina.
- Francisco Cândido Xavier: ícone da caridade e notável espírita brasileiro.
- Luiz de Mattos: empreendedor e fundador do Racionalismo Cristão.
- Madre Teresa de Calcutá: notável religiosa católica albanesa.
- Mohandas (Mahatma) K. Gandhi: advogado, pacifista e líder indiano, indicado cinco vezes ao prêmio Nobel da Paz.

Como destaquei, sempre valorizei e ainda trilho com o mesmo afínco de outrora a senda do conhecimento científico e racionalidade filosófica, inclusive na investigação de sentimentos edificantes e da própria

espiritualidade. Todavia, percebi que não se aprende a nadar somente através de livros, mas também (e principalmente) praticando na piscina da solidariedade.

Por isso, decidi encerrar esta obra ofertando um relato pessoal: somente no exercício caritativo, aprendi a nadar nos glorificantes oceanos da fraternidade e, apesar de ainda engasgar-me em certas marolas, sigo em minhas braçadas integrativas da ciência do “eu-solitário” para a ciência-ética do “eu-solidário”, enfim, de um conhecimento fecundado pelo amor. Definitivamente, fiz as pazes com Deus.

POSFÁCIO



AGRADECIMENTOS E CONCLUSÕES

Esta obra não existiria sem as preciosas virtudes apreendidas pela observação de pessoas amigas e de maravilhosas escolas de sabedoria que conheci. Expresso meu agradecimento a todos os amigos e vertentes transcendentais ao materialismo, estas últimas listadas em ordem alfabética e acompanhadas do principal aprendizado obtido a partir de cada uma:

- Catolicismo (Encíclica *Rerum Novarum*): reflexões políticas.
- Conscienciologia: tecnicidade científica e estudo sinonímico.
- Espiritismo: riqueza literária e profundidade espiritualista.
- Filosofia integral: robustos mapas integrais e sínteses consistentes.
- Racionalismo Cristão: rigorosa disciplina na prática doutrinária.

BIBLIOGRAFIA

- BECK, Don Eduard; COWAN, C. Christopher. *Spiral Dynamics*. Nova Jersey: Black Publishers, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1973.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- CERQUEIRA FILHO, Alírio de. *Inteligência consciencial*. Cuiabá: Plenitude Humana, 2018.
- CSIZKSZENTIMIHALYI, Mihaly. *A descoberta do fluxo*. São Paulo: Rocco, 1999.
- DAHLKE, Rüdiger. *A doença como linguagem da alma*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- DAHLKE, Rüdiger; THORWALD, Dethlefsen. *A doença como caminho*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido*. São Paulo: Editora Vozes, 2021.
- GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2010, versão digital.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. São Paulo: Ed. Objetiva, 1995.
- HAYEK, Friedrich August von. *O caminho da servidão*. São Paulo: LVM Editora, 2012, versão digital.
- JOÃO XXIII, Papa. *Carta Encíclica Rerum Novarum (sobre a condição dos operários)*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html/
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Ed. Lake, 1997.
- KARDEC, Allan; *O livro dos médiuns*.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- Leão XIII, *Rerum Novarum: sobre a condição dos operários*. São Paulo: Ed. Sapiência.
- LUZ, Marcelo da. *Onde a religião termina?* Foz do Iguaçu: Editares, 2011.
- MARTINS, Ton. *Conexões: perspectivas transcendentais comparadas*. Jundiaí: W. Martins Junior, 2020.
- MARTINS, Ton. *Consciência Turquesa*. Jundiaí: Luce, 2017.
- MARTINS, Ton; MARTINS, Gabriel Nardi. *Criptomoedas: a profilaxia da tirania*. Jundiaí: Luce, 2021.

MARTINS, Ton; TAVARES, Renata; GONÇALVES, Jonisval Brito; PANNON DE MATOS, Mário Jorge; ORLEANS E BRANGANÇA, Luiz Philippe de. *A Libertadora: uma constituição para o Brasil*. São Paulo: LVM, 2022.

MATOS, Luiz de. *A vida fora da matéria*. São Paulo: Centro Redentor, 1980.

MATOS, Luiz de. *Prática do Racionalismo Cristão*. São Paulo: Editora Centro Redentor, 2001.

PAVAI JÚNIOR, Orlando. *30 leis do olho de tigre*. 2.ed. São Paulo: Literare Books Internacional, 2020.

PIERRE, Weil; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015

PLATÃO. *A República, Livros VII e X*. Brasília: Editora UnB, 1989.

PONDÉ, Luiz Felipe. *A era do ressentimento*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

SILVA, Glaci Ribeiro da. *Racionalismo cristão e ciência experimental*. Cotia: Ibis, 2004.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

STEINER, Rudolf. *O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia*. 5.ed. São Paulo: Antroposófica, 2015. (*A Arte da Educação*; v.1)

TART, Charles. *The End of Materialism*. Oakland: New Harbinger Publications, 2009.

VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*. Foz de Iguaçu: Editares, 2019.

WILBER, Ken. *A união da alma e dos sentidos: integrando ciência e religião*. São Paulo: Cultrix, 1998.

WILBER, Ken. *Obras completas*. Nova Iorque: Random House, 1999.

WILBER, Ken. *Psicologia integral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

WILHELM, Richard. *I Ching, o livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 1984.

WILSON, Edward O. *A unidade do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

XAVIER, Francisco Cândido. *Ave, Cristo*. São Paulo: FEB, 1972.

XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*. São Paulo: FEB, 2015.

XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. São Paulo: FEB, 2014, versão digital.

XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. São Paulo: FEB, 2014.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *Inteligência Espiritual*. São Paulo: Ed. Viva Livros, 2017.

VIDEOGRAFIA

BARKER, Joel Arthur. The power of vision. Disponível em: <https://youtu.be/5uL2CXVTpp4/>

VILLA, Marco Antonio. Corrupção: mensalão e petróleo. Disponível em: <https://youtu.be/h9zZ3BiHQjo/>

Desrespeito a símbolos cristãos. Disponível em: <https://youtu.be/haDDltbA3uE/>

CHAUÍ, Marilena. Discurso de ódio à classe média. Disponível em: <https://youtu.be/svsMNFkQCHY/>

IASI, Mauro. Discurso de ódio aos conservadores. Disponível em: https://youtu.be/PtPGVMXt1_0/

JORGE, Eduardo. Ditadura do proletariado. Disponível em: <https://youtu.be/H5h4xW558hk/>

GABEIRA, Fernando. Ditadura do proletariado. Disponível em: <https://youtu.be/cP5PGY08vbs/>

PONDÉ, Luiz Felipe. Ditadura do proletariado. Disponível em: <https://youtu.be/elw6ON4KrrM/>

MAGALHÃES, Vera. Ditadura do proletariado. Disponível em: <https://youtu.be/311w66Zpyuw/>

NAGIB, Miguel. Doutrinação ideológica. Disponível em: <https://youtu.be/uwSpMNIWRjg/>

PONDÉ, Luiz Felipe. Geração “mi-mi-mi”. Disponível em: <https://youtu.be/Q8mvcEAYCHo/>

FRANCO, Divaldo. Ideologia de gênero. Disponível em: https://youtu.be/3KZ3bH3U_ec/

FRANCO, Divaldo. Ideologia de gênero. Disponível em: <https://youtu.be/m9WNM4q9aWQ/>

BRASIL PARALELO. Ideologia de gênero. Disponível em: <https://youtu.be/EOdcJ7JuiXk/>

DIAS, Haroldo Dutra. Ideologia de gênero. Disponível em: <https://youtu.be/bUvsE-3vFvg/>

O Ponto de Mutação (filme de 1990). Disponível em: https://youtu.be/Q-c5_xnRsTI/

Sequência de Fibonacci. Disponível em: <https://youtu.be/e1-rL3KZALk/>

BBC News Brasil (sequência de Fibonacci). Disponível em: <https://youtu.be/cHZWZhHQq4g/>

Sequência de Fibonacci. Disponível em: <https://youtu.be/P0tLb15LrJ8>

SÍTIOS ELETRÔNICOS

Blockchain:

<https://beincrypto.com.br/os-planos-ambiciosos-da-cardano-para-a-africa/>

<https://investidor.estadao.com.br/criptomoedas/smart-contracts-tecnologia-criptomoedas-blockchain/>

<https://livecoins.com.br/cardano-e-africa-um-olhar-para-o-futuro/>

Ciência:

<https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/345/cientistas-dizem-que-a-nocao-de-que-existe-um-deus-criador-nao-e-irracional/>

<https://campusceaec.org/o-que-e-o-principio-da-descrenca/>

Discurso de ódio (Marilena Chauí):

<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/o-video-revela-por-que-marilena-chau-i-a-musa-do-pt-odeia-a-classe-media/>

Doutrinação político-ideológica:

<https://www.escolasempartido.org/>

Economia (congelamento de preços):

<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=772/>

<https://www.brasilparalelo.com.br/originais-bp/a-queda-argentina/>

<https://www.infomoney.com.br/mercados/do-egito-antigo-a-venezuela-ainda-nao-aprendemos-que-congelar-precos-nao-funciona/>

<https://ideiasradicais.com.br/imperio-romano/>

Economia (Planos Bresser e Funaro):

<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2277/>

<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1488/>

Encíclica *Rerum Novarum*:

https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-1-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html/

Espiritismo:

http://www.momento.com.br/pt/ler_texto.php?id=1916&stat=0/

Filosofia:

<https://tonmartins.com.br/tributo-a-farias-brito/>

<https://estadodaarte.estadao.com.br/existencia-nada-desiderio/>

Hólon (Mario Sérgio Cortella):

http://www.profcordella.com.br/unisanta/textos/fqa12_conceito_holon.htm/

Ideologia de gênero:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/11/internacional/1560232651_176929.html/

<https://jovempan.com.br/opiniaio-jovem-pan/comentaristas/adrilles-jorge/impor-a-linguagem-neutra-a-criancas-e-um-crime.html>

<https://www.cnbb.org.br/ideologia-de-genero/>

<https://www.correioespirita.org.br/categorias/artigos-diversos/2626-ideologia-de-genero-se-baseia-no-materialismo/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/frente-parlamentar-evangelica-pede-fim-da-ideologia-de-genero-nas-escolas-1d7yzu1chr90krvj66k52623c/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/disforia-de-genero-mudanca-de-sexo-precoce-marcas-irreparaveis-em-criancas/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/vereador-trans-propoe-uso-de-nome-social-por-criancas-sem-autorizacao-de-pais/>

Moral (decadência):

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml/>

<https://www.leijaja.com/cultura/2019/02/12/performance-que-explora-o-anus-em-cartaz-em-sao-paulo/>

Política:

<https://blogs.uai.com.br/opiniaosemmedo/2021/01/27/vida-de-gado-o-que-faz-lulistas-e-bolsonaristas-agirem-da-mesma-forma/>

<https://ilmg.org.br/voce-e-massa-de-manobra/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Curral_eleitoral/

<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/nazismo/>

Psicossomática:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v5n8/04.pdf>

<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/a-ciencia-da-somatizacao/>

<https://www.apsiquiatra.com.br/a-relacao-corpo-mente-e-o-perigo-das-doencas-psicossomaticas/>

<https://www.meditecomigo.org/a-doenca-como-caminho/>

<https://www.psicanaliseclinica.com/livro-o-corpo-fala/>

<https://www.ipnatal.org.br/2020/07/16/a-doenca-tambem-e-bencao-de-deus/>

Sequência de Fibonacci

<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-fibonacci/>

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-sequencia-de-fibonacci/>

<https://super.abril.com.br/coluna/supernovas/o-girassol-e-a-sequencia-de-fibonacci/>

<https://super.abril.com.br/coluna/supernovas/o-girassol-e-a-sequencia-de-fibonacci/>

<https://www.infomoney.com.br/mercados/numeros-de-fibonacci-forma-simples-para-tentar-prever-reversoes-de-mercado/>

<https://fibonacci.com/humans/>

ÍNDICE DETALHADO

PREFÁCIO	
Os duetos estão chegando! _____	13
INTRODUÇÃO	
A saga do título _____	19
LIVRO I – ESPIRITUALIDADE CONSILIENTE	
• Capítulo 1 O que é?	
Ciência _____	27
Filosofia _____	29
Religião _____	31
Perspectiva _____	32
Epistemologia _____	33
• Capítulo 2 Método	
Atemporalidade e não-localidade _____	35
Distopia exemplarista _____	36
Universalidade ética do resultado _____	38
Relação processo-resultado _____	39
Interação metodológica _____	42
• Capítulo 3 Princípios	
Subjetivo _____	43
Intersubjetivo _____	45
Objetivo _____	47
Interobjetivo _____	48
A visão sistêmica é holística? _____	49
Princípios espiritualistas consilientes _____	50
LIVRO II – AS FALSAS DICOTOMIAS	
• Capítulo 4 Conhecimento <i>versus</i> amor	
A falácia “isso <i>versus</i> aquilo” _____	53
Por que integrar? _____	53
• Capítulo 5 Liberdade e solidariedade	
A integração do indivíduo _____	55
A integração da liberdade _____	57
A integração do coletivo _____	59
A integração da solidariedade _____	61
Síntese: o altruísmo _____	62
• Capítulo 6 Bem e mal	
Objetividade _____	65
Subjetividade _____	66

• Capítulo 7 A solução	
Integração objetividade-subjetividade _____	69
Integração interobjetividade-intersubjetividade _____	69
O verdadeiro e o falso holismo _____	71
A solução espiritualista consiliente _____	73

LIVRO III – OS NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA

• Capítulo 8 Profundidade	
Material _____	79
Energética _____	80
Emocional _____	81
Mental _____	82
Espiritual _____	82
Espiritualista consiliente _____	83
• Capítulo 9 Quocientes de performance	
Quociente de inteligência _____	87
Quociente emocional _____	88
Quociente espiritual _____	88
Quociente consiliente _____	90

LIVRO IV – A INTEGRAÇÃO POLÍTICA

• Capítulo 10 O caminho da paz	
Libertarianismo _____	95
Liberalismo clássico _____	96
Coletivismo _____	98
Conservadorismo _____	101
Pacifismo político _____	102

LIVRO V – A INTEGRAÇÃO PSICOLÓGICA

• Capítulo 11 As forças da psicologia	
1ª força: Behaviorismo _____	107
2ª força: Psicanálise _____	107
3ª força: Psicologia Humanista _____	108
4ª força: Psicologia Transpessoal _____	109
5ª força: Psicologia Integral _____	111
6ª força: Psicologia Espiritual Consiliente _____	111

LIVRO VI – A INTEGRAÇÃO CARITATIVA

• Capítulo 12 Entre o peixe, a pesca e o lago	
Dar o peixe _____	115
Ensinar a pescar _____	116
Criar o lago _____	116
Enfim, o oceano _____	117

LIVRO VII – AS POLÊMICAS

• Capítulo 13 Principais polêmicas da atualidade	
Aborto _____	121
Eutanásia _____	123
Ideologia de gênero _____	124
Pena de morte _____	125
Política e religião _____	127

LIVRO VIII – PRÁTICAS

• Capítulo 14 Modalidades	
Prática autônoma _____	131
Prática institucional _____	131
Palestras públicas _____	132
Conferências _____	133
Reuniões parapsíquicas _____	133
Estudos e atendimentos _____	134

LIVRO IX – DEUS

• Capítulo 15 Fazendo as pazes com Deus	
Confundindo alhos com bugalhos _____	139
Sem Deus, a conta não fecha _____	141
• Capítulo 16 Por que cheguei a tal conclusão?	
Análise política _____	145
Análise racional _____	147
Os cavaleiros do ateísmo _____	149
Análise sentimental _____	155

POSFÁCIO _____	159
BIBLIOGRAFIA _____	161
VIDEOGRAFIA _____	163
SÍTIOS ELETRÔNICOS _____	164
ÍNDICE DETALHADO _____	167



TON MARTINS

Wellington Martins Junior nasceu em 1966, num Brasil envolto em turbulências políticas. Graduou-se em Direito em 1988, ano da promulgação da “Constituição Cidadã”, da qual é crítico mordaz.

Manteve estudos sobre Justiça, Psicologia, Psicanálise, Conscienciologia, Filosofia Integral, Racionalismo Cristão, Espiral Evolutiva, Espiritismo Cristão e diversas perspectivas transcendentais ao materialismo.

Como ativista, acentuadamente nos anos de 2015 e 2016, apadrinhou movimentos contra a tirania sistêmica instalada nas instituições brasileiras.

Em 2017, retomou sua vocação acadêmica e, em 2020, concluiu sua formação em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. No mesmo ano, intensificou seus estudos sobre as grandes perspectivas políticas, além de ter aprofundado sua pesquisa sobre o eixo materialismo-espiritualismo e sobre a retórica em torno da suposta igualdade meritória em detrimento da ética e do talento.

Adentrou em 2022 envolvido com a criação de texto constitucional com notáveis juristas e preciosos amigos, com quem construiu um histórico de irmandade e confiança, resultando na publicação da obra “A Libertadora: uma constituição para o Brasil”.



TON MARTINS

espiritualidade consiliente

UMA OPÇÃO EXISTENCIAL

Muitos de nós necessitam de rótulos para estruturar uma sensação de pertencimento. Nesse contexto, o que seria Espiritualidade Consiliente? Uma busca por plenitude? Apenas mais um rótulo? Estaríamos diante de uma filosofia de vida, uma crença religiosa ou uma extensão da ciência para patamares espiritualistas? Poderíamos englobar nesse conceito a Filosofia Integral wilberiana ou alguma filosofia existencialista? Como rotular o “não-rotulável”?

Boa jornada nessa descoberta!